

THEUS

DO FOGO À BUSCA DE SI MESMO

200500011315

1021140915180005
07010218090512

102114201519
16011801
190513161805



3ª EDIÇÃO!

FABRÍCIO VIANA



EDITORA
ORGÁSTICA

editoraorgastica.com

© **Copyright, 2015** - *THEUS: do fogo à busca de si mesmo* esta registrado no Escritório de Direitos Autorais. A reprodução total ou parcial sem autorização de seu organizador; ou autores; ou da editora é proibida conforme a Lei 9.610/98. Segunda edição.

O livro Theus NÃO É VENDIDO EM LIVRARIAS, para comprar a versão impressa (196 páginas, formato 14x21cm), apenas neste link (no final do pedido, insira o cupon "theus15"

e ganhe 15% de desconto!): <http://editoraorgastica.com/produto/livro-theus-do-fogo-a-busca-de-si-mesmo>

Curta o Facebook do livro THEUS:

www.facebook.com/livrotheus

Se você mora em São Paulo/SP, pode comprar a versão impressa do livro APENAS na Banca de Jornal MastroRosa, que fica na Rua Vieira de Carvalho, 10, ao lado da Praça da República.

Autor

Fabício Viana

Produção editorial

Editora Orgástica

www.editoraorgastica.com

Facebook: www.facebook.com/EditoraOrgastica

Twitter: www.twitter.com/EdOrgastica

Instagram: www.instagram.com/edorgastica

Revisão

Bonie Santos

Bárbara Silveira

AGRADECIMENTOS

Nunca havia pensando em me tornar escritor e muito menos em criar obras para o público LGBT. E aqui estou, no meu quarto livro, mais uma vez, me expressando por meio da arte literária e fazendo parte da história cultural, colorida e diversificada LGBT do Brasil.

Às vezes me assusto com tudo isso. Ser conhecido aqui e ali. Ser chamado para eventos, congressos e palestras por todo este imenso Brasil, além dos prêmios literários que ganhei, não é algo que acontece com qualquer um ou a qualquer momento. Porém, vem acontecendo comigo desde o lançamento do meu primeiro livro, em 2006. Perdi as contas dos programas de TV de que participei e das entrevistas que dei a jornais, revistas e sites existentes neste mundo absurdamente grande. E a cada dia que passa, meus escritos se espalham, são emprestados, comentados, amados e, raramente, odiados. Eu? Só tenho a agradecer.

Agradecer aos amigos e aos leitores que, de fato, gostam do que eu produzo e me incentivam, dia após dia, a nunca parar de escrever. Portanto, a todos vocês, meu muito obrigado!

Fabrizio Viana

www.fabricioviana.com

OceanofPDF.com

Dedico esta obra à Adriana Simone, Alex Viana, Alzira Viana, André Luiz, Bruno Chagas, Carlos Ferreira, Cleber Francisco, Luiz Nogueira, Marli Porto e Robson Amante.

OceanofPDF.com

1021140915180014011500010318050409201500172105002215030500031
5141905072109210004050309061801180005192005000315040907150019
0500091919150001031514200503052100190907140906090301001721050
0052100060914011213051420050001021809001500101507150016011801
0022150305001305210007180114040500011315180020050001131500050
019051316180500200500011301180509

CAPÍTULO 1

Talvez o caminho para a grande evolução da consciência esteja na capacidade individual de quebrar alguns conceitos aprendidos desde a infância. E o Junior estava aos poucos aprendendo isso com a vida.

Era noite de quinta-feira quando ele, já um pouco tonto pela bebida que havia tomado minutos antes, atravessava a pista de dança de uma casa noturna localizada no centro de São Paulo. A música estava alta, alguns rapazes dançavam sem camisa e ele, que tinha acabado de chegar, só precisava ir ao banheiro esvaziar sua bexiga. Quando entrou no banheiro, Junior observou que na fila para usar o reservado estava um rapaz que ele tinha visto lá fora, bem na entrada daquela famosa boate, e pelo qual havia se interessado. O cara, muito bonito, estava com uma garota que parecia ser sua namorada, e por isso ele não tinha dado tanta importância antes. Mas, felizmente, ela não estava ali com ele. Talvez esta fosse uma ótima oportunidade para ele investir. Ou não: Junior precisava perceber se o cara também tinha interesse nele; afinal, o que um não quer, dois não fazem.

Felizmente, ele queria. Após utilizar o reservado, o rapaz foi lavar as mãos e, ao se virar, deu de cara com Junior ainda na fila. O encontro de olhares foi fatal. Sabe quando você conhece alguém, os olhos ficam fixos e tudo em volta parece acontecer em câmera lenta? Foi exatamente isso o que aconteceu. O moço, ainda olhando fixamente em seus olhos, soltou um leve sorriso, e Junior, mesmo sendo muito tímido, retribuiu automaticamente. Até que o cara, por conta da música alta, foi até seu ouvido e disse:

– Uau, você é uma graça!

– Obrigado! Você também.

– Qual é o seu nome? – perguntou o rapaz, enquanto voltava a fixar seus olhos nos de Junior.

– Meu nome é um pouco complicado – respondeu Junior com seu sotaque interiorano, olhando para baixo. – Mas pode me chamar de Junior. E o seu? – continuou baixinho, enquanto seus rostos voltavam a ficar próximos.

– Carlos. Pode me chamar de Carlos – disse todo cheio de si, tentando beijá-lo logo em seguida.

– Ei! Espera! E a sua namorada? – Junior disse, empurrando-o.

– Aquela garota? Nem faço ideia de quem seja! – ele gargalhou. – Eu vim para cá sozinho – continuou ele, voltando a ficar sério.

– Sozinho? Mas vocês estavam quase se agarrando lá fora. Na fila.

– Ah, então quer dizer que você já estava me espiando, é?

– Não. Claro que não. Eu só vi você rapidamente – Junior disse, desviando o olhar.

– Não, eu vim sozinho mesmo. – insistiu ele, depois continuou. – Se eu conhecesse aquela garota, eu diria que era minha amiga. Ou então que eu estava ficando com ela. Mas não é nada disso...

– Tem certeza?

– Claro! A gente nem se conhece, por que eu mentiria para você?

– É verdade. Você tem razão. Não há motivo nenhum para mentir.

Com um argumento destes, não restavam mais dúvidas. Foi então que Carlos investiu novamente e os dois acabaram se beijando ali mesmo. Carlos era um alemão alto e muito atraente, usava cabelo curto, raspado nas laterais como se fosse um soldado do exército, uma camisa clara e calça jeans. Já Junior era um moreno bonito e musculoso, tinha a cabeça raspada e vestia uma regata branca e bermuda. O que eles tinham em comum? Falavam grosso e nenhum dos dois tinha trejeitos. Talvez por isso eles tenham se curtido tão rápido: nem sempre os opostos se atraem; aliás, o mais comum nas relações humanas é que características iguais ajudem na aproximação, principalmente nas amizades. E assim eles ficaram: se beijando no banheiro por incontáveis minutos, até que Carlos resolveu parar porque Junior também precisava usar o banheiro.

Enquanto usava o reservado, Junior sabia que, ao sair dali, deveria manter a postura e não expressar sua felicidade por ter beijado um cara por quem havia se interessado desde sua chegada. Não se deve demonstrar essas coisas. Mesmo porque sua felicidade nem era tão grande assim; apenas estava contente por ter encontrado alguém legal. Afinal de contas, nem sempre quando vamos para uma balada conseguimos ficar com aquela

pessoa que tanto desejamos. Quando isso acontece, a probabilidade de o encontro se tornar algo mais sério aumenta. Não que Junior estivesse procurando alguém, mas, se acontecesse algo entre eles, seria muito bem vindo.

Assim que Junior usou o banheiro e lavou as mãos, Carlos, que aguardava na porta, o convidou para tomar algo no bar próximo à pista de dança.

– Toma, Junior, um gole! – Carlos ofereceu a bebida que tinha em mãos.

– Não, obrigado, vou pegar uma caipirinha. – Junior lembrou-se rapidamente do que seu amigo Gabriel havia falado sobre aceitar qualquer coisa de qualquer um em qualquer lugar. Por mais simpática ou bonita que a pessoa fosse, sempre poderia ter algo na bebida ou até mesmo em goma de mascar recheada.

– Tudo bem. É só energético.

– Eu gosto de caipirinha, é a terceira que tomo hoje. Mas obrigado mesmo assim.

– Terceira? Olha lá, hein! Não vou levar nenhum marmanjo no colo para casa – disse Carlos, sorrindo.

– Pode deixar, já estou acostumado! Fique sossegado – Junior mostrou seu tímido sorriso.

– Tudo bem, então! Curte sempre esta balada? – perguntou Carlos, enquanto passava uma de suas mãos sutilmente pelo corpo do Junior.

– Na verdade, não. Não gosto muito daqui do centro. Mas é uma das poucas que abre às quintas. E a qualidade do som é boa. Me disseram que hoje tem até show de sexo ao vivo, é verdade?

– Sim, é verdade. Tem show sim. Mas o povo não está nem aí. Eles estão mais interessados no que acontece lá dentro... – Carlos apontou para o *dark room*, um quarto escuro, próximo da pista de dança, onde as pessoas entravam e transavam livremente.

– Sério? – Junior perguntou, surpreso.

– Pois é. Já vi os shows algumas vezes. Os caras começam a transar no palco e só se escutam gargalhadas e comentários sobre quem tem o pau maior. Quem broxou. Quem demorou mais para gozar. É mais cômico que erótico.

– Imaginei que seria excitante.

– Talvez seja isso que atraia as pessoas no convite que eles espalham por aí. No fundo, até deveria ser. Mas não é, não. O povo é safado. Eles se divertem mesmo é ali dentro... – apontou mais uma vez para o *dark room* enquanto fazia cara de desaprovação.

– E você já foi lá?

– Claro que não! Nunca fui! – respondeu Carlos, sem pensar. – Não gosto deste tipo de coisa, Junior! Prefiro algo mais romântico, um cineminha a dois, um filme com pipoca de baixo das cobertas ou algo assim... – continuou, olhando fixamente nos olhos de Junior.

– Eu também prefiro. Mas pelo jeito isso está cada vez mais difícil, não? – falou desanimado.

– Pois é, as pessoas não querem mais saber umas das outras, elas só querem trepar e pronto. Ninguém mais liga para os sentimentos dos outros.

– Que bom que você pensa assim – disse Junior, dando uma pequena pausa. Em seguida, continuou: – Mas eu vim para cá hoje nem tanto por causa do show. Fui demitido da empresa e não queria ficar em casa. Vim mais para distrair a cabeça.

– Sei como é. Eu também já passei por isso. É um porre!

– Sêrio?

– Sim. Não importa o que você faça ou quanto você ganhe, precisa ocupar a mente.

– Que bom que me entende – disse, enquanto respirava fundo. – E você? Trabalha? – continuou.

– Sim, trabalho. Sou cobrador de ônibus – respondeu, enquanto tomava mais um gole do seu energético.

– Cobrador de ônibus? – Junior perguntou, surpreso.

– Sim, cobrador de ônibus. Por que o espanto?

– Nada, não. Eu não sabia que tinha cobrador de ônibus...

– Gay? – interrompeu Carlos.

– Sim, gay.

– Mas eu não sou gay! E nem vou deixar você passar por baixo da catraca por causa disso! – continuou Carlos, sorrindo.

Os dois se aproximaram e se beijaram mais um pouco. Junior, olhando para Carlos, seu corpo, seu olhar, seu jeito todo simpático, ficava cada vez mais encantado.

– E onde você trabalha, Carlos? – perguntou Junior, depois de muitos beijos e carinhos.

– Em uma linha de ônibus que passa na avenida Santo Amaro. Mas já trabalhei no Grajaú e em Itapequerica da Serra. Conhece?

– Conheço pouco. Na verdade, só de nome. É perto de São Bernardo do Campo ou algo assim?

– Não. São Bernardo é outra cidade. Mas fica na zona sul de São Paulo. Você não é daqui?

– Não – Junior respondeu, meio triste.

– Você é de onde, Junior?

– Eu morava no interior de São Paulo, na cidade de Capão Bonito.

– E veio para cá com seus pais?

– Não. A história é bem longa – continuou, triste. Carlos percebeu e decidiu mudar de assunto.

– Tudo bem. E aqui? Você mora com quem?

– Moro com um amigo.

– Amigo? É amigo mesmo? – Carlos brincou, simulando ciúmes. Junior gostou.

– Sim, é amigo mesmo. Quando eu vim para São Paulo, foi ele, o Gabriel, que me deu a maior força.

– Estou achando que ele é seu caso, hein! – Carlos insistia na brincadeira.

– Não é, não. Pode ficar tranquilo. Inclusive ele tem namorada, a Michele, e vão se casar em breve. Vou te mostrar uma foto dos dois, espera – Junior disse, enquanto abria sua carteira e procurava uma pequena foto no meio de seus documentos. – Está vendo? Este aqui é o Gabriel e esta loira é a Michele!

– Nossa! Eles formam um casal muito bonito! – respondeu Carlos. Segundos depois, ele se abaixou para pegar um bilhete que havia caído da carteira do Junior sem ele perceber.

– Toma. Caiu da sua carteira.

– Obrigado! – Neste momento, Carlos percebeu que no bilhete que tinha caído só havia alguns números.

– Você é rápido, hein! – disse com cara de deboche.

– Por quê? Não entendi.

– Mal chegou aqui e já pegou o telefone de alguém!

– O quê? Ah, esse número? O 200500011315? – Junior mostrou o papel a Carlos.

– Sim, esse mesmo! Mal chegou e já trocou telefones.

– Não é telefone, não – Junior sorriu.

– E qual a boa desculpa?

– Não preciso dar desculpas! É que o Gabriel é formado em matemática porque ama números desde pequeno. Disse que fez alguns cálculos com meu nome e meu aniversário e essa numeração apareceu para mim. Mas até hoje eu não sei exatamente o que é. Ele apenas disse para gravar e nunca me esquecer destes números, pois eles me trarão sorte. Estarei sempre protegido com eles.

– Sério? – desta vez foi o Carlos que fez cara de espanto.

– Sim, ele gosta tanto de números que vive rabiscando vários cadernos pela casa nas horas vagas. Esse aí no bilhete, por exemplo, ele disse que é só meu. Não existe outro. Por isso, tudo o que eu tenho e que dê para escrever, ele escreve exatamente esse número: 200500011315 – falou pausadamente.

– Que cara louco! Se eu fosse você, sairia de lá correndo!

– É verdade! No começo, eu também achava estranho. Mas é o jeito dele. Um jeito meio esquisito, mas é dele. Deve ser mania ou sei lá o quê. Eu já me acostumei. Todos se acostumam. Essa estranheza dele passou a ser um charme. Quando você for à nossa casa, vai ver os cadernos dele espalhados. Um monte de números soltos que não dizem nada.

– Opa, isso é um convite?

– Pode ser – respondeu Junior, enquanto guardava o bilhete na carteira.

– Não fala isso não, hein? Se não eu caso com você – Carlos olhou-o nos olhos novamente.

– Casar, Carlos? Mas a gente acabou de se conhecer! Está doido? – Junior disse sorrindo, e continuou. – Vamos fazer o seguinte, primeiro a gente vai se conhecendo, depois a gente namora, fica noivo e só no final, se chegarmos até lá, a gente casa. Pode ser?

– Tudo bem – disse Carlos, chateado. – Pode sim, fazer o quê? Mesmo porque, um cara assim, do seu jeito, a gente não encontra por aí todos os dias. Você é mesmo muito especial. Tenho mais é que investir, cuidar e fazer de tudo para estar sempre ao seu lado – ele continuou, olhando novamente nos olhos de Junior.

Os dois voltaram a se beijar. E muito. E assim a noite correu tranquila. Eles conversaram, riram, dançaram e se beijaram quase a noite

toda. Carlos, além de esbanjar romantismo, também tinha uma cara de safado que deixava qualquer um louco.

Talvez por isso as coisas tenham dado errado.

OceanofPDF.com

0815100500052100140115000315141905072109000415181309180010211
4091518002209130001200500190521001721011820150005000117210900
0519201521000521002005001502190518220114041500220514041500030
1040100160118200500041500190521000315181615001921010003010205
0301001921011900160518140119001905211900021801031519000500190
5210018151920150012091404150014211403010022090021130003011801
0020011500120914041500140100130914080100220904010019152100011
60109231514010415001615180022150305

CAPÍTULO 2

Aquela noite parecia ser mágica. Junior tinha saído apenas com a intenção de beber um pouco e extravasar. Sair daquela rotina de ficar em casa, sair para procurar emprego, ficar em casa, sair para procurar emprego e repetir tudo nos dias seguintes. O que ele não esperava era encontrar um cara tão bonito como o Carlos, e que falasse tantas coisas românticas para ele. A sorte realmente havia batido em sua porta.

- Junior... – disse Carlos, dando uma pausa.
- Pode falar.
- Preciso ir ao banheiro. Fica aqui. Já volto!
- Não, eu vou junto com você! – respondeu Junior em seguida.
- Não precisa, não! É rápido mesmo. Espera aqui, e olha lá no palco, o show de sexo já vai começar, está vendo?
- Sim, é verdade! – Junior olhou para o palco e viu o pessoal ajeitando algumas coisas.
- Vou lá e já volto. Não se preocupe – repetiu Carlos.
- Tudo bem, eu espero aqui.

Assim que Carlos saiu rumo ao banheiro, a música parou, as luzes se apagaram e alguém gritou “Iaííííí” no microfone. Junior já sabia que era a famosa Silvetty Montilla, uma transformista muito conhecida e que apresenta shows em vários lugares do Brasil. Ele mesmo já havia assistido a alguns shows dela em outros lugares.

Silvetty, como costume, chamou algumas pessoas para subirem ao palco, fez piadas, brincou, distribuiu prêmios e então, finalmente, anunciou o show de sexo explícito. Então todas as luzes se apagaram, com exceção de uma luz vermelha, bem fraca, que iluminava somente o palco.

Junior, que nunca havia visto aquilo, observava tudo atentamente para não perder nada. Foi então que os dois atores entraram no palco, ainda com roupa, e começaram a se beijar ao som de uma música bem romântica.

Os dois eram morenos, um aparentava ter uns 25 anos, bonito, e o outro, uns 29 anos, não muito bonito, mas grande e muito musculoso. Aos poucos eles foram tirando a roupa e, em poucos minutos, já estavam pelados e começando a transar na frente de todo mundo, sem nenhum pudor. Junior só observava, até que foi interrompido por alguém.

– Oi.

– Oi – Junior respondeu baixinho, olhando para o lado e vendo um rapaz magro, de topete, que usava uma lente de contato horrível achando que estava abafando.

– Vi que você está sozinho aí vendo o show já tem um tempo. Meu amigo quer te conhecer.

– Seu amigo? – Junior respondeu, sem acreditar. Afinal, era raro isso acontecer com ele.

– Sim, meu amigo. É aquele ali do canto! – disse o outro, apontando para um rapaz muito mais bonito que Carlos.

– Nossa, seu amigo é bonito!

– Sim, ele é um gato. Todo mundo dá em cima dele. Mas quando ele invoca com alguém, não tem jeito. E ele quer você.

– Sério? – respondeu Junior com um misto de desejo, receio e um pouco de vergonha. Em seguida, ficou chateado.

– Mas por que essa cara?

– Não posso! – respondeu sem pensar muito.

– Por que não? Você não está sozinho? – perguntou o rapaz, surpreso.

– Não, não estou sozinho. Infelizmente. Pois eu adoraria conhecer seu amigo.

– Ué, mas se você não está sozinho, você está com quem? Com um fantasma?

– Não, conheci um cara, ele só foi ao banheiro.

– Sério? Mas já tem uns quarenta minutos que o show começou. Se ele foi ao banheiro, esquece!

– Como assim?

– Estou vendo que você não conhece nada da cidade grande. Enfim, boa sorte com seu fantasma! Até mais.

O rapaz virou as costas e foi conversar com o amigo dele. O cara, muito bonito mesmo, só olhou para o Junior e fez cara de desaprovação por ter sido rejeitado. Junior, sendo trazido para a realidade à força, só gravou as últimas palavras do garoto, e pensou: “quarenta minutos no banheiro”. Isso foi suficiente para que ele fosse correndo ao banheiro procurar Carlos.

O banheiro era grande, não havia divisões entre homens e mulheres e, mesmo com o show lá fora, ele estava lotado. Junior procurou, procurou e procurou. Nada do Carlos. Então, ele saiu e foi até a pista de dança, pois imaginou que, mesmo com o show acontecendo no palco, talvez Carlos estivesse lá conversando com algum amigo. Mas nada. Nenhum sinal do Carlos.

“Onde ele está? Será que aconteceu algo? Será que ele precisou ir embora? Vou ao banheiro mais uma vez! Deve estar dentro de algum reservado passando mal!”, ele pensou.

Junior entrou no banheiro e, desta vez, lutando contra sua forte timidez, resolveu bater na porta de cada reservado e perguntar por Carlos.

– Carlos? Você está aí?

– Não, aqui não é o Carlos!

E assim ele foi perguntando de porta em porta. Até que, ao sair do banheiro, olhou para a porta do *dark room* e ficou desconcertado. “Não! Não pode ser. Ele não pode ter entrado ali. É impossível. Mas, mesmo assim, já que eu procurei em tudo quanto é canto e não achei, vou lá ver. Vou guardar todas as minhas coisas em um só bolso, segurar firme para evitar assaltos no escuro e entrar lá.”

Ao passar pela porta do *dark room*, Junior deu alguns poucos passos e viu, mesmo com a pouca luz que vinha lá de fora, o Carlos. O safado estava beijando um cara enquanto comia outro. Somente o movimento da bunda dele o denunciava, pois ele estava em pé, com roupa, e o rapaz à sua frente, de costas. E o outro, enquanto ele metia, beijava loucamente sua boca. Junior não acreditou naquela cena. Um misto de vários sentimentos cresceu dentro dele. Não sabia como reagir. Por impulso, muito revoltado, ele se aproximou de Carlos, cutucou seu ombro e disse, nervoso:

– Não acredito que você fez isso comigo! Como você pôde?

Carlos, ainda com seus movimentos de idas e vindas dentro do rapaz, simplesmente parou de beijar o outro cara, olhou para Junior, ignorou-o e continuou fazendo o que estava fazendo. Junior, ao perceber

que Carlos não havia se importado nem um pouco com ele, saiu dali com lágrimas nos olhos.

“Não acredito que ele fez isso comigo. Como pôde? Por que falou que odiava aquele lugar? E estava lá dentro com dois? Queria casar comigo? Por que mentiu tanto? Me iludiu a noite inteira e de tantas formas?”, pensava.

Desesperado, ainda com muitas lágrimas nos olhos e com o estômago doendo por ter sido rejeitado, Junior só pensava em uma coisa: ir para casa e receber um abraço bem apertado do Gabriel. Afinal, mesmo sendo só amigos, Gabriel sempre havia cuidado dele, desde que ele tinha chegado a São Paulo. E o que ele mais precisava naquele momento era de colo.

1021140915180022152100200500031514200118002113010003150919010
0191500010013090308051205001901020500041500130521001905071805
0415001909130005210003151420050900011605140119001601180100051
2010017210500052100200500011315001321092015000512010014011500
0514200514040521001415000914090309150013011900040516150919000
4052100150013010915180001161509150019010209010004091919150010
2114091518

CAPÍTULO 3

Assim que pisou em casa, ainda triste, Junior foi até o quarto de Gabriel avisar que havia chegado. Gabriel, com seus vários cadernos espalhados com seus números que Junior nunca entendera, estava dormindo de cueca todo largado em sua cama. Ao seu lado, uma garrafa vazia de *whisky*. “Nossa, Gabriel deve ter tomado todas para não sentir o frio que está fazendo!”, pensou.

Junior, preocupado, arrumou os cadernos, tirou o copo vazio da mão do amigo, ajeitou-o na cama, admirou seu corpo malhado por alguns segundos, cobriu-o com o cobertor, desejou bons sonhos e fechou a porta. Tudo silenciosamente, para não o acordar. Depois, foi ao seu quarto, pegou uma roupa, tomou uma ducha e deitou-se para dormir.

Sozinho na cama, antes de pegar no sono, Junior ficou imaginando quando ele teria alguém ao seu lado para que pudesse dormir abraçado todas as noites. Alguém que ele pudesse amar, que o fizesse se sentir amado, alguém para compartilhar alegrias, tristezas e todos os momentos que a vida proporcionava. Se os outros conseguiam arrumar alguém, ele também conseguiria. Só não entendia o motivo de tanta demora.

Ainda cansado, ele acordou naquele mesmo dia, só que bem tarde. O sol já estava brilhando quando ele saiu da cama, escovou os dentes e, ainda sonolento, foi até a cozinha preparar algo para comer. Enquanto preparava um lanche, Gabriel apareceu.

– Bom dia, Gabriel!

– Bom dia, não. Boa tarde! Já viu que horas são? – Gabriel apontou para o relógio de parede.

– Ah, hoje é sexta-feira e eu acabei de acordar, dá um tempo! – Junior brincou. – E a Michele? Ela não viria para cá ontem?

– Espera um pouco, como você sabe disso? – Gabriel espantou-se.

– Desculpe! Esqueci de te contar. Ontem, antes de sair, fui até seu quarto, mas você estava ao telefone com ela, de costas, combinando um encontro aqui em casa. Resolvi não atrapalhar, fechei a porta e fui embora.

– Sim, mas não faça mais isso!

– Fazer o quê?

– Sair sem me avisar!

– Mas eu avisei.

– Não, você me deixou um bilhete!

– E isso não é avisar?

– Não. Você precisa falar comigo, não deixar bilhete. Sabe que eu me preocupo com você.

– Eu sei – disse Junior, pensativo. – Desculpe, se eu sair novamente, aviso de outra forma, prometo. E a Michele, veio?

– Então, ela ficou de vir para cá sim, mas no caminho o celular dela tocou e ela teve que atender um paciente, sabe como são estas coisas, né?

– Sei, sim. Que pena, Gabriel. Você parecia muito feliz com a vinda dela. Hoje, quando cheguei de manhã, imaginei encontrar vocês dois, mas ao entrar no seu quarto só vi você de cueca dormindo todo largado. Até pensei em te agarrar! – Junior sorriu, olhando para o corpo do amigo.

– Pois deveria ter agarrado! – brincou ele. – Dormir sozinho não é nada bom! – continuou Gabriel, abrindo a geladeira como se quisesse fugir daquele assunto. Em seguida, como os dois ficaram constrangidos, Gabriel mudou a conversa. – E você? Me lembro apenas de ter chegado do trabalho, tomado um banho, falado com a Michele ao telefone e, quando fui ver, você não estava mais em casa. Só me lembro do bilhete dizendo que iria sair.

– E aí você se jogou na bebida, né?

Gabriel, sem responder, perguntou:

– Então, para onde você foi?

Junior suspirou.

– Lembra daquela entrevista de emprego de que te falei? Me ligaram avisando que não passei, que eu não tinha perfil para a vaga! É sempre a mesma história! Não aguento mais ir às agências de emprego daquela rua Barão de Itapetininga, no centro! A rua tem até apelido, já ouviu falar? Chamam de “a rua dos desempregados”.

– Sim, mas é de lá que sai muita gente empregada. Principalmente quem vem de outra cidade e busca seu primeiro emprego! – Gabriel interrompeu com um tom sério.

– Eu sei. Mas procurar emprego cansa qualquer um. Você gasta dinheiro, tempo, energia para fazer uma ou duas entrevistas por semana e, no final, sempre vem o tradicional “você não tem perfil”, “vamos guardar seu currículo para outra vaga” e coisas do tipo. Chega uma hora que você precisa se divertir também! Por isso, ontem à noite, decidi sair para dançar um pouco.

– E aí, dançou?

– Sim, duas vezes! – Junior não se conteve e sorriu da própria desgraça.

– Como assim? O que aconteceu?

– Gabriel, você me conhece muito bem, eu só queria mesmo sair, dançar e me divertir. O que eu não esperava é que um cara chamado Carlos, que eu achei bonito logo na fila para entrar, me despertaria tanto a atenção ao ponto de nos atracarmos com beijos no banheiro.

– Sério? E como ele era? Era bonito, pelo menos?

– Sim. Ele era branco, tinha cabelo curto estilo exército, sorriso bonito e um corpo legal, parecido com o seu.

– Então ele era bem gostoso? – sorriu Gabriel.

– Como você é modesto!

– Mas então, o que aconteceu para que você tenha dançado? Não entendi!

– Calma! Vou explicar! As coisas estavam caminhando bem. Ele me disse que queria algo sério, que não gostava de promiscuidade e coisas assim. No final da noite, ele falou que ia ao banheiro e, como ele demorou, fui atrás e o encontrei ele com outro cara. Na verdade, com dois ao mesmo tempo. Nossa, não sei dizer o que eu senti. Foi a primeira vez que isso aconteceu comigo! Fiquei muito mal! – Junior desabafou.

– Junior, você, mais do que ninguém, sabe que estas coisas acontecem. E não só em balada GLS! Mês passado, na festa da empresa, minha diretora comercial beijou uns cinco caras na mesma noite.

– Sério? E como você sabe disso?

– Ela esqueceu de deslogar o WhatsApp do PC e eu consegui ler toda a conversa com a amiga dela.

– Que coisa feia, Gabriel!

– Não, eu abri sem a intenção. Mas já que estava aberto, decidi ler. Mas não é essa a questão, quero dizer que é comum as pessoas pegarem geral nas baladas.

– É claro que eu sei. Mas não desta forma. Um cara ficar com alguém no início da noite, depois ficar com outro e assim por diante, pode até ser comum em cidade grande. Agora mentir, enganar e dizer que quer algo sério, aí é outra coisa. Acho que não precisa disso. Ninguém é obrigado a ficar com ninguém.

– Talvez ele não tenha mentido – Gabriel disse, olhando em seus olhos. – Eu mesmo já fiz muito o que ele fez. Em determinado momento, você vê outra pessoa e tudo na sua cabeça muda. Não que ele tenha mentido, talvez ele tenha realmente desejado algo sério com você, mas mudou de ideia e não teve coragem de te dizer.

– Vendo desta forma, eu até entendo. O que não entra na minha cabeça é a falta de coragem para ser sincero.

– Bom, para falar a verdade, eu nunca estive do outro lado desta situação – Gabriel coçou levemente a barba que estava por fazer, meio que se gabando daquilo. – Eu só sei que, quando não se está mais interessado em alguém, não sobra nem um pouco de consideração pela pessoa. Ela deixa de ser importante, e dar desculpas é um trabalho árduo que não vale a pena. Mas falo por mim! Se eu fizer uma lista das pessoas que me odeiam por isso, eu estou frito!

– É, mas ele me pegou desprevenido. Espero não passar por isso de novo tão cedo – Junior se lamentou mais uma vez.

– Pena que a sua noite, assim como a minha, não tenha sido uma das melhores! – Gabriel se aproximou e, em uma atitude camarada, passou as mãos em suas costas. Era nítido o carinho um pouco contido que um sentia pelo outro.

Naquele momento, o telefone tocou. Gabriel foi até a sala atender, era a Michele. Ela disse que tinha acabado de acordar e que estaria ali em poucos minutos. Gabriel desligou e voltou para a cozinha, onde Junior continuou a conversa.

– Mesmo assim, obrigado por me escutar, Gabriel. Eu me senti tão mal que pensei em te ligar.

– Mas por que não me ligou? Você sabe que deve me ligar sempre, para qualquer coisa!

– Não quis incomodar. De verdade. E como imaginei que estaria com a Michele, eu provavelmente incomodaria muito.

– Já conversamos sobre isso. Michele é minha namorada, mas a minha prioridade é cuidar de você.

– Eu sei. Na verdade, nem sei como te agradecer. Não só por isso, mas por tudo o que tem feito por mim até este momento – Junior falou, com os olhos cheios de lágrimas.

– Não tem o que agradecer! – disse Gabriel, querendo abraçá-lo, mas com receio de chegar muito perto. – Mas vamos mudar de assunto! – Gabriel sempre mudava de assunto quando esbarrava em sentimentos dele ligados ao Junior. – A Michele está vindo para cá – continuou ele. – Vamos assistir a uma peça no teatro Satyros, já ouviu falar?

– Sim. É um teatro que tem ali na praça Roosevelt, ao lado da igreja da Consolação, não? – Junior perguntou enquanto enxugava os olhos.

– Sim, é este mesmo. A Michele disse que a peça de hoje é de uma travesti que conta sua vida de sucesso em Londres, longe da prostituição. No Satyros sempre tem peças deste tipo, bem diferentes. A Michele adora estas coisas! Aliás, não quer vir com a gente?

– Adoraria, Gabriel! Mas, além de eu estar muito cansado, você e a Michele precisam passar mais tempo juntos. Só vocês dois. Afinal, quando foi a última vez que ficaram juntos? Semana passada? Não! Prefiro ficar em casa vendo TV, vocês dois estão trabalhando demais e se vendo muito pouco. Podem ir e depois me contem como foi!

– Tudo bem. Vou lá tomar banho, pois ela deve estar chegando. Temos mesmo que aproveitar, você está certo! Ainda mais que amanhã eu não trabalho! Minha diretora escolheu três coordenadores para dar folga, e eu fui um deles! – disse ele enquanto ia para seu quarto pegar roupas. Depois de um tempinho, antes de entrar no banheiro, Gabriel gritou de longe:

– Junior, quase esqueci, o Leandro ligou e disse que vai passar aqui amanhã à tarde. Falou que vai vir com o Heller, marido dele, e que vocês três vão para um motel!

– Nós três em um motel? Obrigado pelo recado! Esse Leandro realmente não desiste! – Junior sorriu.

Enquanto Gabriel tomava banho, e já tinha quase 30 minutos que ele estava no banheiro, a campainha tocou. Junior, ao atender a porta,

surpreendeu-se:

– Michele? Já chegou? Como você está linda!

– Obrigada, meu amor!

– Sério! Seu visual, seu rosto, tudo mudou! Quando você decidiu mudar a cor? – Junior olhava para seus cabelos platinados.

– Ontem mesmo! Do nada resolvi mudar tudo – respondeu ela enquanto mascava chiclete, quase uma marca registrada sua. – Fui àquele salão perto de casa. Gostou mesmo?

– Sim. Você está muito bonita!

– Obrigada! E o meu bebê? Onde ele está? – ela olhou para o quarto do Gabriel.

– Ele está tomando banho. Já deve estar no final. Vai lá e ajuda ele a enxugar o bumbum! – Junior brincou.

– E que bumbum! – Michele disse, rindo.

Em seguida, ela deixou sua bolsa no sofá e seguiu em direção ao banheiro. Antes, soltou mais um comentário sobre a bunda do Gabriel.

– Junior, sou apaixonada por aquele bumbum! – desta vez, ela falou com um sorriso bem safado.

Depois que a Michele entrou no banheiro, Junior foi até a sala, aumentou o som para não escutar o namoro dos dois e voltou à cozinha para preparar o jantar. Ele, embora já tivesse presenciado a transa dos dois sem querer uma vez, preferia não imaginar o que estava acontecendo lá dentro do banheiro.

Após o demorado banho, eles jantaram e se despediram de Junior, que, sem ter o que fazer, sentou-se no sofá e ligou a TV naquela sexta-feira à noite. O que ele não esperava era zapear pelos canais e cair em um programa evangélico em que, ao fundo, tocava uma música que sua mãe cantava desde que ele era pequeno. Sempre com frases de muito amor:

“Meu filho, eu te amo tanto.

Nunca deixarei de te amar.

Você é o meu único filho.

Nunca deixarei de te amar.”

Para quê? Fazia mais de três anos que Junior havia se esquecido daquilo. Porém, por ter sido rejeitado na balada na noite anterior, escutar

aquela música naquele momento, sozinho no apartamento de Gabriel, foi a gota d'água para ele entrar em desespero. E não só isso. Como ele sentia muito a falta de sua mãe e estava muito fragilizado, Junior começou a chorar. E a chorar muito. A música tocava e ele não acreditava no que havia acontecido. “Por que isso aconteceu comigo, meu Deus?”, perguntava a si mesmo. “E tudo por causa do sexo! Maldito sexo!”, continuava. “Se eu não tivesse parado naquele depósito de trigo, não teria visto nada, não teria sido internado em Belo Horizonte e vindo parar aqui, no apartamento do Gabriel, em São Paulo. Sozinho, sem família, sem emprego e sem amor.”

Ele desligou a TV, apagou todas as luzes e, ainda chorando muito, começou a se recordar de todos os detalhes que o haviam feito parar ali, naquele sofá, dentro do apartamento do Gabriel.

1305210020080521190017210518090415000815100500052100200922050
0211300191514081500050012010005210020091408010016051804090415
0022150305000103151804050900040519051916051801041500050022091
3000315181805140415000115001905210017210118201500031514060918
1301001905002215030500051920012201000605120926130514200500221
503050005192001220100200500011315

1305210020080521190017210518090415000815100500052100200922050
0211300191514081500050012010005210020091408010016051804090415
0022150305000103151804050900040519051916051801041500050022091
3000315181805140415000115001905210017210118201500031514060918
1301001905002215030500051920012201000605120926130514200500221
503050005192001220100200500011315

CAPÍTULO 4

Sua primeira lembrança foi a de uma igreja que ficava próxima de sua casa em Capão Bonito, município do interior do estado de São Paulo, localizado a 224 km da capital paulista. Foi lá que ele, ainda na saída de sua adolescência, teve seu primeiro contato sexual com uma garota, mesmo sem saber ao certo o que era sexo.

– Vamos ali, quero te mostrar uma coisa!

– Aonde você vai me levar, Maiara? – perguntou Junior.

– Ali... vamos brincar de pouca vergonha! Mas ninguém pode ver, tudo bem?

– Pouca vergonha? – Junior imaginou ser algo proibido, afinal, tinha que ser feito escondido. – O que é pouca vergonha, Maiara? – perguntou ele, espantado.

– Vou te mostrar fazendo, você vai gostar! Vem comigo!

– Tudo bem, vamos!

Maiara foi na frente. Junior olhou para as pessoas que estavam do lado de fora da igreja durante o culto e, como ninguém estava prestando atenção neles, ele a seguiu em direção a um muro que separava a igreja do matagal. Estavam bem escondidos atrás do muro, e Maiara abaixou suas calças e começou a masturbá-lo. Uma masturbação bem precária devido à inexperiência dos dois, mas suficiente para deixá-lo excitado. Quando Junior começou a gostar daqueles movimentos, Maiara se abaixou e começou a chupá-lo. Antes, ela pediu para que ele não parasse de espiar, coisa que ele fez até gozar.

Quando gozou, ela, surpresa, perguntou:

– Não vai sair nada?

– Sair o que, Maiara?

– Um negócio branco!

– Não sei! Será que vai sair depois? Saiu um pouco, olha – Junior soltou um sorriso sem graça.

– Também não sei. Mas sempre sai muito... – Maiara ficou confusa.

– Você gostou? – perguntou ela enquanto ele levantava a calça e se arrumava para sair dali.

– Sim, gostei! Onde aprendeu a fazer isso, Maiara?

– Com meu pai! – ela respondeu, enquanto ambos voltavam correndo para a igreja.

Depois daquilo, Junior começou a se masturbar quase todos os dias, seguindo o mesmo tipo de movimento das mãos de Maiara. Parecia que ele tinha aprendido algo gostoso de se fazer nas horas vagas. Mas sempre escondido.

Escondido. Por que algo tão gostoso tinha que ser feito escondido? Estas e outras perguntas que a maioria de nós fez quase sem perceber quando descobriu o sexo também foram feitas por ele. Até que um dia, depois de se encontrar pela terceira vez de forma sexual com Maiara, e do mesmo jeito, ele resolveu perguntar.

– Maiara, você disse que aprendeu a fazer isso com o seu pai?

– Sim... – ela olhou para o outro lado, como se não quisesse falar sobre o assunto.

– Pode falar... eu não vou contar para ninguém! – insistiu ele.

– Você jura que vai guardar segredo, Junior?

– Juro! Pela minha mãe!

A propósito, por que a maioria dos meninos e meninas juram sempre pela mãe e não pelo pai? Vai entender. Um fato é que, jurando pela mãe, tudo fica mais sério e convincente, assim como aconteceu naquele dia.

– Está bem! Vou contar! Mas você jurou, hein?

– Tudo bem! Conte logo...

– Faz um tempinho... minha mãe tinha ido à cidade com meu irmão e eu fiquei sozinha em casa com meu pai. Eu estava vendo TV quando ele me chamou para ir ao quarto, dizendo que iria me ensinar algo. Depois ele pegou nos meus braços e disse que não era para contar nada para ninguém. Nem para mamãe!

– E você?

– Eu obedeci e fiz o que ele me pediu, igual fiz com você. No final, ele disse que tinha gostado muito, que eu era uma boa menina e que aquilo

seria o nosso segredo.

– E por que você fez comigo?

– Porque deu vontade, oras! – Maiara abaixou a cabeça. – Eu também brinco assim com os meninos da minha rua... eles pedem para fazer mais coisas, mas eu não deixo. – continuou ela.

– E por que não?

– A brincadeira que papai ensinou foi só essa!

Parece que não, mas mesmo sendo adolescentes, tanto Junior quanto Maiara eram absurdamente ingênuos sobre aquilo que faziam. Muito diferente do pai dela, o Sr. Silas, que, além de religioso e um dos homens mais respeitados da região por defender a tradição da família brasileira, estava se candidatando a cargo político naquele ano. O velho, desgraçado, posava nas fotos de santo e homem de bem, mas por trás dos olhos da comunidade ele abusava sexualmente de sua filha e mantinha encontros extra conjugais com a professora de música religiosa, que também era casada e da mesma igreja.

Junior sabia e se recordava de tudo isso porque, desde que começara a fazer a tal “pouca vergonha”, ele havia passado a se interessar muito por aquele tema. Para ajudar, a sincronicidade do mundo – aquele conceito criado por Carl Gustav Jung no qual todas as coisas estão ligadas de alguma forma – fez o favor de colocar em seu caminho uma pessoa que iria lhe fornecer indiretamente todas as informações sobre o tema não só de sua vida, mas principalmente da vida alheia.

E essa pessoa com quem ele se envolveria e por quem teria a sua vida virada de ponta cabeça apareceu em poucos anos, justamente quando ele voltava da escola em uma noite.

Ele, naquele sofá, no apartamento de Gabriel, se recordava mesmo de tudo. E com detalhes.

O clima estava quente quando, mais uma vez contrariando sua mãe, Junior voltava da escola à noite cortando caminho pelos sítios e fazendas da região. Já com mais idade, ele não tinha medo de andar no escuro, pular cercas, passar no meio de gado, cavalos, árvores, cabanas abandonadas, depósitos de trigo ou trilhas na mata, pois a caminhada que levava quase uma hora e meia seguindo pela estrada era feita em apenas 40 minutos cortando caminho.

Naquele dia, sua tradicional rotina de sair da escola e voltar para casa foi quebrada. Ao passar próximo de um depósito de trigo, ele escutou o gemido abafado de um homem vindo de lá de dentro. “Que gemido foi esse? Passo por aqui todos os dias e nunca encontrei um ser vivo! É melhor verificar!”, pensou. Então, silenciosamente, ele se aproximou da parede de madeira e colocou seu ouvido próximo para tentar escutar algo. E escutou:

– Isso, Pedro, bem devagar... engole tudo, meu garoto! – sussurrava um homem com voz grossa em meio a gemidos.

Só com esta pequena frase, Junior, já imaginando se tratar de sexo, procurou alguma brecha entre as ripas de madeira para tentar espiar o que acontecia lá dentro. Quando encontrou, colocou sua mochila no chão, se agachou e começou a espiar.

A cena diante de seus olhos era perturbadora. À meia luz, ele viu um homem de camisa e calça jeans em pé, de costas, e alguém na frente dele agachado com as duas mãos segurando seu quadril. Não dava para ver direito, mas o movimento da bunda do homem que estava em pé era bem suave: ia para frente e para trás bem devagar, seguido sempre de seus constantes sussurros e gemidos:

– Isso, meu garoto! Chupa tudo... engole... bem gostoso...

Aquela cena durou alguns longos minutos. Junior, que já estava excitado, continuou espiando quando percebeu que os movimentos do homem aumentaram de ritmo, gradativamente, até ele soltar um grito:

– Para, para, para... – empurrando para longe a cabeça do rapaz. – Hoje não vou gozar assim! Hoje será seu grande dia, Pedro, finalmente chegou a hora! – continuou o homem.

– Ronaldo, você está louco! – respondeu o garoto enquanto se levantava e saía de sua frente.

– Não... faz tempo que você está me devendo isso! – ele falou, tirando a camisa. – Mas não se preocupe, Pedro, vou fazer devagar e com carinho! Você vai gostar tanto que vai pedir para repetir várias vezes!

O garoto, assustado, mas já consentindo com o que lhe aguardava, olhou para o pênis do Ronaldo e disse:

– Cara, eu já falei, independentemente do tamanho, não rola! Não tem jeito! Não é minha praia!

– Calma! Todo mundo fala isso na primeira vez. Mas só tem eu e você aqui. Ninguém mais vai ficar sabendo que você deu a bunda para mim! Não se preocupe!

– Você é mesmo muito safado! – Pedro olhava novamente para o pênis do amigo.

Então, Ronaldo, que já estava sem camisa, avisou que ia lá fora, nos fundos, pegar um colchão velho para eles ficarem mais à vontade no depósito. Ele demorou um pouco e, quando retornou, a primeira coisa que fez foi apagar a lanterna que estava acesa em direção ao teto – por isso a meia luz – e acender a luz do próprio depósito, dando mais nitidez ao ambiente e, conseqüentemente, uma melhor visão ao Junior, que continuava espiando.

Logo em seguida, eles tiraram toda a roupa e, graças à luz forte, Junior conseguiu ver os dois por inteiro. Pedro aparentava ter mais ou menos uns 18 anos, era branco de olhos castanhos, tinha poucos pelos, era magro com músculos bem desenvolvidos – comum à maioria dos meninos que trabalham na roça – e dono de um pênis enorme. Muito grande mesmo. Já o Ronaldo era moreno, peludo, aparentava ter uns 35 anos, tinha um pênis médio levemente torto para a direita e uma pequena barriga de cerveja que o deixava sexy. Talvez pela grande diferença de idade, Ronaldo era o mais experiente e comandava toda a situação.

– Deita no colchão! – ordenou Ronaldo ao garoto. – Assim não! Mandeí você deitar, mas com a bunda para cima! – continuou ele.

Pedro obedeceu, fechou os olhos e, logo em seguida, sentiu as mãos do Ronaldo massageando suas nádegas. Lentamente, aquelas mãos grossas e ásperas deslizavam e apertavam cada um dos lados de sua bunda, deixando-o louco. Vez ou outra, um dedo passava suavemente na entrada de seu ânus. Bem devagar e sem forçar nada.

Foi então que Ronaldo pegou um pote de dentro de um saco plástico, abriu, lambuzou bem seus dedos com o conteúdo e tentou introduzi-los no ânus do Pedro. Assustado e curioso, Pedro imediatamente perguntou:

– O que você está colocando aí?

– Um pouco de margarina! Relaxe!

– Cara, você só pode estar brincando! Eu tenho cara de pão fresco para você passar margarina? – riu-se Pedro enquanto se levantava, indignado.

– Olha, de pão você não tem nada. De fresco também não. Então cala a boca, relaxa e empina essa bunda que hoje eu vou me acabar dentro dela!

Pedro voltou a deitar-se. Ronaldo, muito excitado, começou a enfiar o dedo lambuzado de margarina dentro de seu ânus e, depois de alguns minutos com o dedo lá dentro, ele o retirou, subiu em cima do Pedro, mandou ele empinar mais ainda a bunda, abrir bem e relaxar.

Quando Ronaldo começou a introduzir seu pênis na bunda de Pedro, o garoto, não aguentando o volume, começou a reclamar de dor. Ronaldo, com sua experiência em batizar bundas virgens, disse para ele aguentar firme que em poucos minutos a dor passaria. Porém, por descuido em não segurar seu tesão, Ronaldo acabou enfiando tudo de uma vez, arrancando berros do Pedro.

– Caralho, dói pra porra! Tira isso! – Pedro se contorceu, empurrando Ronaldo para longe.

– Desculpa, foi sem querer... Vamos de novo!

– Não, não quero mais!

– Não, Pedro, agora é que a dor vai passar, você vai ver, deixa eu tentar mais uma vez que eu te mostro... Só mais uma tentativa!

– Tudo bem! – Pedro se deitou novamente com a bunda para cima.

Ronaldo, conhecendo o risco de não comer aquela bunda caso errasse de novo e metesse tudo de uma vez, enfiou novamente bem devagar e pediu para que Pedro permanecesse completamente parado e relaxado por uns três minutos enquanto as pregas do ânus se dilatavam. O que realmente aconteceu. Aos poucos, Ronaldo foi colocando e tirando lentamente até que, instintivamente, Pedro começou a rebolar.

– Não falei que você iria gostar, Pedro!

– Cara, é muito bom... Dói um pouco, mas estou sentindo um tesão danado! – Pedro falou, enquanto ficava de quatro para poder se masturbar. – Pode colocar tudo! – continuou com sua voz grossa.

Ronaldo, que então aumentava o ritmo e a força, falou algo baixinho no ouvido de Pedro que, segundos depois, olhou para os lados, inclusive na direção de Junior, que continuava espiando, abriu um sorriso safado e anunciou o gozo. Ronaldo também gozou dentro de Pedro e caiu abraçado por cima dele. Os dois ficaram ali grudados no chão por alguns minutos.

– E aí, Pedro, gostou?

– Sim, dói muito, mas é muito gostoso! Deveríamos ter feito antes! Estou me sentindo todo arregaçado, cara... mas é muito bom!

– Eu sabia que você iria gostar!

Os dois, exaustos, permaneceram em silêncio por alguns minutos.

– Ronaldo, eu vou ficar assim aberto para sempre? – Pedro quebrou o silêncio, com cara de preocupado.

– Não! – Ronaldo gargalhava por conta da preocupação do amigo. – Daqui a pouco, quando eu tirar, as suas pregas voltam ao normal.

– Como assim?

– É igual a fazer cocô... – ele realmente não tinha um exemplo melhor. – Quando você vai ao banheiro e demora, você sente as pregas abrirem. Se ficarem muito tempo abertas, mesmo que você termine e saia do banheiro, a sensação continua durante alguns minutos até elas fecharem novamente. Entendeu?

– Entendi... tudo depende das pregas e do cocô entrando e saindo, não? – brincou ele.

– Cala a boca! Meu pau até amoleceu com essa piada sem graça! Mas se quiser saber a verdade, tudo depende de quem você está fodendo ou de como você está sendo fodido! Tem que ter química, e saber fazer. Não é só sair metendo. Uns até gostam, mas a maioria não. – Ronaldo lambia seu pescoço e sua orelha.

– Seu safado! Aliás, safadeza deve ser de família, né? Quando eu pego a sua prima, ela dá que nem uma cadela no cio!

– Eu sei!

– Você sabe? – Pedro espantou-se.

– Sim. Quando pequeno, a gente brincava de algumas coisas! Outro dia te explico! O que importa agora é que sempre que você vier visitar seus parentes aqui em Capão Bonito, eu vou poder meter nesse seu rabo gostoso!

– Com certeza. Agora vamos voltar para a fazenda antes que deem conta de nosso sumiço.

– Tudo bem, vamos!

Àquela altura, Junior, quase explodindo de tesão, mas com medo de ser descoberto, pegou suas coisas, levantou-se e saiu dali correndo em direção a umas árvores. Quando já estava bem longe, ele se enfiou no meio de uns arbustos, abaixou a calça e começou a se masturbar, gozando logo em seguida. Ele precisava mesmo se aliviar, nunca tinha visto uma cena de sexo e muito menos imaginava ver a transa de dois homens.

Quando Junior chegou em casa naquela noite, sua mãe, preocupada, o esperava na porta:

– Meu filho, o que aconteceu?

– Desculpe, mãe, eu estava jogando bola com os meninos da escola
– disse ele, um pouco nervoso.

– Meninos do mundo, né? – ela referia-se as pessoas que não eram da igreja.

– É, mas eles são legais!

– Tudo bem, mas quando for assim, avise antes para não ficarmos preocupados. Esta estrada é quase deserta, tem pouca luz e você é nosso único filho. Agora vá tomar seu banho, o jantar está pronto e amanhã é um novo dia. Quero ver você logo cedo trabalhando – ela beijou sua testa. – Apenas não faça mais isso, se não eu morro do coração! Você sabe que eu te amo muito.

Junior foi para o quarto, pegou roupa e toalha e entrou no banheiro. Como a cena do Ronaldo comendo a bunda do Pedro há poucas horas não saía de sua cabeça, ele voltou a ficar excitado. Sem pensar duas vezes, ele se masturbou de novo, repassando todas as imagens em sua mente. “Como é bom se masturbar debaixo do chuveiro!”, pensava. “Mais ainda deve ser comer uma bunda. Ou dar a bunda.” O êxtase era tão grande que ele gozou rápido, só com estes pensamentos. Depois da chuveirada e da gozada, ele jantou, descansou um pouco e deitou-se para dormir.

Já no dia seguinte, uma grande surpresa lhe aguardava.

0521002005000113150005002215210007180920011800160118010020150
4150013211404150015212209180020051800221503050005001305210004
0519051015000405002005002205180012051302180100040519190100132
1190903010010211409151800172105000521000301142001220100160512
0100030119010005210019051316180500030114200509001605141901140
4150005130022150305

0521002005000113150005002215210007180920011800160118010020150
4150013211404150015212209180020051800221503050005001305210004
0519051015000405002005002205180012051302180100040519190100132
1190903010010211409151800172105000521000301142001220100160512
0100030119010005210019051316180500030114200509001605141901140
4150005130022150305

CAPÍTULO 5

– Vamos acordar, moleque! Está na hora de levantar – seu pai falou alto, enquanto entrava no quarto para abrir a cortina e a janela. – Mais um dia de trabalho nos aguarda! – o velho disse, esbanjando energia e disposição.

– Bom dia, pai! Já vou levantar! – respondeu Junior.

– Acho bom, porque hoje tem muito trabalho! – disse seu pai, saindo do quarto e fechando a porta.

Junior se levantou, lavou o rosto, escovou os dentes e foi tomar café. Na mesa estava apenas sua mãe.

– Bom dia, mãe!

– Bom dia, meu filho! Meu menino dormiu bem? – perguntou sua mãe, que sempre era muito amável.

– Sim. Dormi sim. Apenas tive um pesadelo. Onde está o pai?

– Ele já foi para o trabalho. Quer chegar antes de todos para organizar as coisas. Mas me diga, que raios de pesadelo foi esse?

– Nada de mais, mãe.

– Se não é nada de mais, então conte para sua mãe!

– Está bem... – Junior disse, um pouco pensativo. – Eu me lembro de estar sozinho numa casa grande quando, do nada, senti a presença de algo ruim por perto... fiquei com muito medo. Não sabia o que fazer, nem para quem pedir ajuda. No desespero, acabei correndo em direção à plantação de milho que tinha lá fora, parecida com a nossa.

– Nossa, que sonho estranho! E o que aconteceu depois? – ela perguntou enquanto servia café e leite.

– Eu olhei para trás e a casa estava pegando fogo. O caminho que fiz até o milharal também. Mas não fazia calor, pelo contrário, quanto mais

fogo, mais frio eu sentia. Era como se o mal estivesse ali bem atrás de mim.

– Deus me livre, meu filho! – disse Dona Josefa, fazendo cara feia.

– Depois eu não me recordo de mais de nada. Apenas que eu caí em uma poça de lama e comecei a afundar. Então eu acordei.

– Isso foi mesmo um pesadelo! Por isso temos que orar e pedir a benção de Deus todos os dias! – ela falou, pegando a Bíblia e dando um beijo nela. – No final de semana, vou pedir ao pastor Silas uma oração, está bem?

– Está bem, mãe. Mas não ligue. Não é nada de mais, mesmo. Foi apenas um sonho.

Era verdade, aquilo tinha sido apenas um sonho. O que Junior não havia contado à sua mãe era que, dentro do sonho, momentos antes de sentir o mal, ele estava super excitado, no banheiro daquela casa, pronto para se masturbar pensando nos dois homens da noite anterior. Mas isso era apenas um detalhe insignificante e que, por saber que era algo inaceitável, ele jamais poderia contar. Quando terminaram de tomar café e conversar, Junior trocou de roupa e foi para o milharal. O trabalho o aguardava.

Assim que chegou ao milharal, seu pai, que era o dono daquela pequena plantação, pediu para Junior ficar no depósito ajudando a descascar e a encaixotar o milho já colhido no dia anterior.

– Mas fique tranquilo, meu filho! Você terá um novo ajudante! – falou ele, dirigindo-se ao depósito.

“Novo ajudante? Mais um?”, Junior pensou no caminho. Seu pai só poderia estar ficando louco, pois desde que ele havia resolvido criar uma pequena plantação de milho nos fundos de sua casa utilizando terras alheias, o que ele mais tinha feito era dar para meninos e homens de família a oportunidade de ganhar alguns trocados trabalhando naquela plantação. Mas isso não era surpresa, surpresa mesmo estava para acontecer assim que ele entrasse no depósito com seu pai.

– Junior, este aqui é o Ronaldo! – falou seu pai, mostrando seu novo ajudante. – Ronaldo, este é o Junior, meu filho!

– Muito prazer, Junior!

Ronaldo estendeu a mão. Junior, chocado, não conseguia se mover. Era mesmo o Ronaldo, o cara que havia comido a bunda do Pedro na noite anterior.

– Não liga, Ronaldo, meu filho é um pouco tímido – seu pai falou com um sorriso amarelo. – Aperta a mão dele, meu filho!

– Muito prazer! – Junior saiu do transe e apertou a mão do Ronaldo.
– Agora vou deixar vocês dois aí. O Junior sabe o que deve ser feito e vai te ensinar tudo direitinho, está bem?

– Pode deixar, Sr. Antônio. Eu também aprendo rápido.
– Junior, além do milho que já tem aqui, os meninos vão trazer mais conforme formos colhendo. Ronaldo, qualquer coisa eu estou lá fora na parte de baixo. Fique à vontade!

Assim que seu pai saiu, Junior, meio desconcertado, explicou timidamente ao Ronaldo como descascar o milho e colocá-lo na caixa de forma a não estragar.

Ronaldo aprendeu rápido e, durante o trabalho naquela manhã silenciosa, não tirava os olhos de Junior por nada. Até que, passadas algumas horas, Ronaldo resolveu quebrar o silêncio.

– Olha, não se ofenda, não, mas você é um cara muito boa pinta! As meninas devem cair matando em cima de você, não?

– Não – Junior trabalhava sem olhar para o Ronaldo.

– Como não?

– Eu sou um pouco tímido...

– Quer dizer que você nunca?

– Nunca o quê? – Junior se fez de bobo.

– Você sabe... foi para a cama com uma mulher?

– Eu? Bem, eu já fui sim! – ele se recordou das vezes que havia brincado com Maiara. Ele falou aquilo só para tentar demonstrar alguma experiência.

– E aí, é muito gostoso, não?

– O quê?

– Comer uma garota!

– Sim, é sim.

Ronaldo, muito esperto, percebeu que era mentira, mas como ele sempre havia gostado de sexo e de falar de sexo, continuou.

– Eu também adoro. Sexo é comigo mesmo. Adoro pegar uma garota na cama, no mato, em qualquer lugar – Ronaldo estava ficando visivelmente excitado.

Junior, querendo não parecer interessado, apenas concordou com tudo. Ronaldo continuou:

– Antes de ontem mesmo, eu saí com uma garota que era muito gostosa! Ela fazia de tudo na cama. Seu único problema era ser casada.

– Casada?

– É, casada. Mas é como se não fosse! Todo mundo aqui na cidade pega ela! – Ronaldo falou baixinho. – Alguns dizem que o corno do marido dela até sabe, mas não liga. Outros dizem que ele ajuda arrumando homens para ela e, quando consegue, gosta de assistir a tudo. Você deve conhecer, ela é a esposa do Bento, dono do mercadinho.

Junior ficou realmente surpreso.

– Conheço sim, mas não sabia disso.

– Bom, pelo menos é o que o povo fala. Eu nunca o vi arrumando homens para ela, só sei que ela sai com um monte de amigo meu e não está nem aí. Ela adora dar e a gente adora meter nela!

Junior apenas sorriu. Ronaldo, que sempre se empolgava quando falava de sexo, continuou:

– Sabe, Junior, eu adoro mulher, curto muito, mas sabe do que eu mais gosto?

– Do quê? – perguntou ele enquanto empilhava algumas caixas, um pouco mais à vontade com o Ronaldo.

– De uma bunda. Uma bundinha bem durinha e gostosa. Se for virgem, então, eu fico louco!

– Que nem a do Pedro? – Junior perguntou sem pensar.

Segundos de silêncio foram inevitáveis.

– Pensei que você não fosse comentar, Junior!

– Como assim?

– Eu sei que você viu tudo o que aconteceu ontem à noite!

– Você sabe? Como? – Junior espantou-se com a revelação.

– Ontem, quando eu saí para pegar o colchão nos fundos, ele não estava lá. Procurei e nada, até que resolvi dar a volta no depósito e vi você agachado nos espiando.

– Você me viu?

– Sim! Mas não fiz nada. Mesmo porque, se você estava espiando, é porque você queria ver. Por isso, quando voltei ao depósito, a primeira coisa que fiz foi acender a luz forte para você enxergar melhor.

– Sim, eu lembro de você demorando e acendendo a luz forte...

– Pensei em contar logo em seguida ao Pedro que tinha te visto, mas deixei para um momento especial... Não sei se percebeu, mas quando eu

estava em cima dele, quase gozando, disse baixinho em seu ouvido que tinha um garoto nos espiando. Ele ficou tão alucinado que gozou, contraiu mais ainda a bunda e me fez gozar em seguida.

– Eu lembro. Ele olhou para a parede onde eu estava, mas eu não sabia que vocês sabiam que eu estava lá – Junior ainda estava surpreso.

– Sim, nós sabíamos. Depois que terminamos, fomos lá fora, queríamos falar com você, mas você saiu correndo para o meio do mato. Vimos você de longe. O Pedro ficou preocupado pensando que você contaria para alguém, mas eu disse que não, que era para ele ficar despreocupado.

– E como você tinha tanta certeza de que eu não contaria para alguém?

– Na verdade, eu não tinha! Mas algo me dizia que, se você fosse contar a alguém, teria feito logo no começo, e não ter esperado tudo até o final. Mesmo porque eu já tinha te visto algumas vezes na igreja, e você sempre foi um garoto muito quieto, na sua.

Neste momento, o pai de Junior entrou no depósito trazendo mais sacos de milho.

– Que bom que vocês estão conversando! – disse seu pai. – Junior, não sei se o Ronaldo falou, mas ele é primo do pastor Silas, trabalhador e homem de bem, ele vai ficar aqui com a gente por um bom tempo! – Em seguida, ele dirigiu a palavra a Ronaldo. – Está gostando do trabalho?

– Estou sim, Sr. Antônio! O Junior me explicou direito o que fazer, e não tem muito segredo.

– Ótimo, que bom! Vou deixar estes sacos aqui, é quase meio dia e precisamos almoçar. Junior, por hoje é só, meu garoto, pode ir almoçar e de lá vá para a escola.

– Está bem, pai.

– Até mais, Junior, foi um prazer! – despediu-se Ronaldo.

Junior foi para casa, almoçou e seguiu em direção à escola. Durante toda a tarde, ele não conseguia pensar em outra coisa a não ser no Ronaldo, na conversa e no que tinha acontecido na noite anterior. “Então eles me viram? Eles sabiam de tudo?”, pensava sem parar. Quando Junior saiu da escola, seguiu direto para o depósito de trigo na esperança de encontrar mais alguma coisa lá. Mas não havia ninguém, nenhum sinal do Ronaldo ou do Pedro. Então, ele foi para casa e aguardou ansioso o dia seguinte para conversar com Ronaldo.

No outro dia, lá estava Ronaldo encaixotando o milho, esperando a chegada de Junior.

– Olá, Junior!

– Olá, Ronaldo!

– Tudo bem? Viu alguma coisa ontem à noite? – Ronaldo perguntou com um sorriso safado.

– Não. Claro que não! – ele respondeu surpreso, afinal, como Ronaldo tinha tanta certeza de que ele passaria novamente por lá?

– Não se preocupe, meu rapaz, quando acontecer de novo, eu te aviso. O Pedro voltou para a cidade dele com a minha prima. Eles vão se casar agora no final do ano. Veio para cá avisar a família e pedir ajuda para a festa de casamento.

– Ele vai se casar?

– Sim, no final deste ano.

– E vocês dois?

– O que tem nós dois?

– Nada não...

– Realmente não temos nada. Apenas brincamos de vez em quando. Brincadeira gostosa entre amigos. Nada de mais.

– Nada de mais, não. Você sabe que isso é errado...

– O que é errado?

– Dois homens se deitarem na mesma cama... e um como se fosse mulher. – Junior repetiu o que tinha escutado do pastor Silas certa vez durante um culto.

– Eu sei que dizem que é errado e que não pode. Mas eu não ligo. Eu não estou roubando, não estou matando, não estou fazendo nada de ruim para ninguém.

– Mesmo assim, isso ainda é errado!

– Junior... – Ronaldo suspirou, como se já tivesse cansado de escutar aquilo durante sua vida. – Você é novo e, com o tempo, vai perceber que nem tudo o que é errado é realmente errado. Assim como nem tudo o que é certo é realmente certo – continuou ele, olhando nos olhos de Junior.

– Mas está escrito na Bíblia! – Junior falou com um tom sério, com um tom de que todos deveriam seguir à risca as escrituras sagradas.

– Tudo bem, mesmo assim, se eu estiver mesmo cometendo um pecado, no dia do juízo final Deus irá me perdoar. Está escrito também que

Deus perdoa tudo. Então as coisas não mudam muito. Sem falar que não sou o único que faz coisa errada. Sabe meu primo? O pastor Silas?

Ronaldo citou seu primo como uma forma de mostrar ao Junior que até aqueles que parecem ser totalmente corretos aos olhos dos outros e de Deus também cometiam seus erros e seus pecados.

– Sei, o que tem ele?

– Ele tem um caso com a Sandra, a professora de música, há mais de 10 anos. Mas ninguém sabe disso. E olha que ele é pastor!

Junior, já sabendo que o pastor também abusava de sua filha, não ficou tão surpreso com a má conduta do religioso.

– Mas se a Bíblia diz que é errado, por que você faz? – perguntou ele, ainda insistindo no assunto.

– Porque é gostoso!

– Só por causa disso?

– E você quer motivo melhor?

Junior ficou parado, pensando.

– Não sei. Realmente não sei.

Naquele momento, dois garotos entraram no depósito:

– Onde colocamos estes sacos? – perguntou um deles.

– Pode colocar ali, naquele canto! – disse Ronaldo, que já dominava o trabalho.

Eles colocaram tudo ali e saíram. Como a conversa não continuou, Junior e Ronaldo voltaram a trabalhar, mas em silêncio. Vez ou outra, Junior percebia Ronaldo o encarando e admirando seu corpo sem disfarçar, na maior cara de pau.

– O que foi?

– O que foi o quê, Junior?

– Você... fica me olhando...

– Não posso? Você tem medo de eu te agarrar?

– Não!

– Tem medo de ter vontade de me agarrar? – Ronaldo sorriu.

– Também não. Apenas não gosto.

– Está certo, jovem! Vou parar. Ou olhar menos, tudo bem? Apenas saiba de uma coisa. Nunca vai acontecer nada que você não queira!

E Junior definitivamente não queria. Pelo menos não naquele momento.

2113000113090715001305210010211409151800030801130104150001140
4180500122109260005000701250005001921180415000615090005120500
1721051300130500011021041521000315130005191905190003150409071
5190022150305000103180504092001000500211300011309071500132109
20150017210518090415

OceanofPDF.com

2113000113090715001305210010211409151800030801130104150001140
4180500122109260005000701250005001921180415000615090005120500
1721051300130500011021041521000315130005191905190003150409071
5190022150305000103180504092001000500211300011309071500132109
20150017210518090415

CAPÍTULO 6

Graças à convivência diária, Junior não só tinha ganhado seu primeiro amigo, como também seu único e “melhor amigo”. Ronaldo e Junior não se desgrudavam praticamente para nada. Tanto que meses se passaram e Ronaldo já tinha relatado a putaria da vida de muitas pessoas conhecidas da região. Ele realmente adorava falar de sexo e por isso também não poupava Junior dos detalhes sórdidos que rolavam entre ele e suas mulheres e, principalmente, entre ele e alguns garotos.

Por respeito, Ronaldo nunca deu diretamente em cima de Junior ou forçou qualquer barra, mas, sempre que podia, deixava claro seu interesse pelo rapaz. Já o garoto, protegido em sua privacidade, não excluía nenhuma das histórias do Ronaldo de sua masturbação diária. Tudo o que Ronaldo contava, até mesmo o sexo que fazia com os meninos, ia parar nas mãos de Junior dentro do banheiro de sua casa ou da escola. A prática dependia do surgimento da lembrança, do tesão e do local mais próximo para aliviar suas tensões. Eles ficariam assim por um bom tempo se não fosse o pai de Junior ter uma ideia brilhante que ajudou a unir os dois ainda mais.

– Ronaldo, meu filho, quando você vai levar o Junior para conhecer o Madalena? – perguntou seu pai, do nada, enquanto Junior e Ronaldo o ajudavam a levar as caixas para o caminhão.

– Sr. Antônio! Então o senhor conhece aquele puteiro? – Ronaldo espantou-se.

– Sim, bem, eu escuto o pessoal falar! – respondeu ele, gaguejando um pouco.

– Toma jeito, Sr. Antônio!

– Olha o respeito, Ronaldo! Tenho idade para ser seu pai! Sou um homem de família! – disse ele, levemente alterado. – Mas qualquer dia leve

o Junior lá. Meu garoto precisa conhecer as coisas boas da vida!

– Desculpe, patrão, não quis ofender... mas será um prazer levar o Junior! Na próxima vez que formos lá, ele vai junto!

Seu pai agradeceu e Junior, visivelmente envergonhado pelo assunto sexo surgir pela primeira vez na presença de seu pai, continuou a empilhar as caixas fingindo que nada tinha acontecido. Mas tinha. E ele começou a ficar preocupado. “Eu? Em um puteiro? Fazendo sexo com uma mulher?” Aquilo gerou um enorme frio na barriga, afinal, por mais que ele se masturbasse diariamente e gostasse de sentir aquele prazer, ele estaria pela primeira vez fazendo aquilo junto com outra pessoa. Mas o tempo lhe confortava. “Tudo bem, não vai ser agora, vai demorar semanas e até lá eu estarei preparado!”, pensou e ficou um pouco aliviado. Pelo menos até seu pai sair dali e Ronaldo lhe dar a grande notícia:

– Junior, vamos lá neste sábado! Depois de amanhã! – Ronaldo falou bastante empolgado.

– Mas já?

– Sim, por quê? Não quer ir? Está com medo?

– Não. Por mim tudo bem – Mentira, se ele pudesse deixar para dali a cinco mil anos, ele deixaria.

– Mesmo porque o Pedro vem para Capão Bonito neste sábado e está de carro! – continuou Ronaldo.

– O Pedro? – Junior imediatamente se recordou do garoto.

– Sim, ele está morando em São José do Rio Preto e por isso faz tempo que não aparece por aqui. Eu não ia te contar agora, mas ele ligou ontem avisando que viria para resolver algumas coisas. Podemos ir nós três ao Madalena.

– Tudo bem. Vamos sim! – ele respondeu, já com um frio no estômago.

– Ótimo, combinado, passamos na sua casa à noite e te pegamos.

Naquele momento, o telefone tocou. Junior saiu do transe e voltou para o sofá no apartamento de Gabriel.

– Alô, quem fala?

– Junior? Sou eu, o Xande!

– Fala, Xande! O que você quer a esta hora? São quase duas da manhã.

– Quero saber se amanhã você vai estar em casa...

– Estarei, sim, aconteceu algo?

– Sim, estou péssimo... mas não é nada grave! Amanhã conversamos!

– Tudo bem, o Leandro também virá para cá – disse Junior, já sabendo que os dois não se suportavam.

– Credo, o Leandro? Não gosto dele!

– Eu sei. Mas ele nunca te fez nada.

– Bom, ainda estou um pouco tonto e preciso desligar, amanhã a gente se fala. Boa noite!

– Boa noite, Xande!

Junior desligou, olhou para o relógio e voltou a se recordar de seu passado. Mais especificamente daquele sábado, quando ia ao puteiro.

– Você deve ser o Junior.

– E você é o Pedro! – disse Junior, reconhecendo o rapaz que tinha dado a bunda para o Ronaldo. – Apenas fale baixo, é tarde e meus pais já foram dormir... onde está o Ronaldo?

– No carro, nos esperando. Vamos?

– Sim, vamos!

Apesar de o carro ser do Pedro, era o Ronaldo quem dirigia. Junior sentou-se no banco de trás e os três seguiram em direção ao puteiro, que ficava em outra cidade. No caminho, pelo silêncio de Ronaldo, Junior ficou levemente desconfiado de algo estar errado. E estava. Ele não sabia que os dois tinham combinado uma parada em meio a umas árvores próximas da estrada.

– Por que estamos parando, Ronaldo? – perguntou Junior.

– Preciso mijar! – ele olhou para Pedro, que já soltava um sorriso.

Ronaldo então desligou o carro, saiu, deu a volta e começou a mijar na roda dianteira, perto da janela onde Pedro estava sentado. Ele, estrategicamente distante do pneu e virado de frente para os dois, puxava assunto lá de fora com Junior.

– E aí, Junior, está nervoso? – perguntou Ronaldo com a intenção única de se exhibir.

– Não. Mas vamos logo! – ele respondeu, não olhando diretamente para Ronaldo mas percebendo que algo não muito mole estava balançando no meio de suas pernas.

– Calma, Junior, temos a noite toda! – disse Ronaldo, enquanto terminava de mijar. – Puxa vida, como vou me limpar? – olhou para seu pênis e, depois, maliciosamente para Pedro.

Pedro, tão safado quanto, começou a passar a língua entre os lábios demonstrando sua vontade de chupar Ronaldo. Ronaldo entendeu o recado, se aproximou da janela do carro, que estava totalmente aberta, e Pedro caiu de boca.

Neste momento, Junior, vendo aquela putaria dos dois, começou a ficar nervoso.

– O que vocês estão fazendo?

– Estamos brincando, Junior. Quer brincar com a gente? – respondeu Ronaldo.

Pedro, com a boca ocupada, apenas virou o rosto para poder ver a cara do Junior. Junior, com cara de bravo, permaneceu em silêncio. Ele, que já tinha se masturbado muito imaginando-se transando com os dois, não conseguia ver aquela situação como uma oportunidade. Algo, lá dentro, lhe despertava raiva.

– Terminem logo! Vamos sair daqui! – Junior disse, enquanto saía do carro e se dirigia para um local distante dos dois.

Pedro e Ronaldo, bastante surpresos, não continuaram com a brincadeira. Ronaldo então foi atrás dele e pediu desculpas.

– Vamos voltar para o carro. É que, como da outra vez você só espiou, pensamos que desta vez você gostaria de ver tudo de perto e, quem sabe, participar. Só isso!

– Não, nunca concordei com isso e nunca gostei disso! – Junior revoltou-se.

– Está bem, vamos?

Eles continuaram a viagem e depois de quase uma hora de carro chegaram ao tão falado puteiro Madalena.

– Aqui! Aqui, delícia! Podem estacionar aqui! – indicou Claudio, gerente da casa e amigo de Ronaldo.

– Tudo bem, Dinho? – Ronaldo o cumprimentou.

Dinho era como Claudio era chamado pelos frequentadores do Madalena. Uma mistura de Claudinho com o apelido pejorativo, e com o qual ele não se importava, de “viadinho”, mais ainda porque ele era baixinho, falava fino, tinha vários trejeitos e era muito afetado. Porém, todos não só o respeitavam como também tinham muito medo dele, afinal, suas amizades eram consideradas “barra pesada”.

– Podem entrar, meus amores! – falou Claudio, com sua voz fina, enquanto abria a porta do puteiro.

– Hoje queremos farra! – disse Ronaldo.

– Sim, pode deixar que eu vou cuidar bem do girino!

Junior não desconfiou, mas Claudio falava dele. Era comum Claudio chamar todos os virgens de girinos. Depois da primeira experiência com uma mulher, eles deixavam de ser girinos e viravam sapos, ficando assim para sempre. Se algum dia um sapo viesse a sair com outro homem, ele então se transformava em príncipe, mesmo que a aparência não ajudasse tanto. Essa brincadeira era uma espécie de código do Claudio que somente seus amigos e os frequentadores mais assíduos do Madalena sabiam.

Já dentro do puteiro, Junior deparou com uma sala com sofás e paredes de tom vermelho. Tudo à meia luz. No ambiente, vários homens bebendo próximos de um bar e muitas mulheres conversando e se insinuando para eles. Claudio apareceu logo em seguida e disse ao Junior que seu quarto já estava separado e que em breve ele poderia entrar e fazer de tudo!

Fazer de tudo? Como alguém inexperiente que nunca fez nada poderia, de uma hora para outra, fazer de tudo? Tudo era o quê? Seu nervosismo só aumentou. Pedro e Ronaldo pediram várias cervejas. Junior, não conseguindo esconder seu nervosismo, bebeu várias e, como não era a primeira vez que bebia, não chegou a ficar bêbado, apenas um pouco alegre. Ronaldo então foi até seu ouvido e disse:

– Não se preocupe com dinheiro, Junior. Seu pai está bancando e esta noite está toda paga para nós três. Agora é só foder essas raparigas e se acabar de tanto meter!

Claudio chegou e levou Junior para um corredor enorme cheio de quartos. No caminho, ele escutou vários gemidos de homens e mulheres transando. Mas ele sequer ficou excitado com aqueles sons. Tudo ali era muito novo e ele estava mesmo muito nervoso.

Quando chegou ao quarto reservado, ele entrou e, conforme a orientação de Claudio, aguardou a tal Ramona. Segundo Claudio, Ramona era a menina mais linda e experiente daquele lugar, além de ser uma excelente professora.

– Tire o sapato, meu amor! Deite na cama, a Ramona está terminando o banho e já vem! – Claudio saiu e fechou a porta.

Poucos minutos se passaram até aquela mulher de 20 anos entrar no quarto só de roupão.

– Você é o Junior? Muito prazer! – ela falou com voz delicada enquanto trancava a porta.

– Prazer! – Junior respondeu, visivelmente nervoso.

– Não se preocupe, meu amor, tudo vai sair bem! – Ramona tentou acalmá-lo. – Feche os olhos! – mandou ela enquanto se aproximava e começava a massagear suavemente seu pênis sobre a calça.

Com muita delicadeza, ela abriu seu zíper, puxou para fora e começou a chupá-lo. Ele, excitado, apenas gemia de prazer. “Como é gostoso!”, pensava. A sensação era 10 mil vezes melhor do que se masturbar sozinho.

Não é por nada, não, mas Junior realmente deu sorte. Nem todo homem ou toda mulher sabe, realmente, como chupar um pênis. Mas a Ramona sabia. Ela, suavemente, devagar, sem demonstrar qualquer pressa, engolia milímetro por milímetro, fazendo o garoto suspirar. Quando ele se sentiu mais à vontade, abriu os olhos e lá estava a cabeça da Ramona subindo e descendo sobre seu membro.

Depois de alguns minutos, ela parou, se levantou, tirou o roupão, ficando completamente nua, virou de costas e sentou em cima dele, encaixando o pênis dentro de sua vagina.

Junior, alucinado, não acreditava na visão e na sensação que estava tendo. O prazer de estar dentro dela era tão grande que bastou a Ramona subir e descer, cavalgando, umas cinco vezes para ele gozar abundantemente dentro dela.

– Isso mesmo, Junior. Que gostoso que você é! – disse Ramona, rebolando em cima dele enquanto ele ainda se contorcia.

Então ela saiu, lhe deu um beijo, se limpou e disse que tomaria outro banho. Antes, avisou que tinha toalhas úmidas em cima de uma mesa e que ele poderia se limpar, pois ela voltaria para fazer tudo de novo. “Tudo de novo? Ainda tem mais?”, pensou espantando. Ramona, sabendo que a

maioria dos novatos gozava rápido por ser a primeira vez, tomava banho, esperava alguns minutos para eles descansarem e voltava no mínimo umas quatro vezes. Tanto que, quando ela iniciava alguém, não atendia nenhum outro cliente na mesma noite. E aquela noite era do Junior. Ela chupou, deu e, algumas vezes, o deixou colocar também em seu ânus. Junior, cada vez mais à vontade, experimentou um pouco de tudo. O único detalhe é que, naquela noite, não rolou muito beijo de língua e todo o sexo foi feito de forma mecânica. Mas nem por isso foi ruim.

Quando tudo terminou, já de manhã, os três voltaram para o carro e Pedro perguntou a Ronaldo sobre Claudio.

– Ele com certeza está lá nos fundos, no quartinho – respondeu ele, como quem sabia exatamente do que falava.

– Quartinho? – perguntou Pedro.

– Sim, quartinho! Quando a casa está quase fechando, de manhã, Claudio costuma levar alguns homens para se divertir lá com ele. Fica sempre um grupo de uns cinco ou seis caras.

– Nossa! Tudo isso?

– Sim, mas são caras que já estão acostumados e que ele conhece. Vez ou outra surge alguém novo, geralmente indicado por um dos amigos.

– E o que eles fazem?

– Fazem de tudo com o Claudio. Ele vira a mulherzinha deles, e o melhor, sem pagar nada. Assim como você foi minha mulherzinha naquele dia!

– Seu idiota! Vamos embora logo que eu estou morrendo de sono! – Pedro bocejou lentamente. – E você, Junior, como foi sua noite? – ele olhou para Junior, que estava no banco de trás.

– Foi boa! – respondeu Junior, sem muitas palavras, por causa do cansaço.

Mas ele tinha, realmente, gostado e muito.

Alguns dias se passaram depois daquele primeiro dia no puteiro. A única parte desagradável foi sua família toda ficar sabendo que ele tinha se tornado homem. É estranho como algo tão pessoal, tão íntimo, sobre o que ninguém conversava entre si, em lugar nenhum, nem mesmo dentro da família, de repente se tornava algo tão público. Mas tudo bem, a escola, a plantação de milho, a amizade com o Ronaldo e o dia a dia como um todo lhe distraíam bastante. Mesmo assim, a vontade de voltar àquele puteiro e repetir tudo aquilo aumentava dia após dia. Parece que, quando se faz sexo

pela primeira vez com alguém, a vontade de fazer de novo e várias vezes é grande. Até que, não aguentando mais, Junior pediu a Ronaldo:

– Ronaldo, vamos ao Madalena de novo?

– Eita, menino danado! Não faz nem duas semanas e você já quer ir de novo?

– Sim, mas por favor, não conte a ninguém. Vamos escondidos. Não quero que fiquem tirando sarro da minha cara!

– Tudo bem, vamos sim. Mas, por que você não arruma uma garota? Assim poderá fazer sempre que tiver vontade! E sem gastar dinheiro.

Junior ficou parado pensando.

– Ou, se quiser, arruma um garoto, ou um amigo, para brincar e se aliviar, é mais fácil e rápido! – Ronaldo sorriu enquanto pegava no próprio pinto sobre a calça.

Junior também ficou parado, pensando. Mas não respondeu nada.

Mais semanas se passaram e Junior, cansado de se masturbar e quase explodindo de tesão, começou a cair na conversa do Ronaldo.

– Veja bem, Junior... – falou Ronaldo em uma manhã qualquer. – Ninguém nunca vai ficar sabendo de nada. As pessoas dizem que não pode, que é proibido, mas muita gente faz...

– Não sei...

– Junior, faz meses que somos amigos, trabalhamos e passamos o final de semana juntos, te conto tudo o que eu faço na cama, sua família me trata como se fosse da sua família, podemos ficar a sós a qualquer hora do dia sem ninguém desconfiar... por que não?

E ainda repetia seu principal argumento:

– E outra, sexo é apenas sexo, e nunca faremos nada que você não queira!

– Tudo bem! – Junior suspirou.

Tudo bem? Junior tinha mesmo dito aquilo? Ronaldo, com um sorriso imenso, tratou logo de combinar um encontro entre os dois.

– Pode ser hoje mesmo! Lá naquele depósito de trigo que fica na fazenda dos pais do Pedro. Ele continua abandonado à noite!

– Tudo bem! – Junior respondeu, tentando não demonstrar interesse, embora ele estivesse tão interessado quanto Ronaldo naquele encontro.

0815100500010315142005030521000112071500051407180103010415000
6151315190014150013051803010415000500221503050016050409210001
1721051205002515180721200500040500172109140805142001190007180
1130119000315130016050401031519000405000618212001002215030500
1601180503090100031809011403010014011500200914080100031513150
0140115000315131618011800010715180100190513161805001721050022
0510150012051302181500040500221503050013052100011301041500200
8052119

OceanofPDF.com

0815100500010315142005030521000112071500051407180103010415000
6151315190014150013051803010415000500221503050016050409210001
1721051205002515180721200500040500172109140805142001190007180
1130119000315130016050401031519000405000618212001002215030500
1601180503090100031809011403010014011500200914080100031513150
0140115000315131618011800010715180100190513161805001721050022
0510150012051302181500040500221503050013052100011301041500200
8052119

CAPÍTULO 7

Naquele dia, Junior foi para a escola e ficou olhando constantemente o relógio. Ele queria que as horas passassem rápido. Enquanto elas não passavam, ele ficou preocupado em como seria o tal encontro com Ronaldo. Afinal, nas histórias que ele contava com os garotos, ele nunca chupava e nem dava a bunda. Só era chupado e os comia. “Será que eu vou ter que chupar e dar a bunda?”, pensava a todo momento. “Mas, se os outros garotos fazem, mesmo sendo errado, e gostam, que mal teria? Ninguém vai ficar sabendo mesmo! E outra, sempre me masturbei também imaginando isso e, se eu já provei com mulher e foi muito bom, porque não provar também com um homem? E se for melhor que mulher? Bom, pelo menos não vai ser feito nada que eu não queira!”, Junior repetia para si mesmo o principal argumento do Ronaldo. Argumento este que ele usava também com os outros.

Quando o sinal da escola bateu, Junior, cortando caminho, seguiu com um frio no estômago em direção àquele depósito. “Ronaldo já deve estar lá me esperando.”, pensou enquanto caminhava. E estava.

Assim que abriu a porta do depósito, Junior apertou a luz do interruptor e em seguida escutou a voz de Ronaldo.

– Eu tirei a lâmpada. No escuro você ficará mais à vontade – disse ele, enquanto o abraçava por trás e esfregava seu pênis, já duro, em sua bunda.

– Ronaldo, vá com calma!

– Com certeza! – falou ele baixinho em seu ouvido. – Faz meses que eu espero por este dia, Junior! – Ronaldo continuou se esfregando no

garoto.

– Como assim?

– Preciso te dizer uma coisa... – continuou ele baixinho enquanto, suavemente, lambia sua nuca e mordida levemente sua orelha. – É estranho, mas de todas as mulheres e de todos os homens com quem fiquei nestes últimos meses, eu só consigo pensar em você! E olha que a gente nunca ficou junto...

– Do que você está falando? – Junior perguntou um pouco assustado, mas, de certa forma, feliz por escutar aquilo.

– Não sei explicar. Mas meses se passaram e eu, cada vez mais, me vi completamente apaixonado por você! – Ronaldo agarrava-o como um louco.

– Mas por que você não me disse isso antes? – Junior se virou.

Foi então que Ronaldo o surpreendeu com um gostoso beijo. O primeiro beijo de língua que Junior dava em um homem.

Nossa, só de lembrar do seu primeiro beijo em um homem, daquela barba cerrada roçando em seu rosto e seus lábios, Junior, naquele sofá, ficou excitado em meio às angústias do sexo e de suas recordações.

Depois do beijo, Ronaldo, que nunca chupava ninguém em suas histórias, se abaixou, abriu o zíper da calça de Junior e começou a chupá-lo. Junior, sabendo que aquela atitude não era comum, se sentiu especial e privilegiado. É verdade, ele não chupava tão bem quanto a prostituta Ramona, mas era mesmo muito gostoso. Tanto que não demorou para que Junior gozasse na boca de Ronaldo. Quando terminou, Ronaldo cuspiu e ligou uma lanterna em direção ao teto. Junior então perguntou:

– E você, não vai gozar?

– Mais do que já gozei? Olhe para baixo! – Ronaldo apontou a luz da lanterna para o chão onde Junior estava.

Junior não tinha percebido, mas Ronaldo, enquanto o chupava, se masturbava com tanta vontade que gozou praticamente junto com ele. Quando terminou, Ronaldo foi lá fora, lavou as mãos e a boca no tanque, voltou para o depósito e colocou a lâmpada. Com a luz acesa, ele se aproximou lentamente do rosto do Junior, olhou aqueles belos olhos negros e os dois voltaram a se beijar. E com uma vontade gigantesca. Parecia que tanto Ronaldo quanto Junior esperavam, mesmo, meses por aquele grande momento. Aquilo os deixou excitados novamente.

– Agora chega! Preciso ir. Minha mãe vai ficar preocupada e ela não sabe que eu estou com você!

– Sim, vamos! – Ronaldo beijou Junior mais uma vez.

– Nossa, que loucura! – Junior suspirou enquanto saía e fechava a porta do depósito.

O interessante foi que, depois de receber a bronca de sua mãe ao chegar tarde em casa, Junior finalmente percebeu que aquilo que ele tanto havia recusado era, de fato, o que ele mais queria. E mesmo sendo algo proibido, ele queria que tudo aquilo se repetisse várias vezes. De preferência já no dia seguinte.

1415000409010017210500221503050003151419050721091800040503090
6180118002015041519000519200519000315040907151900031513000305
1820052601000521002005180509000103080104150001000615181321120
1000415001921030519191500040500211300180512010309151401130514
2015001721050004050006012015001905100100160118010019051316180
5001615091900052100172105181500221503050016011801001905131618
0500200805211900200500011315

1415000409010017210500221503050003151419050721091800040503090
6180118002015041519000519200519000315040907151900031513000305
1820052601000521002005180509000103080104150001000615181321120
1000415001921030519191500040500211300180512010309151401130514
2015001721050004050006012015001905100100160118010019051316180
5001615091900052100172105181500221503050016011801001905131618
0500200805211900200500011315

CAPÍTULO 8

– Oi, Junior!

– Oi! – respondeu envergonhado a Ronaldo, assim que chegou ao trabalho.

– Como foi a noite? Dormiu bem? Gostou de ontem?

– Sim. Mas vamos trabalhar! – Junior não queria conversa, como se estivesse arrependido do que havia acontecido. Ronaldo percebeu.

– Não se preocupe, meu garoto. Essa sensação de ter feito algo errado passa. Com o tempo, você vai ver que não fizemos nada de mais. E melhor, que podemos repetir várias vezes!

– Espero que passe mesmo...

– Sim, vai passar! Sem falar que todo homem deveria ter um braço forte e uma mão amiga por perto, principalmente nessas horas de tensão! – Ronaldo fez gestos que imitavam a masturbação, o que fez Junior sorrir.

É, aquele dia foi igual a todos os outros, inclusive com o tesão que eles normalmente sentiam. É estranho, mas trabalhar na roça, mexer com caixas pesadas, o contato com a natureza, o cheiro do mato, ficar livre das preocupações neurotizantes da cidade grande e que são comuns para quem mora nela, enfim, tudo aquilo parecia que aumentava a carga de testosterona e liberava com uma força brutal o desejo sexual de seus corpos. Como Junior era jovem, essa carga se multiplicava e Ronaldo, percebendo há dias que ele ficava excitado a todo momento, não poupava o garoto de suas histórias sexuais. Até que, do nada, quando estava trabalhando no depósito encaixotando o milho, Ronaldo o surpreendeu.

– Junior, vem aqui! – disse ele, lambendo os lábios. Junior entendeu o recado.

– Não, você está louco! Aqui, não!

– Aqui, sim! Você fica espiando pela janela, se seu pai ou algum garoto se aproximar você me avisa e nós disfarçamos!

– Não, nem pensar!

– Vem, pare de ser bundão! Todo dia de manhã a gente fica aqui e você sabe que eles vêm poucas vezes.

– É verdade! – Junior falou depois de pensar um pouco.

Ele então se aproximou, Ronaldo se abaixou e começou a chupá-lo. Antes de gozar, Ronaldo se levantou, trocou de posição com ele e falou:

– Agora é a sua vez! – disse enquanto empurrava a cabeça do menino para baixo.

Junior, meio sem jeito, colocou uma parte na boca, fechou os olhos e fez de conta que aquilo era um sorvete, mesmo não tendo gosto algum, só de saber que ele estava chupando um pênis, um homem, isto é, fazendo algo proibido, ele permaneceu extremamente excitado com aquilo.

– Isso, meninão! Para uma primeira vez, você está ótimo!

Quando falou isso, Junior, empolgado, começou a chupar com mais vontade, fazendo Ronaldo gozar em sua boca. Foi a primeira vez que, mesmo não engolindo, ele sentiu o gosto do esperma.

– Nossa, como sua boca é gostosa, Junior!

Junior, com a boca cheia, sorriu, se levantou, foi até a pia e cuspiu. Quando voltou, Ronaldo, percebendo que ele não tinha gozado, se abaixou e terminou o serviço. Depois daquela brincadeira, eles voltaram ao trabalho como se nada tivesse acontecido. Mas tinha acontecido, e mais, estava realmente acontecendo.

Como os encontros dos dois começaram a ficar frequentes, Ronaldo, que até então ficava com várias mulheres, agora estava se encontrando sexualmente apenas com Junior. O sexo que deveria ser apenas sexo começou a dar ouvidos aos sentimentos e, talvez, às forças da paixão. Aquela brincadeira sempre acompanhada de muito desejo, atração física e beijo de língua acontecia todos os dias e, com o Junior de férias, se estendeu também para os finais de tarde no velho e conhecido depósito abandonado. Tanto que sua mãe, que até então nunca havia desconfiado de nada, acabou levantando algumas suspeitas.

– Antônio, você não acha estranho esses dois aí ficarem tão grudados?

– Claro que não, mulher! Eles são só amigos! Grandes amigos!

– Mas eles passam o dia todo juntos! E agora a noite também! – insistiu ela enquanto os observava pela janela de sua casa.

– Nada disso, Josefa, o Ronaldo é um garanhão, sai com várias mulheres por este mundo, e o Junior, bem, desde que virou homem, tem ficado com algumas mulheres também!

– O Junior?

– Pelo menos é o que o Ronaldo me conta. Ele fala que nosso garoto é um “come quieto”.

– Sério?

– Sim, mulher! Nosso filho é homem, e dos bons!

– Ah, se for assim, está bem. Deus me livre ter um filho torto! Seria uma desgraça em nossa vida...

– Deixe disso, mulher! Eles são só amigos!

Sim, eles eram só amigos, pelo menos na visão dos outros. Mas, por estarem sempre juntos, depois de um tempo até os outros começaram a desconfiar. Seu pai, que até então não imaginava qualquer coisa entre eles, procurou ficar próximo e sondá-los vez ou outra para ter certeza de que aquilo era somente uma boa amizade. Até que o inevitável aconteceu.

Era final de tarde quando o Sr. Antônio, muito esperto, ficou sentado logo abaixo da janela do depósito onde Junior e Ronaldo trabalhavam. Ele, disfarçadamente bebendo água de uma jarra, prestou atenção em toda a conversa dos dois.

– Então hoje é o grande dia, Junior?

– Sim, hoje é o grande dia!

– Que bom! Também estava esperando por ele. Mas como tinha que ser especial, esperei você dar o sinal verde.

“Sinal verde? Grande dia? Do que eles estavam falando?”, se perguntou o pai, que escutava tudo.

– Apenas tome cuidado!

– Pode deixar, Junior! Se depender de mim, você sentirá apenas prazer!

- Olha lá, hein? No mesmo local?
- Sim, assim que seu pai nos liberar, a gente pode ir direto para lá.
- Combinado!

“Então tem algo acontecendo entre os dois? Não é possível! Isso não pode ser. Não com meu filho. O nosso Junior!”, pensou o pai. “Vou seguir os dois e tirar esta história a limpo.”

O pai de Junior saiu dali transtornado. Foi em direção à plantação, jogou o restante de água na cabeça, respirou fundo, voltou e encontrou os dois.

– Sr. Antônio, que água é essa na cabeça? – perguntou Ronaldo, sem desconfiar de nada.

– Nada não, meu filho. É só para refrescar. Bom, o trabalho hoje rendeu muito, vocês dois estão dispensados!

– Mas já, Sr. Antônio? Ainda tem muita coisa para fazer!

– Não tem problema, nem Jesus deu conta de tudo em apenas um dia! – disse ele com um sorriso amarelo. – Deixem para amanhã, amanhã é um novo dia. Podem ir!

– Tudo bem! Vamos, Junior! – disse Ronaldo, já se arrumando para ir embora.

Quando saíram dali, o pai, disposto a não perdê-los de vista, fechou tudo rapidamente e, de longe, observou o caminho que faziam. “Não pode ser! Ele não está indo para casa e nem o Ronaldo para a casa dele. Preciso me apressar.”, pensou.

Junior e Ronaldo seguiram o caminho até o velho depósito, sem perceber que o Sr. Antônio os seguia. Para ajudar, como aquela região tinha muitas árvores e estava dentro das terras do pai de Pedro, a possível presença de estranhos era algo tão raro que não gerava preocupação aos dois.

Quando chegaram ao depósito, eles entraram e o pai, com medo de que eles saíssem em seguida, ficou atrás de umas árvores apenas aguardando. Alguns minutos se passaram até que ele se aproximou e tentou espiar o que acontecia lá dentro. Quando encontrou um buraco na parede de madeira, quase teve um infarto. A cena era terrível. Seu filho, Junior, estava em pé, com as calças no chão, e o Ronaldo, também com as calças até o chão, logo atrás dele tentando penetrá-lo.

O Sr. Antônio não se conteve, tirou o cinto e começou a gritar:

– Seu desgraçado! Filho de uma puta! Larga meu filho! – ele avançava com muita raiva em direção à porta.

Os dois, reconhecendo o dono da gritaria, imediatamente levantaram as calças, mas não com tempo suficiente para se arrumarem e disfarçarem.

O Sr. Antônio entrou e começou a disparar cintadas em cima de Ronaldo e Junior.

– Tomem, seus viados! Tomem, seus baitolas! Que porcaria é essa, seus infelizes? Tanta mulher nesse mundo e vocês aqui fazendo sacanagem!

– Calma, Sr. Antônio! Não é nada disso que o senhor está pensando! – falou Ronaldo.

– Calma a puta que te pariu! Você acha que eu não vi vocês dois? – Sr. Antônio gritou muito nervoso, dando mais cintadas.

Junior, assustado, conseguiu sair dali, mas seu pai o seguiu e continuou lhe batendo.

– Para, pai, para... eu não fiz nada, eu juro!

– Jura nada, seu filho imundo! Filho do cão! Eu vi você dando a bunda para o Ronaldo! – gritava ele, com lágrimas nos olhos, enquanto batia nele sem parar.

– Não, pai... não é nada disso!

– Cala a boca, seu desgraçado! – ele chorava muito.

– Sr. Antônio, deixa eu explicar! – Ronaldo tentou se aproximar.

– Sai daqui, seu porra, antes que eu faça uma besteira!

Sr. Antônio, naquele momento, pegou uma enxada que estava ali próxima e ameaçou bater no Ronaldo com ela.

– Anda! Some daqui! – gritou ele, empunhando a enxada como uma arma.

Ronaldo, sem saber o que fazer, saiu dali correndo. Junior, desesperado, se abaixou e começou a chorar.

– Agora você chora, né, seu marica! Por que não chorou antes? Para dar a bunda você não chora, né? Filho do demônio!

A cena foi realmente horrível. Junior, naquele sofá, se recordando de tudo, voltou a chorar. Todas as palavras horríveis que ele poderia escutar de seu pai ele escutou naquele dia. E aquilo estava apenas começando. Seu pai foi gritando e batendo nele do depósito de trigo até a porta de sua casa. Sua mãe, ao escutar os gritos, correu para a porta da casa.

– Antônio, pare com isso! O que está acontecendo?

– Seu filho, Josefa... ou melhor, sua filha! Peguei dando a bunda para o Ronaldo quase agora! – ele não parava de bater em Junior.

– Não, não pode ser...

– É, sim... eu vi tudo! Esse desgraçado!

– Meu Deus, então era verdade! Que desgraça, meu Deus! Que desgraça! – sua mãe também começou a chorar.

O desespero foi total. Alguns vizinhos escutaram a gritaria e foram correndo contar ao pastor Silas o que tinham visto. O pastor, que sempre era chamado para resolver brigas familiares, tratou logo de se arrumar e se dirigir à casa do casal. Quando chegou, o Sr. Antônio continuava batendo em Junior.

– Calma, Sr. Antônio. Acalme-se, homem de Deus! – o pastor entrou às pressas dentro da casa.

– Como vou me acalmar, pastor?

Neste momento, Junior correu para seu quarto. Seu pai continuou.

– Esse menino é um desgraçado! Olha o que ele estava fazendo, pastor! E pior, com o seu primo Ronaldo! Eu vou matar aquele desgraçado! – seu pai pegou uma arma que estava escondida dentro do guarda-roupa.

– Não faça besteira, Sr. Antônio, o senhor está com a cabeça quente! Acalme-se! Tudo vai se resolver.

Com jeito, o pastor se aproximou e conseguiu tirar a arma da mão de Antônio e guardá-la de volta. Junior, que tinha ido para seu quarto, foi desprezado até por sua mãe, que, na sala, não parava de chorar e também de orar e invocar o perdão de Deus.

Já a raiva de seu pai era tão grande que ele mal conseguia escutar os conselhos do pastor, tanto que não demorou muito e ele se levantou, foi até o quarto de Junior e pegou algumas roupas. Depois, agarrou o menino e o levou até a porta de casa. Em seguida, jogou tudo no meio da rua e falou para quem quisesse ouvir:

– A partir de hoje, você não é mais meu filho! Não tive um filho para ele ser viado! Quer ser viado, vai ser, mas no olho da rua! – gritou seu pai, fechando a porta em seguida.

Junior, sem saber para onde ir, começou a andar sozinho pela estrada. Ele, que não parava de chorar, não acreditava no que estava acontecendo. “Fui expulso de casa? O que foi que eu fiz, meu Deus? Como eu pude me deixar envolver com algo tão pecador? Isso só pode ser um

castigo. Perdão, meu senhor! Perdão! Juro que nunca mais farei isso. Nunca mais, meu senhor! Me ajude! Por favor! Tenha misericórdia!”, culpava-se a toda hora, não imaginando o que ainda estava por vir.

1021140915180008151005000521000514190914050900010013090308051
2050003151315000405030906180118000519200519000315040907151900
0120050001071518010019150005120100050013091408010013010500190
102051300040500202104150009191915

OceanofPDF.com

1021140915180008151005000521000514190914050900010013090308051
2050003151315000405030906180118000519200519000315040907151900
0120050001071518010019150005120100050013091408010013010500190
102051300040500202104150009191915

CAPÍTULO 9

Desorientado, Junior passou aquela madrugada na rua, completamente abandonado, dormindo em um banco sujo na beira da estrada. Nunca tinha lhe passado pela cabeça que qualquer coisa daquele tipo pudesse acontecer. Ele sabia que fazia algo proibido e que Deus não aprovava. Mas não sabia que, por causa disso, ele seria expulso de casa e perderia o amor de seus pais. “E agora? O que vai acontecer? E o Ronaldo? Onde ele está?” As dúvidas reinavam em sua cabeça e, com muito custo, ele conseguiu pregar os olhos por algumas horas.

Logo cedo, quando acordou naquela estrada, Junior, ainda atordoado, viu sua mãe de longe com uma sacola na mão. Ela andava com a cabeça baixa, seguindo em sua direção.

– Mãe... – disse ele com uma voz de menino carente, assim que ela se aproximou.

– Vim trazer algo para você comer – a mãe nem olhou para ele.

– Mãe, me perdoa... por favor...

– O que você fez não tem perdão... pegue logo sua comida se não eu levo embora! – ela entregou-lhe a sacola com desprezo.

– Mãe, por favor, eu juro que nunca mais vou fazer isso! Nunca mais... – Junior começava a chorar. Naquele momento, ele só queria seu abraço.

– Para de chorar, Junior! Nunca imaginei que teria um filho invertido! Que decepção, meu Deus! Que decepção! – gritou ela, fazendo cara de desaprovação.

– Desculpa mãe. Eu estou arrependido. Juro! Nunca mais vou fazer isso. Nunca mais! Passei a noite toda orando e pedindo perdão! Por favor, mãe, me dá um abraço...

– Não, Junior... eu não dei à luz um filho torto! Um filho imundo! Você é uma aberração! Você envergonhou seu pai, envergonhou sua mãe, envergonhou Deus e todos aqui do Mirizola – ela citou o nome do bairro onde moravam e se afastou. – Ande, coma logo! – ela continuou, ainda com desprezo. – Você tem sorte que o pastor Silas passou a noite conversando com seu pai. Ele explicou que você está doente, muito doente! Isso que você fez não é coisa de Deus! Deus não fez Adão e Ivo, ele fez Adão e Eva para serem felizes no paraíso!

Junior, pegando a comida e escutando o sermão de sua mãe, chorava de soluçar.

– Hoje à noite você irá para Belo Horizonte. O pastor Silas disse que lá tem um sítio que cura pessoas doentes como você. Você vai ficar curado! Ele tem amigos pastores que hoje são casados, têm filhos e se livraram deste mal. Você vai ficar bem também!

Que lembrança triste. O que ele mais queria naquele momento era um abraço de sua mãe e escutar dela que ele ainda era seu garoto amado. Mas não. Ela ficou tão envergonhada e decepcionada com o filho que “não era mais homem” que todo o seu amor se transformou em ódio. Por isso, a todo momento ela se manteve fria, com desprezo e distante daquele que até então era a maior preciosidade de sua vida.

Quando a noite chegou, ele, que havia passado o dia na rua sozinho, abandonado e desorientado, se reencontrou mais uma vez com sua mãe. Ela estava de carro com o pastor Silas e um amigo dele. O pastor, reforçando que ele estava doente e que precisava de ajuda, disse que ele iria passar alguns meses em uma fazenda de recuperação em Belo Horizonte. Que os custos seriam pagos por seu pai e que, por isso, ele deveria aproveitar ao máximo a estadia e, principalmente, os ensinamentos de nosso senhor Jesus Cristo, o Deus vivo.

Junior, que estava completamente perdido e sem opções, concordou. Então, o pastor lhe deu um livro cujo título era “A Cura da Homossexualidade” e pediu que ele lesse no caminho, dentro do ônibus, pois a viagem era longa. Mas que ele deveria ficar despreocupado, pois já estava tudo pronto para ele partir.

– Vou levar você agora para a rodoviária de Capão Bonito – continuou o religioso. – Lá, você pegará um ônibus direto para Belo

Horizonte. O pastor Elias, meu amigo, estará lá lhe aguardando. Tenha fé em Deus. Junto com o livro tem também uma Bíblia, mais um presente meu.

Em seguida, o pastor Silas deixou sua mãe em casa e partiu para a rodoviária. Ela, ao descer do carro, entrou sem olhar para trás e sem se despedir. “Como pode? Minha própria mãe não ter se despedido de mim?”, pensou ele. Para piorar, Junior sabia que nunca mais a veria e aquela era a última imagem que ele teria dela.

Chegando na rodoviária, triste e abandonado, Junior entrou naquele ônibus e, com a cabeça borbulhando, passou a viagem inteira orando enquanto se arrependia amargamente de seus pecados.

1301091900211301001415092005000500052100051920152100011721090
0200500150219051822011404150004050014150920050014011500030114
1915000405000601260518000919191500140115000301141915000405000
321090401180004050022150305

1301091900211301001415092005000500052100051920152100011721090
0200500150219051822011404150004050014150920050014011500030114
1915000405000601260518000919191500140115000301141915000405000
321090401180004050022150305

CAPÍTULO 10

Tudo aconteceu muito rápido e era a primeira noite que ele passava fora de casa e na presença de estranhos, tanto na rodoviária quanto no ônibus. Não tinha como não culpar o sexo por tudo aquilo. Era algo tão recente, tão triste e tão marcante que ele jamais poderia esquecer toda aquela experiência. E tudo por causa, novamente, do sexo.

Assim que chegou na rodoviária de Belo Horizonte, e ele também se recordou de tudo com detalhes, lá estavam o pastor Elias e o Abimael lhe aguardando.

– Seja bem vindo, Junior! – o pastor Elias estendeu a mão para cumprimentá-lo.

Junior o cumprimentou, mas não respondeu nada. Elias, entendendo o que o garoto sentia, continuou.

– Eu sou o pastor Elias, este aqui é o Abimael, meu braço direito. Você deve estar cansado e confuso. Não se preocupe, meu filho, tudo vai passar e ficar bem... – Elias o ajudou, pegando uma das malas.

Abimael foi na frente, eles entraram em um carro e, no caminho, o pastor disse que a viagem seria longa, pois o CRADH, Centro de Recuperação dos Amigos que Deixaram a Homossexualidade, ficava em uma fazenda a quase três horas de distância. Para ajudar, o pastor explicou que lá ele teria acompanhamento psicológico, participaria de palestras e grupos de ajuda, escutaria testemunhos de vida e teria várias atividades bíblicas que o ajudariam a ter uma vida digna aos olhos de Deus.

Quando chegaram, e já era de madrugada, Abimael pediu que ele não fizesse barulho, pois mais de 60 jovens estavam dormindo. Depois explicou a primeira regra do lugar:

– Cada quarto, Junior, tem quatro camas na forma de dois beliches. Porém, uma das camas, em cada quarto, é reservada ao que chamamos de Monitor de Deus. Ele é responsável pela segurança, pelos ensinamentos da Santa Palavra e, principalmente, por não deixar o mal se fazer presente. Por isso, o uso do banheiro junto com outra pessoa é terminantemente proibido. Não se pode entrar com acompanhante e nem demorar mais do que o tempo previsto dentro do banheiro. Tentamos evitar também, além do vício do homossexualismo, o pecado da masturbação e tudo o que remete ao sexo impuro. Deus não abençoa nada que não seja da natureza humana.

Junior prestava atenção a tudo. Ele não sabia que se masturbar também era considerado pecado. Isso fez com que ele ficasse pior ainda, dada a quantidade de vezes que ele já tinha se masturbado em sua vida.

– Vem comigo, seu quarto fica logo ali. Aliás, seu monitor é aquele rapaz – Elias apontou para um homem que os esperava na porta do quarto. – Ele se chama Davi, tem 49 anos e está com a gente há quase cinco primaveras. Ele vai lhe indicar a única cama vaga deste quarto e, amanhã, te explicar o funcionamento do lugar. O importante agora é você dormir e descansar.

Abimael e o pastor Elias lhe desejaram boa noite e foram para seus aposentos. Davi, muito atencioso, recepcionou Junior e falou novamente sobre a regra de não poder entrar, jamais, no banheiro acompanhado de outro interno. E ainda completou dizendo que nem no banheiro nem em nenhum outro lugar. Que, se isso acontecesse, ele estaria não só se traindo e caindo em desgraça, mas principalmente traindo Deus, que tudo via e tudo sabia.

Junior, absurdamente exausto, entregou suas malas para Davi, que as guardou no guarda-roupa, e em seguida deitou-se na única cama vazia do beliche. Davi se deitou na outra, apagou a luz e desejou boa noite.

Como era costume, Davi acordou todos muito cedo na manhã seguinte. Junior, que pela segunda vez dormira fora de casa, só observou o novo lugar sem sair da cama. O primeiro colega de quarto que ele viu, além de Davi, foi um alemão cabeludo, magrinho e de olhos claros, que se levantou da cama e fez questão de ir cumprimentá-lo.

– Olá, seja bem vindo, irmão! Eu sou o Felipe, muito prazer! – ele estendeu sua mão. – Aquele ali é o Fernando e o outro é o Lucas – apontou para os demais.

Junior, um pouco tímido, estendeu a mão e o cumprimentou. Ele era realmente muito receptivo. Davi, preocupado com o horário, pediu que todos se apressassem para não perderem o café da manhã e, olhando para Junior, explicou mais uma vez o que já tinha dito aos demais:

– Sempre que eu precisar sair do convívio de vocês, mesmo que seja por alguns minutos, os que ficarem serão os olhos de Deus no meu lugar. Qualquer anormalidade é sinal de que o mal está tentando nos corromper. Portanto, irmãos, sejamos fortes. Lembrem-se do sangue derramado de Cristo, do motivo de estarem aqui e de quanto é importante abandonar este vício demoníaco. Já falei sobre a minha vida para vocês e falo de novo para que o Junior também a conheça. Eu já estive no lugar de vocês e, graças ao CRADH e a nosso Senhor, hoje eu estou casado e tenho uma esposa maravilhosa que me dá muito orgulho. Se eu consegui, vocês também conseguem, certo?

Depois da conversa, um a um, usaram o banheiro para fazer suas necessidades, lavar o rosto, escovar os dentes ou tomar um banho rápido. Quando terminaram, foram para o refeitório tomar café.

– Junior, aqui, cada semana é escolhido um grupo para preparar o café, outro para cuidar da horta, outro para cuidar da limpeza, do almoço, do jantar e assim por diante. Como temos muitas despesas e vivemos das doações voluntárias de familiares e amigos, todos aqui fazem um pouco de tudo! – explicou Davi.

Quando o café terminou, o grupo de Junior foi para um galpão onde, todos os dias, os internos se encontravam para ouvir palestras, sermões ou testemunhos, para orar, estudar a Bíblia e fazer suas atividades com o objetivo de se livrar da doença pecaminosa chamada homossexualismo.

Era verdade, aquele CRADH, que mais parecia um retiro espiritual misturado a um centro de recuperação de viciados em drogas, era uma ramificação com base religiosa muito forte não só em Minas Gerais, mas também em várias regiões do Brasil. Todo o seu trabalho era baseado na pregação da palavra de Deus, até mesmo por alguns psicólogos voluntários que se denominavam “Psicólogos da Fé em Cristo”, mas que usavam a Bíblia para promover suas pseudo terapias de cura. Sim, todas camufladas com o bonito nome de “Aconselhamento Espiritual Bíblico”, já que, na prática, eles sabiam que eram proibidos de promover explicitamente a cura da tal homossexualidade.

Porém, naquele primeiro dia, escutando vários pastores e internos antigos que davam seus testemunhos, Junior paralelamente se recordou de sua casa, de Capão Bonito, da sua vida, do milharal, de seus pais e... do Ronaldo! Por mais que ele tentasse evitar, tudo era muito recente, e Ronaldo era seu melhor amigo e o havia acompanhado até então durante quase todos os seus momentos. Eles se viam, conversavam e brincavam sexualmente e afetivamente de manhã, de tarde e à noite em suas férias. Sem falar que, embora ele não tivesse consciência disso, o que ele sentia por Ronaldo não era só um amor fraterno entre amigos. Tinha algo muito mais forte que crescera ao longo dos meses de convivência. A saudade, a vontade de vê-lo, de estar próximo, de ter notícias suas e de, quem sabe, voltar a beijá-lo era mesmo muito grande. Mas tudo ainda estava muito confuso em sua cabeça e a prioridade era ter de volta o amor de seus pais.

Quando a noite chegou, Junior, que passara o dia em atividades contra o homossexualismo, se deitou e pegou rápido no sono. Agora, sentado no sofá de Gabriel, ele se lembrou inclusive que, na segunda madrugada dentro daquela fazenda, ele acordou com Fernando, seu colega de quarto, se masturbando escondido debaixo dos cobertores no beliche. Não sabendo ao certo o que fazer, Junior acordou Davi e contou o que Fernando estava fazendo. Estranhamente, pela alienação que o cegava, Fernando agradeceu por ter sido entregue e disse que entendia que Junior estava sendo apenas “os olhos de Deus”. Mesmo assim, nenhum deles se livrou do sermão dado por Davi.

– Fernando, entre no chuveiro e tome um banho gelado de cinco minutos. Estarei contando no relógio. Evite tocar nas partes íntimas. A água que é usada para o batismo irá auxiliar em sua purificação, limpando a carne que é a moradia de Deus – Davi falou referindo-se ao corpo de Fernando. – Enquanto isso, Junior, acorde os demais. Vamos todos orar para nosso Deus todo poderoso até o dia amanhecer – continuou ele.

Quando Fernando saiu do banho, os demais já estavam acordados orando pelo pecado cometido pelo irmão. Davi, que tinha a função de ensinar e evangelizar, continuou:

– Meus irmãos, entendam uma coisa: o sexo é sujo e por isso deve ser usado apenas para a reprodução, finalidade única para a qual foi criado por nosso Deus vivo. Jogar ou desperdiçar o sêmen é jogar fora a origem da vida. Só existe um lugar em que o sêmen deve ser depositado, e este lugar é o santo ventre de uma mulher. Assim Deus fez o ser humano,

baseado na natureza e na concepção sadia dos dois sexos. Qualquer coisa que fuja disso é obra do inimigo de Deus, aquele que quer nos corromper e nos levar para a vida mundana e perversa. Amém?

E assim eles concordaram e oraram até o dia amanhecer.

Semanas se passaram e, cada dia mais, Junior estava convencido de que ele realmente era um pecador e que, graças a Deus, ele poderia esquecer seu amigo Ronaldo, eliminar todos os desejos impuros, nunca mais se masturbar, ter de volta o amor de seus pais, casar, ter filhos e construir uma família abençoada. Porém, junto com a esperança de tudo voltar a ser normal, ele começou a ter também pesadelos e sonhos repetitivos todas as madrugadas. O mais interessante era que os sonhos eram formados sempre por imagens obscuras de homens nus, movimentos de corpos simulando sexo e imagens distorcidas de alguns rapazes que ele tinha acabado de conhecer naquela fazenda. No final destes sonhos, e isso também o deixava perturbado, ele sentia a presença do mal que aparecia disfarçado de fogo queimando tudo ao seu redor. Por mais que ele fugisse, o fogo estava sempre por perto.

Junior, que não contava sobre estes sonhos a ninguém, sabia que eles eram obras do demônio, que, a todo custo, tentava puxá-lo para as trevas. Mas ele, como tinha escutado certa vez do pastor Elias, aprendeu que deveria lutar sempre contra o seu maior inimigo: ele mesmo.

– Meus filhos! – disse o pastor Elias certo dia. – Nós criamos esta fazenda para ampará-los. Não temos nenhuma grande igreja por trás deste trabalho pagando nossas contas, exceto aquelas que, voluntariamente, contribuem financeiramente para ajudar a ajudá-los. Fora isso, temos nossos pastores, monitores, psicólogos, palestrantes e colaboradores, que, também voluntariamente, vêm aqui com o coração cheio de amor abençoado pensando em vocês. Por isso, meus filhos, que eu digo, não é nada fácil abandonar o vício do homossexualismo. Como eu já disse a vocês, é um trabalho difícil e que não depende apenas da gente. Ele depende principalmente de vocês mesmos! Ponham em sua cabeça esta frase: seu maior inimigo é você! – ele escreveu a frase na lousa e a grifou.

Depois de uma pequena pausa para que aqueles 60 pares de olhos gravassem aquela mensagem, ele continuou:

– Eu falo que o maior inimigo é você mesmo porque o sexo, o desejo, o tesão, meus irmãos, é usado pelo senhor das trevas para corromper o homem. Para corromper você quando você menos espera. E o que fazer quando isso acontece, pastor Elias? Eu respondo, meus filhos! Orem ao senhor. Ocupem a mente. Tomem banho gelado se for preciso. Leiam a Bíblia. Saiam de casa e puguem a palavra do senhor. Saibam que, muitas vezes, o problema do outro é muito maior do que o seu e ele está só precisando escutar a palavra. E não tenham vergonha ou medo. Jesus não tinha! Com estas atitudes, meus filhos, o mal os deixará temporariamente. Ouviram? Temporariamente! Porque quando você menos esperar, ele estará lá, de novo, o tentando e perseguindo. A luta, meus irmãos, é constante. E é sempre você contra você mesmo! Amém?

Todos sempre concordavam com tudo. Mesmo assim, Junior, que lutava consigo mesmo e acreditava que sua vida poderia ser mudada, que ele só tinha feito brincadeiras malignas com o Ronaldo e que ele não gostava de homens, não deixava de perceber certas incoerências naquele ambiente. Logo nas primeiras semanas, por exemplo, ele notou que muitos daqueles que se diziam curados, que constituíram família e abandonaram o vício, falavam de uma maneira não muito condizente com suas expressões faciais. Tanto que, em seus testemunhos, a palavra “felicidade” era regularmente mencionada, mas seus rostos, fora dos olhares menos atentos, demonstravam tristeza e sofrimento. Algo estava errado e Junior, sempre curioso, só precisava descobrir o que era.

Sem falar que, durante sua estadia naquela fazenda, Junior escutou histórias, depoimentos e testemunhos bastante diversificados sobre as práticas terríveis dos perversos homossexuais. Foi lá que ele ouviu falar em boates, pegações em banheiros, *dark rooms*, saunas gays, clubes de sexo e orgias, encontros de homens casados e outros assuntos que só demonstravam o mal em todos os lugares.

Estes relatos, na prática, só o perturbavam ainda mais, aumentando significativamente seus pesadelos e o esforço que tinha que fazer para ignorar, contornar e negar qualquer instinto sexual. Afinal, seu principal objetivo deveria ser conquistado: ter de volta o amor de seus pais. E ele só queria isso.

O problema era que os pais de Junior nunca mais haviam mantido contato com o garoto, desde o primeiro dia de sua estadia naquela fazenda. O que fez com que ele, não aguentando a espera, pedisse permissão ao monitor Davi para conversar pessoalmente com o pastor Elias sobre isso.

– Pastor? Posso entrar? – perguntou ele, batendo em sua porta.

– Entre, meu filho.

– Pastor Elias, boa tarde. Pedi permissão ao Davi para vir aqui falar com o senhor. É sobre meus pais, todo mês temos visita ou recebemos cartas e eu, até agora, não recebi nada.

– Eu sei, meu filho, e isso também me preocupa. Mas você não é o único caso, é assim mesmo que as coisas às vezes funcionam.

– Mas, pastor, como vou saber ou ter notícias deles? Como vou saber se eles ainda me amam? Se me perdoaram?

– Calma, Junior. Nosso trabalho é de formiguinha. Este é um assunto delicado, eu mesmo já disse que deveríamos ter duas fazendas, uma para os filhos e outra para os familiares e amigos, pois muitos pais realmente não entendem e custam a aceitar este deslize.

– Então é isso? Eles ainda estão tristes com o que aconteceu? Mas já faz quase dois meses, e nenhum tipo de contato.

– Sim. Para ser sincero, eu conversei com eles estes dias e devo dizer que eles realmente estão muito tristes e chocados ainda.

– Sêrio? O senhor falou com eles? – Junior arregalou os olhos.

– Sim, e eles me contaram um pouco de você, que sua mãe sempre teve dificuldades para engravidar e, quando eles estavam quase perdendo as esperanças, um milagre aconteceu e você veio ao mundo. Você, desde pequeno, foi muito bem criado pelos dois, que, durante toda a sua vida, fizeram planos para que você fosse feliz, frequentasse a igreja, tivesse uma boa esposa e filhos. E aí, por motivo de forças malignas, esse sonho acabou e se tornou um pesadelo. É difícil, muito difícil, para um pai ou uma mãe aceitar qualquer prática sodomita.

– Mas, pastor, por que eles não entram em contato? – Junior insistiu em sua principal queixa.

– Junior, eles estão chocados e você ainda não é digno do perdão deles. Eles precisam de mais tempo para perdoar e voltar a te amar. E isso pode demorar anos. Tanto que recomendo que você não os procure, deixe-os sentirem falta, perceberem que te amam e, aí sim, eles entram em contato. Tenha paciência, meu filho.

– Tudo bem, pastor. – Junior concordou, suspirando. – O senhor está certo. Vou ter paciência – disse ele ainda triste.

Junior não percebeu naquele momento, mas algo estranho acontecia.

2215030500140519200500131513051420150006150900220919092001180
0190521190016010919000521001721051809010020051800090415001021
1420150013011900010013090308051205000519200122010013210920150
0130112000315130001001315182005000401001601202500051920152100
2015180305140415001618010020210415000401180003051820150003151
3002215030500200500011315

2215030500140519200500131513051420150006150900220919092001180
0190521190016010919000521001721051809010020051800090415001021
1420150013011900010013090308051205000519200122010013210920150
0130112000315130001001315182005000401001601202500051920152100
2015180305140415001618010020210415000401180003051820150003151
3002215030500200500011315

CAPÍTULO 11

Junior já estava naquela fazenda havia aproximadamente seis meses quando, com muita saudade de seus pais e sem ter qualquer notícia deles, pediu novamente para conversar com o pastor Elias.

– Entre, Junior.

– Pastor, estou muito preocupado. Vou fazer seis meses aqui e nada de informações dos meus pais. O que está acontecendo? O senhor conseguiu falar com eles?

– Não, Junior, são muitos internos e, para muitos, a ligação acaba ficando cara pela distância, tanto para eles quanto para nós. Mas não se preocupe, tudo está bem.

– Mas são seis meses e nenhuma visita, nenhum telefonema e nenhuma carta. Carta é o que meus amigos daqui mais recebem. E eu nunca recebo nada – ele reclamou com um tom indignado, quase chorando de tanta saudade.

– Calma, Junior. Logo seus pais virão te ver ou entrarão em contato. Espere Deus tocar no coração deles. Tudo no seu tempo.

– Não, pastor, não dá mais para aguentar, preciso ter notícias deles!

– Junior, pense de outra forma, aprenda a observar as coisas que não são facilmente observadas – o pastor se dirigiu para a janela daquela casa, que ficava no alto de um morro. – Venha até aqui e olhe lá fora.

Junior foi até a janela, de onde pôde ver praticamente toda a fazenda. Em seguida, o pastor Elias continuou.

– Veja bem, meu jovem. Tudo aqui é muito grande e isso gera um custo absurdo. Vai desde o aluguel do sítio até a comida que cada um come. Sem falar na luz, na água e outras despesas.

– Mas o que isso tem a ver? – perguntou ele, confuso.

– Isso quer dizer que, infelizmente, não podemos manter nenhum interno aqui no sítio gratuitamente. Adorariíamos, mas não podemos. Se você está aqui há todos estes meses, é porque seus pais continuam pagando sua estadia. Todos os meses. E não é um valor baixo. Entendeu?

– Ainda não.

– Então pense comigo. Todos os meses, seus pais vão até o banco e depositam seu suado dinheiro em nossa conta. Nós pedimos seis salários mínimos mensais, mas, em alguns casos, como o seu, aceitamos o que a família pode contribuir, isto é, no mínimo quatro salários mínimos. Menos que isso não.

Junior, ainda olhando para fora da janela, prestou atenção a tudo o que o pastor falava. E ele continuou:

– Então, Junior, todos os meses seus pais pegam o dinheiro suado que ganham no milharal e vão até o banco pensando em você. Exclusivamente em você. “Estamos indo depositar o dinheiro que garante a estadia e as boas condições do nosso filho”, devem pensar. E isso é amor! Se eles não te amassem, não estariam pagando e você não teria todo este apoio em um momento tão difícil, amém?

Junior, entendendo e se comovendo com a sua história, começou a chorar.

– Então eles me amam, pastor? – Junior perguntou com o rosto cheio de lágrimas; afinal, desde que havia entrado naquele sítio, esta era a primeira confirmação de que seus pais ainda o amavam.

– Sim, Junior, embora não mantenham contato, eles pensam em você pelo menos uma vez por mês – Elias se aproximou do garoto para lhe dar um fraterno abraço.

A cena foi realmente digna de filme. Era como se pai e filho se abraçassem carinhosamente. Junior se recordava muito bem daquele dia. Aquele abraço lhe trouxe a sensação de paz, tranquilidade, aconchego e, depois de alguns segundos abraçado e ainda chorando, lhe trouxe também a sensação de algo que aumentava de volume dentro da calça do pastor Elias. Sim, o pastor ficou excitado em poucos segundos, e Junior sentiu aquele imenso volume rígido do religioso.

“O que é isso?”, pensou Junior. O susto do garoto ao sentir aquele negócio duro encostando nele foi automático, assim como a sua atitude de

se afastar imediatamente do pastor, que, constrangido, não sabia o que dizer.

– Desculpe, meu filho... Não foi minha intenção – disse Elias, totalmente envergonhado.

Junior, não entendendo nada, parou imediatamente de chorar. Em seguida, o pastor Elias continuou:

– Junior, me perdoe... Entenda que eu também sou filho de Deus e, por isso, imperfeito – ele tentou se explicar, ainda muito constrangido. – Você não sabe o esforço que eu também faço contra tudo isso – continuou com os olhos cheio de lágrimas, e agora era a vez do pastor de chorar.

– Mas... você... você não disse que não sentia nada há anos? – perguntou Junior confuso, lembrando os vários testemunhos do pastor Elias em que ele afirmara várias vezes que estava totalmente curado.

– Sim. Eu disse. Pelo menos até você aparecer por aqui. – respondeu ele baixinho e ainda envergonhado.

– O que você quer dizer com isso?

Àquela altura, toda a conversa mudou da água para o vinho. Ou melhor, mudou da água para a cachaça mesmo. Daquelas bem fortes.

– Junior, sou um dos fundadores deste lugar, já escrevi livros, já dei palestras em vários lugares deste imenso Brasil contra o homossexualismo, promovi diversos encontros bíblicos de ex-gays, me casei, tive filhos e tenho uma reputação religiosa a zelar. Porém, desde que eu o vi pela primeira vez aqui na fazenda, o mal tem me consumido de corpo e alma. Não paro de pensar em você, de te observar, de te espiar e de arrumar pretextos para estar sempre próximo. – desabafou ele, enquanto saía de perto e sentava com a cabeça baixa em uma cadeira.

– Pastor Elias, do que você está falando?

Junior, que recebeu aquela bomba toda de uma vez, custou mesmo a acreditar.

– Nada, meu jovem. Não estou falando nada. Não aconteceu nada. – disse o pastor, tentando mudar de assunto. Ele sabia que não poderia se abrir completamente com o rapaz sob o risco de colocar todo o seu trabalho a perder.

– Junior, isso foi apenas um deslize meu. Por favor, vamos esquecer isso! – disse ele ainda com os olhos cheios de lágrimas.

– Pastor, eu estou aqui já tem seis meses! Sabe o que são seis meses? É metade de um ano. É muito tempo! – Junior começou a ficar irritado. – Aprendi muitas coisas aqui e o senhor é meu maior exemplo. Não

só meu, mas de muitos outros irmãos. Você fundou este lugar junto com o Abimael. Disse que não sentia mais os desejos perversos há anos!

– Junior, me desculpe, eu realmente não sei o que aconteceu. Mas desde que você apareceu, minha cabeça virou alvo de desejos malignos. – desabafou Elias, voltando a se abrir.

– Mas como isso pode acontecer? Não é apenas algo passageiro? Tomou banho gelado?

– Sim, meu filho. Vários banhos e a quase todo momento... por favor, não conte isso a ninguém... – ele pediu envergonhado.

– Tudo bem. Mas como isso foi acontecer?

– Eu também não sei. No primeiro dia em que fomos te buscar, eu te achei um rapaz bonito. Mas não senti nada. Com os dias, com seu sorriso, seu olhar, seu jeito, eu comecei a te olhar com outros olhos. No início fiquei bastante confuso e não sabia o que fazer. O tempo passou e eu continuo não sabendo.

– Mas isso não pode estar acontecendo. E por que justamente comigo?

– Eu não sei, Junior. Não sei mesmo. Mas aqui dentro nós sabemos que nem todos os internos conseguem se livrar deste mal completamente – soltou, querendo dividir alguns segredos.

– Como assim, pastor?

– Não sei se devo te contar.

– Não, agora conte! Por favor!

– Tudo bem, mas você promete não contar a ninguém?

– Prometo.

– Você sabe quem é o Felipe? O alemãozinho cabeludo e de olhos claros que divide o quarto com você?

– Sim, ele é um dos meus grandes amigos aqui dentro, foi o primeiro que me cumprimentou quando cheguei.

– Então, ele é um antigo caso do Abimael.

– Do que você está falando?

As surpresas estavam cada vez piores.

– Junior, nós tentamos a todo o custo vencer este mal. Mas nem sempre conseguimos. O Abimael, que me ajudou a fundar este lugar, há anos vinha escondendo de mim este relacionamento. Até que eu descobri – disse o pastor.

– Como? Do que você está falando?

– Era madrugada. O Abimael disse ao Davi que o Felipe iria ajudá-lo a organizar a biblioteca para uma festa que iríamos fazer na manhã do dia seguinte. Ele foi e eles realmente passaram a madrugada inteira arrumando o lugar. Porém, no primeiro horário da parte da manhã, poucas horas antes da festa começar, eu fui lá ver como havia ficado e os dois estavam em um canto escondido se beijando e se masturbando mutuamente. O Abimael tentou se explicar, mas não tinha explicação. Sentamos nós três e eles abriram o jogo. Eles mantinham relacionamento há mais de dois anos aqui e continuam mantendo, escondido. Tanto que o Felipe já deveria ter retornado para seu lar e só está aqui por causa do Abimael.

– Meu Deus, que loucura! E os dois são casados e têm filhos! – Junior não se conformava com aquilo, afinal, ele havia convivido com os dois e chegara a conhecer suas esposas e filhos pessoalmente quando vieram visitá-los.

– Sim, é vergonhoso o que estou te contando, e até terrível, mas é o que acontece. E também é o que está acontecendo comigo em relação a você. A propósito, deixe eu te perguntar, você, nestes meses todos, conseguiu se livrar deste mal?

Junior, sabendo que poderia ser sincero diante das confissões do pastor, falou a verdade:

– Não – ele respondeu com a cabeça baixa. – Eu fico excitado e me masturbo escondido de vez em quando.

Elias apenas o observava, talvez imaginando-o se masturbando. Junior continuou.

– Eu não sei, mas desde que vim para cá, ouvi falar tanto contra o homossexualismo que cada vez tenho mais vontade de praticá-lo – ele continuou, agora era a sua vez de ficar envergonhado.

– Em outro momento, Junior, eu o aconselharia a esquecer isso. Mas tenho tanta vontade de beijá-lo que não sei o que dizer – Elias olhava-o nos olhos. Junior se recordou das outras conversas em que o pastor também havia olhado para ele daquele jeito.

– Mas, pastor, isso acontece com todos aqui?

– Não. Claro que não. Muitos daqui conseguem e vivem felizes longe deste vício. Mas nem todos são fortes. Ainda mais quando são tentados. E você é a minha maior tentação. – disse o pastor, aproximando-se e tentando beijá-lo.

Junior, não querendo aquilo, se revoltou e empurrou o pastor Elias para longe. Em seguida começou a falar alto.

– Então tudo isso é uma farsa? – Junior olhou para os lados, quase surtando de raiva.

– Não, Junior! Por favor, fale baixo!

Neste momento, Elias percebeu que tinha falado demais.

– Pastor, eu passei seis meses da minha vida aqui, sendo convencido de algo que não existe! Seis longos meses!

– Por favor, se acalme! Fale baixo!

– Não! Não consigo ter calma! Bem que eu percebi algo estranho no ar, mas nunca poderia imaginar isso! Pior de tudo, meus pais não mandam notícia e eu fico aqui trancado neste sítio, aprendendo que posso me curar quando os próprios fundadores mostram uma cura inexistente! Desculpe, mas aqui eu não fico mais!

– Não fica mais? E se você não ficar aqui, você vai para onde? Para a casa de seus pais? Você só pode estar brincando, garoto – o pastor começou também a levantar a voz, mas em tom sarcástico.

– E por que não? Já se passaram meses, com certeza meus pais já me perdoaram, melhor do que ficar aqui neste antro de pecado, perdição e sodomia! – ele gritou, indignado.

– Se você acha isso, então vá. Seus pais te amam, depositam o dinheiro todo mês, mas eles não suportariam olhar para um filho tão torto como você! – ele usou de propósito a mesma palavra que sua mãe havia usado e que Junior tinha comentado numa dinâmica de grupo.

O pastor sabia mesmo como usar a psicologia para atingir a alma de qualquer um. Tanto que o Junior imediatamente começou a chorar, recordando-se de sua mãe.

– Mas eu vou para algum lugar! Começar uma vida nova. Não posso ficar em um lugar em que não me sinto bem. – Junior ainda chorava. – Aliás, eu me sentia, pelo menos até algumas horas atrás. Como vocês podem fazer isso com as pessoas? E pior, com Deus? – continuou ele.

– Pois então, meu jovem, esqueça tudo isso. Vamos fazer de conta que não aconteceu nada aqui, vamos orar, vamos voltar como tudo era antes, amém? – Elias falou calmamente, com a maior cara de pau do mundo.

– Não! Aqui eu não fico mais! – Junior enxugou os olhos e saiu decididamente em direção à porta.

Junior, extremamente nervoso, saiu da sala do pastor Elias, foi até seu quarto, pegou suas roupas e documentos e se dirigiu para a portaria da fazenda. Davi o viu de longe e tentou barrá-lo, mas o pastor Elias fez sinal para deixá-lo ir. Junior estava tão abalado que tremia muito. O pastor, com medo de que ele estragasse tudo lá dentro, não fez questão alguma de segurá-lo.

Quando Davi perguntou o motivo da revolta e da saída repentina de Junior, Elias apenas disse que ele não aguentou a saudade do ex-namorado. E que eles tinham perdido mais uma ovelha para os lobos. A mesma história que contou também para os pais do garoto.

Junior, chocado com a realidade e com as confidências absurdas daquele lugar, andou por aquelas estradas desertas mais uma vez se sentindo sozinho, abandonado e sem rumo. Era a segunda vez que ele sentia isso em tão pouco tempo. Por sorte, uma caminhonete parou na estrada e perguntou para onde ele estava indo.

– São Paulo. Estou indo para São Paulo – Junior falou, sem pensar.

– Você tem sorte, rapaz! Estou indo para lá, vou fazer uma entrega na capital, bem no centro, e posso te deixar na Praça da República. Está bom para você?

– Sim, está ótimo – respondeu ele, um pouco atordoado, sem fazer a mínima ideia de onde seria a tal praça.

1901020500150017210500052100051920012201002205140415000815100
5002209010705130016011801000409191405250005000521181516010019
0913000521002005140815001321092001002215142001040500040500031
5140805030518000519190519001221070118051900011500190521001201
0415000500091919150001091404010022010900010315142005030518001
305210001131518

1901020500150017210500052100051920012201002205140415000815100
5002209010705130016011801000409191405250005000521181516010019
0913000521002005140815001321092001002215142001040500040500031
5140805030518000519190519001221070118051900011500190521001201
0415000500091919150001091404010022010900010315142005030518001
305210001131518

CAPÍTULO 12

Ainda sentado naquele sofá dentro do apartamento de Gabriel, Junior ia relembrando tudo o que acontecera.

Aquela viagem que ele fez de Belo Horizonte para São Paulo foi longa, e Junior dormiu a maior parte dela. O homem que lhe dera carona não era muito de conversar e isso ajudou, pois o que ele mais precisava era ficar sozinho. Mesmo assim, a preocupação e o medo do desconhecido eram grandes. Ele já tinha escutado várias histórias boas e ruins sobre São Paulo, mas era a primeira vez que pisaria em uma cidade grande. E sem nenhum conhecido por perto.

Conforme a caminhonete se aproximava da capital, Junior admirou perplexo a beleza da paisagem cinzenta. Nunca tinha visto tantas casas juntas, coloridas, algumas em construção, e, a partir do momento em que chegaram ao centro, prédios gigantescos com andares que ele não dava conta de contar. Tudo era muito grande e tinha tanta gente nas ruas andando com pressa que pareciam formigas.

O relógio do centro, ele se lembrava muito bem, marcava quase quatro horas da tarde quando o motorista da caminhonete o deixou na rua Arouche, do lado da Praça da República e próximo de uma das saídas do metrô. Antes de ir embora, o motorista lhe deu um pacote com o que havia sobrado do lanche que os dois tinham feito juntos na estrada. Ele sabia que Junior estava sem dinheiro, mas ficou despreocupado, pois o rapaz falou que seus parentes estariam ali dentro de algumas horas para pegá-lo.

Tudo mentira. Quando a caminhonete se foi, Junior não sabia o que fazer nem para onde ir. Curioso, ele começou a andar pela Praça da República, entrou na rua 7 de Abril, depois atravessou a Barão de Itapetininga, entrou na rua 24 de Maio e foi parar nos fundos do Teatro

Municipal. Quando deu a volta e viu o teatro de frente, ele ficou tão admirado com o prédio que passou vários minutos observando os detalhes daquela magnífica construção. Era a primeira vez que ele via um prédio conhecido e histórico de perto. O mesmo prédio que ele tinha visto em um livro da escola quando mais novo.

Tudo era muito bonito. Pelo menos até uma senhora que andava às pressas esbarrar nele e o xingar de idiota por ficar no meio do caminho. “Que recepção!”, pensou. Mas isso, por um lado, foi bom porque o lembrou de que, embora bonito, aquele lugar também poderia ser hostil e perigoso. Ele então seguiu em frente e foi parar no Viaduto do Chá. Olhou para baixo, viu alguns jardins, bancos, garotos brincando de skate, homens, mulheres, executivos, meninos de rua e prostitutas. Depois ele desceu e ficou lá no meio, parado, pensando na vida e observando tudo o que poderia ser observado.

A noite chegou em poucas horas e a fome também. Ele pegou o resto do lanche, comeu e se preocupou em achar um canto para dormir. O policiamento era grande e, antes de tentar dormir em algum banco público, ele viu policiais enxotando alguns mendigos daquele tal Vale do Anhangabaú. Sem saber o que fazer, ele decidiu voltar para a mesma rua em que o motorista o havia deixado. Quando chegou lá, arrumou um canto perto da saída do metrô, se agachou e adormeceu.

A madrugada no centro de São Paulo, embora com pouquíssimas pessoas, acabava sendo tão barulhenta quanto o dia. Carros de polícia passando com a sirene ligada, alguns raros ônibus, pessoas entrando ou saindo dos prédios, mais mendigos, enfim, tudo era motivo para acordá-lo de minuto em minuto naquele lugar estranho. Foi aí que a sorte, talvez a maior de sua vida, apareceu para contemplá-lo. Caso contrário, ele estaria provavelmente na rua abandonado até hoje.

Deviam ser quase duas horas da manhã quando Junior, a poucos metros de distância, viu o início de uma briga com um rapaz que era prensado contra a parede por dois homens fortes vestindo regatas. Eles começaram a dar socos e pontapés no rapaz, que gritava por socorro.

– Por favor, alguém me ajude! – gritou ele, demonstrando não conseguir se defender sozinho.

Junior, que nunca tinha brigado com alguém, se levantou e seguiu na direção deles. Um dos caras que estava batendo gritou e pediu para ele não se meter. Junior ignorou e partiu para cima de um deles. O rapaz que apanhava, vendo que tinha ajuda, buscou energias e partiu para cima do outro. Agora eram dois contra dois. Porém, com a briga equilibrada, os covardes desistiram e caíram fora. Antes, um deles gritou, olhando para Junior:

– Você se meteu com gente que não conhece! Você vai morrer, neguinho! Da próxima vez que eu te encontrar, você não me escapa!

Os dois caras de regata saíram correndo. Junior, vendo que o rapaz que havia apanhado estava bastante machucado e com o rosto sangrando, perguntou:

– Você está bem?

– Não. Estou um pouco tonto. Eles acertaram muito a minha cabeça e acho que eu torci meu pé. – falou o rapaz, com dificuldades para respirar.

– Vamos sair daqui, eles podem voltar com mais gente! – continuou ele.

– Sim, vamos, mas... para onde?

– Você conhece a avenida São João? Moro perto do metrô Santa Cecília. É só seguir aqui direto – disse ele, apontando para a outra ponta da rua que dava para o Largo do Arouche.

– Não conheço nada aqui. É a primeira vez que venho para São Paulo.

– Fica a uns 10 minutos a pé. Vamos! Eu te mostro o caminho!

Junior, percebendo que ele tinha dificuldades para se levantar e andar, ofereceu seu ombro como apoio e o ajudou a caminhar até a sua casa. Quando chegaram no apartamento, o rapaz, muito machucado, disse para ele ficar à vontade, pois iria tomar um banho e um remédio para a dor. Depois de longos minutos no banho, ele voltou e, ainda de toalha, agradeceu.

– Muito obrigado pela ajuda. A tontura está passando e a dor também. – o rapaz falou enquanto pegava roupas que estavam jogadas em cima de vários cadernos no sofá. – Qual é o seu nome? – perguntou em seguida, enquanto se vestia na frente do Junior.

– Junior, e o seu?

– O meu nome é Gabriel. Muito prazer – disse ele, apertando as mãos de Junior. – Obrigado por ter me ajudado. Você apareceu em uma boa hora... – continuou, enquanto o olhava fixamente.

Junior, percebendo o olhar, perguntou:

– O que foi? Por que está me olhando?

– Desculpe! É que você me lembra uma pessoa muito querida – Gabriel respondeu enquanto abaixava a cabeça, sentindo a dor da perda. – Era um amigo. Ele morreu em um acidente de carro – continuou, ainda triste.

Junior ficou quieto. Gabriel mudou de assunto.

– Mas e você, mora onde, Junior? O que você estava fazendo no centro da cidade naquele horário?

– Bem, eu... – Junior suspirou. – É uma longa história! – ele tentou encerrar ali mesmo o assunto.

– Pode falar, Junior. Sou todo ouvidos! – Gabriel insistiu.

– Bem... eu fui expulso de casa... depois meus pais me internaram em uma fazenda em Belo Horizonte. Fiquei seis meses lá e, como eles nunca me visitaram, resolvi fugir... e aqui estou. – disse ele, o mínimo possível. – Cheguei ontem a São Paulo. Não conheço nada e nem tenho onde ficar. Estou perdido – continuou, sem falar nada sobre a homossexualidade.

– Mas agora você está limpo? – Gabriel perguntou, imaginando que a fazenda onde estivera internado fosse de viciados em drogas.

– Sim, estou – ele respondeu, imaginando que Gabriel soubesse sobre a fazenda religiosa contra o homossexualismo, afinal, fazia tempo que ele não praticava o vício maligno.

– Imagino o quanto deve ter sido difícil superar tudo isso. Está com fome? Vou pegar algo para você comer.

Enquanto Gabriel trazia um lanche, Junior perguntou:

– E você, o que estava fazendo lá? Por que a briga?

Gabriel, também demonstrando não querer falar sobre o assunto, pensou um pouco e deu uma resposta qualquer.

– Eu estava em uma balada. Aí aqueles caras imaginaram que eu estava dando em cima de uma garota que era namorada de um deles. Por isso a briga.

Junior ficou imaginando a cena enquanto comia seu lanche. Em seguida, Gabriel continuou.

– Bom, pelo jeito você não tem onde ficar, né? Meu apartamento não tem nada. Apenas este sofá, estas duas cadeiras, uma mesa, geladeira,

fogão e colchão. A TV pifou e está no conserto. Se quiser, pode passar esta noite aqui. Eu pego alguns cobertores e fazemos outro colchão para você.

– Sério? – Junior perguntou espantado, não acreditando no convite.

– Sim! Vamos arrumar tudo agora mesmo! Você deve estar com vontade de tomar um banho quente. Vai lá. Daqui a pouco eu levo uma toalha e você pode usar umas roupas minhas para dormir. Enquanto isso, vou arrumar a sua cama.

Junior não sabia como agradecer a atitude daquele rapaz que ele mal conhecia. Por outro lado, Gabriel, desde o momento em que havia olhado para Junior e se recordado de seu amigo querido, começou a tratá-lo como tal. Tanto que alguns anos se passaram e Gabriel se tornou seu melhor amigo. Havia sido Gabriel, por exemplo, que o acolhera, lhe ensinara sobre as coisas da cidade grande, fizera com que ele terminasse seus estudos na escola pública e ainda tivesse seu primeiro emprego registrado como ajudante de cozinha em um barzinho perto da praça Sílvio Romero, no bairro do Tatuapé.

O único problema nesta história toda era a perturbadora saudade que Junior sentia de seus pais. É verdade, desde que viera para São Paulo, Junior, que já era adulto, havia aprendido e vivido muitas coisas, mas ainda sentia muitas saudades de seus pais.

Foi então que a recordação chegou ao fim. Ainda transtornado, Junior se levantou do sofá, comeu alguma coisa, tomou um banho e se arrumou para dormir. Ele precisava descansar. Mesmo porque receberia as visitas de Xande e de Leandro com seu marido naquele sábado de manhã, ou melhor, dali a poucas horas.

0521000514031514201805090021130100061518130100041500141519191
5000113151800190518001601180100190513161805002015130118010017
2105000521000519200510010003051820150020050001131500081510050
00500190513161805

0521000514031514201805090021130100061518130100041500141519191
5000113151800190518001601180100190513161805002015130118010017
2105000521000519200510010003051820150020050001131500081510050
00500190513161805

CAPÍTULO 13

A campainha tocou logo cedo. Junior acordou sonolento e se dirigiu para a porta. Quando a abriu, viu Xande, seu único amigo “porra louca”, que havia ligado naquela madrugada.

– Bom dia, chocolate! – Xande cumprimentou, dando mais um apelido a Junior.

– Chocolate? Você só inventa, Xande! Pode entrar! – Junior forçou um sorriso, tentando se alegrar após uma noite com péssimas recordações.

– Junior! Este apartamento está arrumado! Onde estão os cadernos cheios de números do Gabriel? – Xande se assustou por não ver aquela tradicional bagunça.

– Eu guardei tudo ontem. Mas você sabe, não vai demorar muito para o Gabriel ficar sozinho e espalhar os cadernos pela casa de novo.

– Olha, não é por nada, não, mas eu acho que ele é um psicopata! – Xande sussurrou.

– Pode falar alto. Ele saiu com a Michele ontem, foram ao teatro Satyros e até agora não voltaram. Mas por que você acha isso dele?

– Não sei. Você acha normal um cara passar as horas vagas tirando raiz quadrada, fazendo equações, mexendo com números, riscando e rabiscando vários cadernos com contas de matemática? E a todo momento?

Junior pensou um pouco e se recordou das várias vezes em que havia pegado Gabriel fazendo aquilo.

– Na verdade, não. Mas ele se formou em Matemática, esqueceu? E se ele fez este curso, é porque, no mínimo, gosta de números...

– Pode ser. Mas são muitos números em vários cadernos. Isso é esquisito. Deve ser algum tipo de fuga – Xande falou com cara de desconfiado. – Sem falar que ele é quieto, não gosta de conversar com as pessoas e toma antidepressivo! – continuou, fazendo cara de louco.

– Como você sabe que ele toma antidepressivo? – Junior espantou-se.

– Eu vi no banheiro de vocês! E tem o nome dele!

– Xande, como você é chato! Você vem aqui para xeretar nossas coisas, é?

– Não, amor. Não. Vim para te visitar e te contar o que me aconteceu ontem à noite.

– É, eu me lembro de você ligando de madrugada. Ainda bem que eu estava acordado – Junior falou, pensando em comentar que, naquele momento, estava se sentindo muito mal.

– Pois então... – Xande continuou, não se importando com a cara de Junior, que não conseguia disfarçar muito seu estado. – Ontem eu fui para aquela festa eletrônica para a qual tinha te chamado, lembra? Antes, eu passei na casa da Bill e ela me vendeu umas coisinhas, uns aditivos. Eu precisava ficar alegre! Precisava ficar louca!

– E qual a novidade nisso? Você se droga todo final de semana! E pior, acha que isso é normal...

– Eu sei! Mas pela primeira vez o efeito foi desagradável – Xande disse com cara triste.

– Como assim? O Xande não virou a poderosa Xandoca, como você mesmo fala?

– Não, amor. Eu comecei a ficar tonta no início da noite. Olhei para o lado e vi um demônio pequenininho em cima do ombro de um cara que dançava perto sem camisa. Depois, ele pulou no ombro de outro. Mais tarde tinha mais demônios. Todos eles estavam com as unhas grudadas nos ombros de vários carinhos, até que eu desmaiei.

– Credo. Que horror!

– Sim. Acordei na enfermaria, com um segurança maravilhoso me abanando e dizendo que a ambulância estava a caminho. Na verdade eu queria ir para a casa dele! Mas fiquei fria! Disse apenas que não precisava. Então me levantei e fui para casa. Foi aí que eu te liguei. Estava depressiva e precisava desabafar. Contar isso para alguém. E aqui estou.

– Não sei o que dizer. Você sabe que eu não sou contra e nem a favor destas coisas. O Gabriel já usou muito, ele me disse, e hoje fala que a experiência durante é boa, mas depois causa sequelas, ansiedade e até depressão. Talvez por isso ele tome antidepressivos. – Junior disse pensativo, pois até então, não tinha associado uma coisa à outra.

– Credo. Vira essa boca pra lá.

– Você é muito piolho, Xande! Vai na cabeça dos outros. Não é porque todo mundo toma e se diverte, posta nas redes sociais que está feliz, que é tudo maravilha! Eu já li notícias de que tem gente morrendo. E não são poucas! Acho que tem outras formas de se divertir, sem apelar para isso. Mas, novamente, cada um é cada um.

– Outras? Como assim? – Xande falou curioso.

– Não sei. Mas vi uma entrevista com um tal Clóvis de Barros Filho na TV outro dia. Ele escreveu um livro, acho que se chama “[A vida que vale a pena ser vivida](#)”. Ele diz que a vida é feita de escolhas. Não gosto de ler, mas deu muita vontade de comprar este livro.

– Ai, ai, ai. Lá vem você com estes assuntos chatos.

Junior começou a rir. Em seguida, Xande continuou.

– Mas eu prometi que nunca mais vou tomar nada. Nunca vi tanto demônio junto. Aliás, eu já vi sim! – Xande se referia a homens feios. – Mas de verdade, foi a primeira vez! – continuou com cara de assustado.

– Não brinca com isso! Você sabe que eu acredito nestas coisas. Então mesmo sendo efeito da droga, talvez seja mesmo verdade. Talvez você tenha visto demônios de verdade.

– Deus é pai! – Xande olhou para o céu.

– Bom, é quase meio dia e eu preciso arrumar o almoço. Você me ajuda?

– Claro, chocolate!

Os dois então fizeram a comida, almoçaram, lavaram a louça e foram assistir a um filme. Apesar de o filme ser bom, Junior não conseguiu prestar atenção em nada. A todo momento, ele se recordava da madrugada mal dormida, da sua vida, de suas lembranças e, principalmente, de seus pais. Até que a campainha tocou.

– Olá, Leandro! Tudo bem? – disse Junior assim que abriu a porta.

– Tudo bem – respondeu o outro, enquanto o abraçava fortemente.

– Onde está seu marido? Ele também não viria? O Gabriel me deu o recado. Disse que eu, você e ele iríamos a um motel. Você não toma jeito mesmo, né? – sorriu Junior.

– Sim. Mas ele ficou em casa dormindo. Desta vez, você escapou! – Leandro retribuiu o sorriso.

– Tudo bem. Entre! Fique à vontade!

Assim que Leandro entrou na sala, Xande, ao vê-lo, soltou uma alfinetada:

– Chegou a velha chata! – resmungou, olhando-o com desprezo.

– Chata, mas não fútil, como você! – Leandro respondeu em seguida, mas em tom suave.

Os dois realmente não se suportavam. Junior, ao ver o início da troca de elogios, imediatamente gritou:

– Vamos parar por aqui? Os dois são visitas! Os dois são meus amigos! Eu já falei que um não precisa gostar do outro, mas têm que se respeitar aqui dentro! E eu já estou triste o suficiente para ter que ficar aturando briga idiota dos dois!

Ambos ficaram quietos. Leandro, preocupado, perguntou:

– Triste? O que aconteceu, Junior?

– Não é nada.

– Pode falar!

– Lembra do seu amigo terapeuta, que está cuidando de mim?

– Sim, claro que me lembro!

– É estranho. Mas depois da última conversa com ele, eu voltei a ter alguns pesadelos e, nesta madrugada, me recordei dos meus pais. Do que me aconteceu no passado.

– Bom, eu não sei muita coisa do seu passado e nem o que pode estar acontecendo com sua mente. O que sei é que, em determinado momento da terapia, muitas coisas que estavam guardadas, presas, em nós afetivos, começam a ser mexidas. Talvez você esteja passando por isso. Quando é sua próxima consulta?

– Depois de amanhã.

– Então não se esqueça de falar isso a ele. Mesmo porque vai fazer mais de um ano de terapia, não?

– Sim. Vai fazer sim. E isso já me ajudou muito. Principalmente a me aceitar. Nem sei como te agradecer pela ajuda!

Leandro, que era terapeuta sexual, combinou com seu amigo Francisco – também terapeuta – de ele atender Junior gratuitamente. Em troca, ele atenderia um amigo do Francisco. Também gratuitamente.

– Não tem o que agradecer, Junior. Você sabe que sempre fui apaixonado por você. Este foi meu presente, já que você nunca quis ter nada comigo.

– Pronto! Começou a babação de ovo da maricon! – disparou Xande com finalidade única de provocar Leandro.

Leandro o ignorou e os dois continuaram a conversa.

– Mas você é casado! Nunca vou entender isso! – Junior falou indignado.

– Eu sei. Pouca gente entende – Leandro falou, parou e pensou um pouco. – Você, assim como todo mundo, está preso ao amor romântico, cristão e monogâmico. Aquele tipo que aprisiona duas pessoas em um relacionamento duradouro, chato e, na maioria das vezes, monótono – continuou enquanto começava a explicar algumas teorias, coisa que ele adorava.

– Mas isso não é bom? – perguntou Junior, que ansiava por ter alguém ao seu lado.

– Sim. É bom, sim. O problema é o “vivendo felizes para sempre”. Pois o “para sempre”, mais cedo ou mais tarde, sempre acaba.

– Como assim?

Neste momento, Xande, que não suportava conversas mais intelectualizadas, pegou um MP3 *player* do Gabriel que estava em cima da mesinha da sala, colocou os fones de ouvido, apertou *play* e começou a cantar baixinho, como se quisesse deixar claro que ele estava fora da conversa. Na verdade ele já estava, mas fazendo isso era como se ele tivesse, de algum modo, o poder de optar por estar fora dela. Em seguida, Leandro continuou.

– Veja bem. Completei 48 anos no mês passado. Destes, 17 anos foram trabalhando com problemas de relacionamento entre casais. E não apenas casais gays. Falo de todo tipo de casal. Alguns problemas que você nem imagina que existam.

– E o que tem eles?

– Eu descobri uma coisa interessante sobre relacionamentos nestes anos todos: por mais amor que exista, um dia eles acabam! Esta é a grande e infeliz verdade, que poucos conhecem.

– Credo, Leandro! Quando eu encontrar alguém, vou fazer de tudo para isso não acontecer.

– Eu sei, Junior, todos fazem. E, cá entre nós, ninguém quer que um relacionamento apaixonante e cheio de amor um dia termine. Os parceiros fazem de tudo para continuarem juntos. Mas uma hora não tem mais jeito. Poucos sobrevivem a isso. E sabe quem são eles? Os sobreviventes?

– Quem?

– Geralmente são aqueles casais heterossexuais que, graças às amarras sociais que incluem filhos, famílias, status e até bens materiais, optam por permanecerem juntos por toda a vida. Apesar das exceções, e elas existem, a grande maioria deles está junto apenas por estar. E como a vida sexual diminui, em alguns casos até some, vem a acomodação sexual ou as traições constantes. O mais interessante é que, publicamente, eles se dizem felizes e bem casados. Mas felizes e bem casados mesmo, nestes anos todos de consultório, posso dizer que eram apenas 5% deles. O restante faz parte dos “mal casados”. E essa porcentagem nem é só minha: um colega de trabalho, psiquiatra e também pesquisador, chamado Flávio Gikovate, chegou a esta mesma estatística. Quando puder, pesquise alguns discursos dele na internet.

– Então você quer dizer que o casamento é algo ruim?

– Não. Claro que não. Mas, se você parar para pensar, verá que os gays, que são mais sexualizados que os heterossexuais, isto é, eles tem um contato maior com a própria sexualidade e não necessariamente por isso são promiscuos, não têm muitas amarras quando se casam. E assim que o relacionamento começa a esfriar sexualmente, eles simplesmente terminam ou se traem, e logo em seguida já estão namorando ou se casando com outro parceiro. A decisão de resolver estes problemas é muito mais rápida. Por isso, existe a fantasia de que relacionamentos gays duram menos que relacionamentos heterossexuais. Na verdade, os dois não duram tanto quanto seus envolvidos gostariam que durassem. A diferença é que o hétero tolera mais tempo a monotonia, a chatice e a mesmice.

– Então você quer dizer que os gays também não devem se casar? Já que terminam mais rápido? – Junior perguntou, atropelando tudo.

Leandro respirou fundo e tentou explicar de outra forma e com outros exemplos.

– Um ator americano, certa vez, disse a uma revista famosa que não entendia porque os gays queriam tanto se casar. E continuou, disse que se os gays soubessem o que é, de fato, um casamento, eles jamais lutariam tanto por isso.

– Nossa, que absurdo! – Junior espantou-se.

– Sim, mas eu concordo com ele em termos. Primeiro, o casamento entre pessoas do mesmo sexo deveria ser legalizado em todos os países do mundo. Se um heterossexual tem este direito, homossexuais também devem

ter. Independentemente da religião de cada um. Aliás, religião não tem nada a ver com casamento civil. Isso é um ponto. Segundo, com seu direito ao casamento assegurado por lei, cada um que entrar nele tem que ter a plena consciência de que, hoje em dia, ele está defasado e desatualizado, necessitando ser repensado urgentemente. Mesmo porque o amor romântico, em que dois se juntam para formar um, daqui a poucos anos estará extinto.

Naquele momento, Junior começou a se perder na conversa. Leandro percebeu e deu uma pequena pausa. Junior tentou voltar à sua principal dúvida: o casamento do Leandro.

– Mas o que tudo isso tem a ver com o seu casamento?

– Desculpa. É que como sou estudioso deste assunto, às vezes me empolgo com tantas informações. Eu ia concluir, mas não agora – Leandro falou, um pouco desconcertado. – Bem, voltando ao meu casamento, eu aprendi depois dos quase seis anos junto com meu marido que nós deveríamos repensar nossa relação em vez de terminar no finalzinho dela e cada um buscar um novo parceiro. Eu estou com 46 anos e ele tem 32. Eu já namorei e morei junto com quatro namorados em épocas diferentes. Ele, com três. Mas tanto ele quanto eu sabíamos que terminar e recomeçar tudo de novo com outra pessoa seria uma perda de tempo e dinheiro. E o que estava em jogo? Sexo? Tesão? Interesse por outros rapazes? Estímulos sexuais novos? Novos amores? Foi aí que sentamos e decidimos abrir nosso relacionamento. Ter uma relação aberta.

– Agora você chegou aonde eu quero. É isso o que eu não entendo! Como é isso? Você fica com quem você quiser e ele também?

– Sim. É mais ou menos isso. Mas cada casal tem suas regras. Ontem mesmo um amigo veio em casa. A gente já tinha transado com ele outras vezes e ele se tornou um dos nossos grandes amigos. Eu estava fazendo o jantar quando fui ao quarto e peguei ele e o Heller transando. Dei um beijo apaixonado na boca do Heller, perguntei se estava gostoso, voltei, desliguei as panelas e fui participar da brincadeira com os dois. A todo momento eu olhava para meu marido e via a felicidade que ele sentia em transar com o cara e estar ao meu lado ao mesmo tempo.

Junior, sem disfarçar, balançou a cabeça, demonstrando não concordar com aquilo. Leandro, percebendo, continuou a explicar.

– E o nosso caso é um pouco mais complicado, Junior. Não é só sexo com outros, a gente se permite também o amor.

– Amor? Com os outros?

– Sim. Isso é chamado de poliamor. Mas é outro conceito. Eu e o Heller podemos, além de ter relações sexuais sem a presença um do outro, também ter carinho, namorar e curtir. Desde que um nunca abandone o outro.

– Desculpe, mas agora eu me perdi todo, mesmo.

– Eu e ele chegamos à conclusão de que é melhor e muito mais gostoso assim do que se ele me traísse escondido, sem eu saber. Ou ainda, do que ele se apaixonar por alguém e me abandonar. Isso pode até acontecer, mas no nosso caso é bem mais difícil. Se um dia acontecer de a gente gostar de alguém, os dois juntos, até rola um namoro a três. Ou casamento. Nada é impossível nesta vida. Só o relacionamento a dois, que todos conhecemos, é que precisa ser repensado. Embora muita gente o defenda cegamente, sem estudá-lo de verdade, ele é um caminho ruim a ser escolhido e que aprendemos desde pequenos.

– Mas sempre foi assim? Desde que vocês começaram a namorar?

– Não, claro que não! No início foi como qualquer outro relacionamento. A gente vivia um em função do outro. Se alguém olhasse para ele ou vice-versa, era briga de ciúmes na certa. Nós tínhamos um sentimento de posse violento. Com o tempo e o amadurecimento, mais meus estudos e os estudos dele, que é jornalista e adora ler sobre sexualidade, nós conseguimos separar muito bem amor de sexo. As pessoas acham que é tudo a mesma coisa. Mas não é. E, além disso, tem companheirismo e a ajuda em crescer juntos. Depois que aprendemos a separar, voltamos a nos unir. Mas de forma madura – continuou, empolgado. – Mas sabe, não foi fácil aprender a dividir quem amamos com outros – suspirou. – Levou anos. Tivemos brigas, muitas discussões, mas conseguimos. Sem falar que não saímos por aí transando com todo mundo como imaginam. Muito menos damos em cima de amigos ou casais. Também não é bagunçado. Sem falar nos riscos de se conhecer gente nova, tem muito maluco neste mundo!

– Não sei. Isso para mim é muito errado.

– Junior... presta atenção em uma coisa: nem tudo o que é errado é realmente errado, assim como nem tudo o que é certo é realmente certo!

Junior, que havia escutado a mesma frase de Ronaldo no passado, ficou perplexo com a coincidência e a recordação. Leandro percebeu.

– O que foi?

– Não é nada. Apenas uma lembrança.

Junior, ainda pensativo e tentando enxergar aquele assunto de outra forma, continuou:

– Mesmo que não seja errado, isso deve servir apenas para relacionamentos que estão prestes a terminar. Quando há amor verdadeiro entre duas pessoas, isso não acontece!

– É aí que você e muita gente se engana! Muitas vezes, eles estão prestes a terminar justamente porque não introduziram isso antes em seus casamentos – Leandro franziu a testa. – Mesmo porque um casal que abre seu relacionamento, na maioria das vezes, se ama muito e começa a fazer isso só para manter a relação. Mas não é regra.

Junior continuava com cara de confuso, mas ainda assim curioso. Leandro continuou, mas já querendo encerrar o assunto.

– Um casal que não se ama mais, segundo seu pensamento, nem se importa com isso. Ambos simplesmente terminam. Ou começam a trair, o que é bem mais comum. Mas para eu não te encher com estes pensamentos, quando puder, pesquisa na internet um escritor chamado “Fabrício Viana”. Ele está com um projeto de documentário e talvez um livro sobre este tema de relacionamento aberto para os próximos anos. Como ele é formado em psicologia, tudo indica que será um trabalho interessante. Se tiver muita pressa, leia o livro “[A cama na varanda](#)”, da Regina Navarro. Vai ajudar em alguns aspectos. Lembre-se de que na vida não existem regras, mas caminhos. E a relação aberta é uma possibilidade, mas não o único caminho. No meu consultório, o número de pessoas querendo propor uma relação aberta ao seu companheiro e não sabendo como aumenta a cada dia. Poucos conseguem, e o relacionamento tradicional acaba terminando, de uma forma ou de outra.

– E tem um jeito de se fazer? De contar ao parceiro?

– Claro que sim.

– Como?

– Conversando sobre isso. Simples. Dizendo ao outro que tem vontade de abrir a relação. O problema é que muitos, que às vezes também têm os mesmos desejos, não topam. Morrem de medo de perder seu objeto amado. E daí, muitas vezes, acabam perdendo de uma forma ou de outra. Se conversassem, tentassem e fizessem um esforço para superar o ciúmes, talvez conseguissem. Mas é difícil. A falta de conversa e diálogo sincero

entre as duas partes ainda é o maior problema, e não só nas relações amorosas.

Neste momento, Xande, cansado da longa conversa dos dois, tirou os fones de ouvido, olhou para os dois e interrompeu a conversa, indignado:

– A chatice não vai terminar de vomitar os livros que leu durante toda a sua longa vida?

Antes de Leandro conseguir responder, Junior perguntou:

– E você, Xande, está gostando das músicas do MP3? – Junior perguntou, enquanto começava a rir. Leandro, que observava o diálogo, não entendeu o motivo da risada de Junior.

– Sim, as músicas são maravilhosas! Esse set do DJ Guilherme Guerreiro é bafo! Do DJ Bruno Chagas, DJ Bruno Zuzzi e do DJ Vlad também! – respondeu Xande, fazendo caras e bocas.

– Que bom! Apesar de eu amar esses DJs, eu não entendo como você, neste tempo todo em que nós estivemos conversando, conseguiu escutar música em um MP3 que o Gabriel deixou aí em cima da mesa para levar ao concerto.

Leandro, sem disfarçar, começou a rir. E a rir muito. Xande, mantendo a pose, tentou sair por cima.

– Mas eu estava escutando! Depois parou!

– Como você estava escutando? Nem bateria tem! – Junior insistiu, continuando a gargalhar.

– Ai, Junior, me deixa!

Xande se levantou e foi para o banheiro. Depois que ele saiu da sala, Leandro, sabendo que poderia contar um segredo a Junior, falou baixinho:

– Sabe quem foi o cara com quem eu e o Heller saímos pela primeira vez, quando decidimos ter a primeira experiência sexual juntos com outro homem?

– Quem? – perguntou ele curioso, também falando baixinho.

– O Gabriel!

– O Gabriel? – Junior ficou surpreso.

– Sim, o Gabriel! Foi por causa disso que nos conhecemos e nos tornamos amigos!

– Mas... o Gabriel me disse que te conheceu na empresa onde ele trabalhava como auxiliar de escritório.

– Não. Você sabe que o Gabriel guarda muitos segredos.

– Eu sei. Só depois de alguns meses é que ele teve a coragem de me dizer que a briga que ele teve no dia em que nos conhecemos não era por causa da namorada de ninguém, e sim porque ele estava, sem saber, no ponto de prostituição que tinha ali perto da Praça da República e que não era dele – Junior ficou pensativo por alguns segundos. Depois continuou. – Gabriel demorou muito para me contar esta história. E só me contou porque estava muito bêbado. Ele fez programa durante um bom tempo para poder pagar o aluguel e trazer comida para dentro de casa. Depois parou.

– Eu sei. Me lembro do dia em que paramos o carro e ele disse que era ativo não liberal, isto é, que não beijava. Ele sempre foi tão bonito que, naquele dia, eu e o Heller decidimos levá-lo a um motel. E cá entre nós, ele não foi bom de cama. Mas nos demos tão bem que o ajudamos financeiramente, sem querer sexo, por um bom tempo. Até surgir nossa amizade sem interesse algum. Quando ele estava bem de grana, não queria mais nossa ajuda. Ele tem o coração muito bom.

– É verdade. Nestes longos anos, participei de muitas coisas da vida do Gabriel. Muitos choros. Algumas alegrias. Ele sempre foi um paizão para mim. Estes dias eu estava pensando, se não fosse por ele, eu provavelmente ainda estaria na rua desamparado. Talvez morando de baixo de uma ponte ou até mesmo morto. Ele não só me ajudou, como me deu uma nova vida. Sou muito grato a ele.

Naquele momento, Xande voltou do banheiro. Os dois disfarçaram. Leandro, ainda curioso, continuou falando sobre Gabriel discretamente.

– Mas me diga, aquele seu amigo, vocês nunca tiveram nada?

– Não. Nunca. Não por falta de vontade da minha parte – disse envergonhado. – Sempre o achei muito bonito. Fora seu corpo. Mas ele parece não querer nada comigo. E eu prefiro não forçar nada. Mas, às vezes, eu percebo que ele me olha diferente. Com desejo, sabe?

– Como assim?

– Não sei explicar, Leandro.

– Tente.

– Então, quando eu conheço alguém, por exemplo, ele fica em cima. Querendo saber detalhes. Se eu falo que por algum motivo não deu certo, ele parece se sentir aliviado.

– Será que ele gosta de você? – perguntou Leandro, curioso.

– Lógico que gosta. Só não sei se de outra forma. Ele já me disse que relacionamentos começam e terminam. Que eu serei para sempre amigo

dele.

– Será que é a forma que ele achou de ter alguém para sempre? Não tendo?

– Não faço ideia. E não entendo de psicologia como você.

Xande, que voltou a mexer no MP3 enquanto os dois conversavam, perguntou:

– Vocês estão falando do Gabriel, né? – Xande não se conteve.

– Claro que não! – respondeu Junior. – É de um garoto do meu serviço que o Leandro conheceu antes de eu ser mandado embora.

– E ele também tem um amigo falecido? Que nem o Gabriel tinha? Nossa! Quanta coincidência... – Xande debochou.

Leandro então olhou para o relógio e avisou que precisava ir embora. Sua visita naquele dia seria rápida mesmo. Ele se levantou do sofá, se despediu de Junior, deu-lhe um abraço e falou que ia encontrar o Heller, seu amor, próximo da rua Frei Caneca. De lá eles iriam conhecer uma balada nova em Campinas. Em seguida, perguntou se Junior gostaria de ir junto.

– Não, obrigado. Vou esperar o Gabriel e a Michele chegarem. Aliás, já deveriam ter chegado. Daqui a pouco devem estar por aqui. Mesmo assim, obrigado.

– Tudo bem. E a perturbação, não quer ir com a gente? – Leandro olhou para Xande.

– Velha chata! Não gosto da senhora. Mas eu vou! Quero pegar geral! Preciso de uma piroca na boca! – Xande sorriu, bem debochado mesmo.

Os dois saíram e, depois de alguns minutos, Leandro tocou novamente a campainha.

– Esqueceu algo? – perguntou Junior.

– Sim. Esqueci no carro. Comprei para você! – Leandro estendeu a mão com um presente.

Junior pegou o pacote, abriu e viu um livro. Leandro continuou.

– É o primeiro livro da Marli Porto.

– [Uma Luz para Davi](#) – Junior leu devagar o título em voz alta. Em seguida, perguntou:

– É espírita?

– Não. Mas pelo título muita gente acha que é – Leandro sorriu. – Como eu sei que você não gosta de ler livros, sei que este será melhor que

qualquer livro espírita!

– Melhor? Por quê? As pessoas dizem que livros espíritas são bons.

– São bons, sim. Mas livros gays também!

– Livros gays?

– Sim, é um livro de ficção gay, apesar de a Marli Porto ser casada e mãe de três filhos. O livro conta a história de um jovem chamado Davi que se apaixona por um traficante barra pesada. Mas não vou contar detalhes para não perder a graça. Só sei que você vai gostar. Como é seu primeiro livro, faça um esforço para lê-lo. Se gostar mesmo, eu te dou mais. Ela também escreveu “[Bem-te-vi](#)”, um livro em que um garoto se apaixona por outro garoto na escola. É fantástico.

– Tudo bem. Muito obrigado – Junior agradeceu, dando um abraço em Leandro.

Leandro, desde o momento em que vira Junior, também tinha se apegado bastante ao rapaz. Ele o paparicava, dava presentes e fazia questão de visitá-lo quase sempre. Isso porque, no início, Leandro era mais amigo de Gabriel, mas, com a convivência com Junior, ele acabou se tornando mais amigo de Junior. Gabriel não tinha ciúmes, pelo menos não demonstrava.

Leandro se despediu novamente e foi embora. Junior olhou para o relógio e ficou preocupado com Gabriel. “Onde ele e a Michele estão? Eles já deveriam ter chegado em casa faz tempo. E, pior, até agora ele não ligou avisando! Provavelmente ele está na casa dela”, pensou rapidamente. “Pena que lá não tem telefone e o celular dela só dá caixa postal.”

Junior então passou aquele final de sábado e o domingo inteiro sozinho em casa. Sem ter o que fazer, ele começou a ler o livro que ganhara. E, pelo fato de o livro falar de amor e do envolvimento entre duas pessoas do mesmo sexo, ele gostou da experiência da leitura. Mesmo porque, até então, ele não sabia que aquele tipo de livro existia. Junior era mais um brasileiro traumatizado pela leitura graças aos professores de português que obrigavam, e ainda obrigam, jovens a lerem livros chatos e complexos da “grande literatura brasileira”. Tudo bem que são clássicos e importantes. Mas não deveriam recomendar isso para um adolescente que não gosta de ler. Ele ficará mesmo traumatizado.

1021140915180005210022152100200500031514200118001415000914090
3091500041500011415001721050022051300031513161805090016011919
0107051419000500180519051822050900081520051200051300061215180
9011415161512091900160118010014151900041509190014150003011814
0122011200140115000523091920050013051208151800122107011800161
8010007051420050016011919011800050019050004092205182009180003
1513001321092015190007012519002215030500220109000113011800050
0052100130109190001091404010016151800031514200914210118000115
001905210012010415

OceanofPDF.com

1021140915180005210022152100200500031514200118001415000914090
3091500041500011415001721050022051300031513161805090016011919
0107051419000500180519051822050900081520051200051300061215180
9011415161512091900160118010014151900041509190014150003011814
0122011200140115000523091920050013051208151800122107011800161
8010007051420050016011919011800050019050004092205182009180003
1513001321092015190007012519002215030500220109000113011800050
0052100130109190001091404010016151800031514200914210118000115
001905210012010415

CAPÍTULO 14

A segunda-feira chegou e nada de o Gabriel aparecer. O primeiro compromisso de Junior naquela manhã era com Francisco, seu terapeuta. Ou melhor, seu primeiro compromisso era, novamente, consigo mesmo.

– Entre, Junior.

– Tudo bem, doutor?

– Tudo, e com você?

– Tudo bem, também – Junior sentou na poltrona macia do consultório.

Francisco, sempre neutro, fechou a porta, sentou-se à sua frente e ficou quieto, observando e esperando o tempo certo para que os conteúdos emocionais de Junior aparecessem. Junior falou do tempo e do clima louco de São Paulo. Francisco permaneceu quieto. Ele sabia que a mente funcionava assim mesmo, fugindo daquilo que a atormentava. Até que, depois de alguns minutos, Junior resolveu falar.

– Doutor, nestes anos todos... eu ignorei totalmente meus pais. Fiz de conta que eles haviam sumido da minha vida – ele falava pausadamente.

Francisco apenas observava. Junior continuou com dificuldades.

– Mas na sexta-feira, vendo TV, uma música evangélica que minha mãe cantava quando eu era mais novo passou em um programa e várias recordações me vieram à cabeça. Tudo o que me aconteceu, e algumas coisas o senhor já sabe, passou na frente dos meus olhos durante vários minutos. Eu chorei muito – disse ele, olhando para baixo.

Depois de alguns minutos em silêncio, Junior continuou:

– Sabe, doutor... – respirou fundo. – eu ainda acho que o que eu faço é uma doença, um pecado. E me sinto perdido. Sozinho neste mundo, sem ninguém por perto – falou com algumas lágrimas saindo dos olhos. – Será que eu devo ir atrás dos meus pais? Saber como eles estão? Se me perdoaram? – ele olhou por alguns segundos o relógio de parede que ficava atrás de Francisco. – Eu estava pensando, parece que pouca coisa mudou na minha vida nestes últimos anos...

Naquele momento, mesmo sendo muito cedo, Francisco resolveu intervir. Ele precisava mostrar a Junior coisas que ele não conseguia enxergar sozinho e que eram primordiais ao seu processo de crescimento.

– Não, Junior. Muita coisa na sua vida mudou, sim...

– Mas o que mudou? Tudo continua igual...

– Posso citar muitas coisas como exemplo. Uma delas é a forma como você encarava o sexo, lembra? Quando chegou a São Paulo, extremamente abalado com sua sexualidade graças à internação no CRADH, você me disse que fez de tudo para não ter relacionamentos homossexuais. Disse que chegou a namorar a filha do dono do restaurante onde trabalhava e que quase a engravidou. Mas, por ter terminado o breve relacionamento e não suportar mais vê-la, você pediu para ser mandado embora. Lembra-se disso?

– Lembro sim.

– Depois, você, andando no centro, conheceu os cinemas pornográficos e passou a frequentá-los, além de praticar sexo em banheiros públicos. Foi nestes lugares que você, mesmo de forma clandestina, soube do que realmente gostava. E não parou mais de frequentá-los, mesmo com o sentimento de culpa após o ato sexual e sem se envolver afetivamente com seus parceiros.

– Sim, eu lembro, foi nesta época que o Leandro, percebendo que as coisas na minha cabeça não andavam bem, me recomendou fazer terapia com o senhor. E tinha apenas algumas semanas que eu havia falado com o Gabriel sobre estes meus desejos por homens. Até então ele não sabia de nada.

– Pois então, muitas coisas mudaram desde então. Mas como são mudanças lentas, você não percebeu. Lembra que você não frequentava lugares gays? Tinha pavor desta palavra? Até criticava gays? Sem falar que, alguns anos atrás, você, provavelmente, jamais teria um amigo chamado Xande todo afeminado como você me conta. Se fosse naquela época, você

até bateria nele por se vestir de forma feminina, tamanho era o seu repúdio machista. – Junior apenas escutava. Francisco continuou. – Hoje, você não liga. Nem para o que as pessoas falam dele nem para o que falam de você. E olha que temos pouco tempo de terapia. Muitas coisas, realmente, mudaram na sua vida.

– É verdade. Vendo desta forma, mudaram mesmo.

– Mas sabe quais foram as duas mudanças mais significativas que eu percebi?

– Quais?

– O afastamento de alguns conceitos da Igreja e a vontade de ter alguém ao seu lado para dividir bons e maus momentos.

– Mas... por que são significativas?

– O afastamento da Igreja é simples. Pouca gente inserida em uma doutrina, principalmente a evangélica, consegue se desvincular de seus valores e conceitos rígidos. Muito disso, talvez, tenha se dado pela figura do tal pastor Silas, era esse o nome dele, não? Depois pelo pastor Elias.

– Sim, isso mesmo... – Junior recordou-se do pervertido pastor.

– A partir daí, começou seu questionamento sobre a religião também, parando de frequentar os cultos.

– Eu lembro. Essas coisas só aconteceram comigo? De ir parar em um lugar que curava gays?

– Não, claro que não. Mesmo no mundo atual, tão conectado, com as paradas gays lotando avenidas pelo Brasil e relações homoafetivas em novelas, a sociedade continua ignorante e muito preconceituosa. Não é divulgado, mas a quantidade de fazendas como aquela em que você ficou internado ainda é muito grande. Ano passado, houve um congresso em Campina Grande, na Paraíba, de um forte grupo religioso, em que quase todos os workshops e palestras eram sobre a cura espiritual da homossexualidade.

– Sério?

– Infelizmente, sim. Existem livros, sites, blogs e tudo o que você possa imaginar condenando ferozmente a homossexualidade. Eu comprei um livro estes dias, chamado “Saindo do Armário”, não lembro o autor, mas, para minha surpresa, eram depoimentos de jovens que deixaram de ser homossexuais e encontraram Jesus.

– Isso existe ainda?

– Sim! Existe, sim. Mas pouca gente sabe. O que me preocupa, de fato, enquanto terapeuta, é que muita gente permanece atormentada dentro dessas ideias imaginando que existe cura. Que existe salvação. Quando, de fato, a homossexualidade é só uma parte da sexualidade humana. Não tem nada de errado com ela.

– Sim, o senhor já me disse isso.

– E assim como existem estes materiais ruins, temos muitos livros, sites e blogs bons também. Tem o livro “[O Armário](#)”, que eu sempre recomendo para quem quer entender sobre a homossexualidade, e também o livro “Em Busca de Mim Mesmo”. Este último narra a história de uma ONG que o autor ajudou a fundar no Brasil e que pretendia curar a homossexualidade. Existiu por quase 15 anos. Veja bem, não estou falando de ficção. Falo de histórias verdadeiras. Quando puder, pesquise estes livros na internet e os leia. São muito bons.

– Tudo bem. Assim me sinto mais aliviado. Inclusive com as minhas mudanças. Eu realmente mudei, né, doutor? – Junior insistia em chamá-lo de doutor, mesmo Francisco já o tendo advertido sobre isso várias vezes .

– Sim, Junior. Tivemos boas mudanças, sim. Eu mesmo fico feliz pelo seu progresso. Mas tem mais coisas aí.

– Quais?

– A outra mudança significativa, Junior, foi você começar a ver o “além do sexo”. Além do tesão. Afinal, sexo é ótimo e deve ser praticado sempre. Mas, na vida, há coisas tão importantes quanto o sexo e que devem ser conquistadas paralelamente para uma boa qualidade de vida. Uma delas é, mas não obrigatoriamente, se relacionar afetivamente com alguém. Construir algo junto. Não deixar a vida simplesmente passar despercebida. Ter uma história, um histórico.

– É verdade. A cada dia que passa tenho mais vontade de arrumar um cara bacana para namorar.

– Sim, e essa vontade era inconcebível há algum tempo. Hoje, você já consegue ver que relacionamentos homossexuais também existem e podem dar certo. Até daquela igreja inclusiva, que aceita homossexuais, você estava pensando em participar. Há várias no Brasil: Igreja Para Todos, CCNE, ICMSP, Igreja Contemporânea e BetelRJ são algumas delas.

– Pensando desta forma, você está certo. Mas e meus pais? Sinto muita falta deles... – Junior, com seu conteúdo emocional carregado, voltou para sua queixa inicial.

– Estas são as partes ainda não trabalhadas em sua mente. Não sei se percebeu, mas é a primeira vez aqui que você fala que sente falta deles. Embora eu já tenha percebido isso antes.

– É verdade. É que no início da terapia, eu falei tanta coisa que não tinha nada a ver que perdi muito tempo dela – lamentou-se ele.

– Na terapia, tudo aparece no momento em que deve aparecer. Na última sessão, por exemplo, você citou seus pais de forma simbólica e eu percebi.

– Eu falei dos meus pais?

– Falou. Lembra da história que me contou indignado? Do desenho animado a que assistiu em que a águia deixou seu filhote cair do ninho e não foi atrás? Você, inconscientemente, falou de seus pais. Você era o filhote que caiu e seus pais não foram atrás.

– Como assim? Junior ficou vermelho.

– É que, em um processo terapêutico, ou até mesmo em uma conversa informal no bar da esquina, você tem uma infinidade de assuntos sobre os quais falar. A pergunta é sempre esta: por que, no meio de tantas coisas, você escolheu justamente falar sobre determinado assunto? Qual o conteúdo emocional que o levou a falar sobre aquilo especificamente e não sobre outras coisas? Com o desenho animado o mecanismo é semelhante. Quando analisei, percebi que algo com seus pais iria surgir a qualquer momento. Essa música que você escutou na TV e que o fez se recordar de sua mãe e de seu passado foi uma espécie de gota d'água para que a caixa de emoções presas começasse a transbordar. Se não fosse a música, seria outra coisa. Pode ter certeza disso.

– Entendi – Junior respondeu pensativo. Francisco continuou.

– E, embora você já tenha me dito sobre seu passado, sobre a descoberta do sexo com a Maiara, sobre o Ronaldo, sua ida a um puteiro, sobre sua família, sobre o pastor Elias e sobre várias coisas que você fez desde que chegou aqui em São Paulo, você nunca mais falou sobre seus pais na terapia. Você os ignorou, reprimiu e escondeu todo este tempo. Bem lá no fundo. Então, uma hora eles iriam aparecer.

Junior ficou parado pensando. Em seguida, soltou de uma vez:

– Na verdade, eu penso em visitá-los neste final de semana.

Francisco percebeu que Junior queria algum comentário seu incentivando ou desmotivando sua ida.

– Veja bem, Junior, eu sou terapeuta. Não posso decidir coisas por você. Minha função é apenas mostrar caminhos que você não consegue ver sozinho, e assim promover seu crescimento ou o que chamamos na psicologia analítica de processo de individuação. Mas, se faz tempo que você não os vê, sente saudades e quer ter notícias, por que não? O que me preocupa enquanto analista é este resíduo negativo sobre a homossexualidade, que em sua mente ainda é doença. Ainda é pecado. Afinal, por mais que você tenha parado de frequentar a igreja por livre e espontânea vontade, é muito óbvio que algo aí dentro o perturba. E essa falta dos pais, diante de tudo o que lhe aconteceu, pode ter alguma ligação com esta angústia interna. Tudo indica que as coisas estão ligadas de alguma forma.

– Mas de que forma, doutor?

– Se você ainda não tem esta resposta, é porque ela não quer aparecer para você. Você não está forte o suficiente para encará-la de frente. Assim são as angústias humanas.

Ao ouvir falar de angústias, Junior imediatamente se lembrou de seu recente pesadelo. Olhou para o relógio e percebeu que seu tempo estava acabando. Então resolveu acelerar a conversa.

– Por falar nisso, eu tive novamente aquele sonho ruim...

– E como foi desta vez? – Francisco perguntou sem se surpreender, afinal, tudo se encaixava.

– Foi mais ou menos como das outras vezes. Eu estava dentro de uma casa. Uma casa estranha. De repente, algo maléfico do meu tamanho se aproximou e eu lutei contra ele. Mesmo lutando, eu sabia que nenhum dos dois venceria. Cansado, eu comecei a fugir e, enquanto corria, senti que ele me perseguia. Depois de um tempo, tudo começou a pegar fogo. Quando acordei, angustiado, percebi que eu estava suando muito. O senhor disse que, neste tipo de terapia, o sonho era importante, não? Esse sonho eu tenho faz tempo... – Junior lamentou-se.

– Eu sei, Junior. Você já me contou sobre ele de diferentes formas ao longo da terapia. E eu não tinha analisado ainda porque todo sonho e seu significado simbólico têm ligação com o material inconsciente de cada um. Eu precisava de tempo para te conhecer melhor e não interpretar nada de forma equivocada. E consegui.

– Você conseguiu interpretá-lo?

– Sim. Para começar, me diga, qual é o seu primeiro nome? – Francisco sabia que Junior não gostava de falar sobre seu primeiro nome. Algo que ele escondia de todos.

– Prometheus. – ele respondeu, olhando para baixo.

– E por que você tem este nome?

– Porque meu pai tem.

– Sim, mas por que você também teve?

– Por causa da minha mãe... ela gostava tanto deste nome que convenceu meu pai a me registrar igual, apenas incluindo o Junior no final.

– Mas e seu pai? Ele gostava deste nome, Prometheus? Por que sua avó escolheu este nome para ele? – Francisco insistiu no assunto, tentando chegar aonde queria.

– Minha mãe contava que minha avó, quando mais nova, escutou de sua professora uma história dos livros em que um homem roubou o fogo dos deuses e deu-o aos homens de presente. Segundo ela, ele se chamava Prometeus. Ela gostou tanto da história que anotou o nome e registrou meu pai. Por erro do cartório, colocaram “th” no final.

– Sim, e é aí que quero chegar...

– Mas meu pai também nunca gostou deste nome estranho. No interior, tem gente com nomes muito mais esquisitos, eu sei. Mas meu pai odiava tanto que todos os chamavam de Sr. Antônio, apelido que ele mesmo criou.

– E você?

– E eu acabei usando Junior. Se alguém me pergunta o primeiro nome, eu não falo... não gosto dele. Na escola, alguns me chamavam de Theus. Às vezes, o Gabriel me chama assim. Aliás, ele é o único que me chama de Theus hoje em dia, mas só quando ele está muito carente.

– Eu sei. Você já tinha me dito isto. Mas, veja que interessante... você cresceu e, com certeza, alguém contou a história para você... Você se lembra da primeira vez que escutou falar do mito grego de Prometheus ?

Junior, quieto, tentou se recordar da primeira vez que alguém havia lhe contado a história.

– Sim, foi uma professora da escola. Na verdade, todos os professores, no início do ano, ao chamar meu nome pela lista, se surpreendiam e citavam esse mito grego. Até que um dia uma professora me disse que o Prometeus era um titã que tinha roubado o fogo dos deuses,

que significava o conhecimento, e dado como presente aos homens. Porém, por causa do roubo, ele fora castigado.

– E qual era este castigo?

– Pelo que me lembro das histórias que eu li depois, ele foi acorrentado em uma montanha e todo dia uma águia vinha e devorava seu fígado. Como ele era imortal, seu fígado se regenerava e, no outro dia, a mesma águia o devorava novamente, fazendo-o sofrer por quase 30 mil anos.

– Sim, é isso mesmo. Esta é a questão primordial e tudo indica que tenha algo a ver com seus sonhos.

– Como assim? – perguntou ele confuso.

– Veja bem... todo sonho repetitivo é um nó psíquico de energia presa. Ou, na forma mais fácil para entender, tudo o que você reprime, esconde, camufla e ignora é transformado em símbolos pelo inconsciente. Dependendo da força, esse nó psíquico aparece camuflado nos sonhos por meio de vários símbolos.

– Mas o que isso tem a ver? – perguntou Junior, ainda confuso.

– Já reparou que, em todo sonho que me conta, você sempre está fugindo? Ou lutando contra um mal? Um demônio? Que sempre tem fogo queimando tudo? Sexo? Homens? Você cai e se afunda na lama?

– Sim – ele respondeu, recordando-se de alguns.

– Pois então, quando um sonho se repete muito, ele pode ser interpretado. O seu, aparentemente, é uma mistura do mito grego de Prometeu, ou também chamado de Prometeus em alguns lugares, com a condenação evangélica da homossexualidade sobre a qual você escutou desde pequeno. Sua mente transformou tudo em símbolos e está nos mostrando com angústia e desespero o negativismo homossexual inserido em seu inconsciente. Que é o que nós, psicólogos, chamamos de homofobia internalizada: mesmo assumido, algo lá no fundo ainda diz que é errado.

Francisco ficou parado observando as reações de Junior. Depois de alguns segundos, ele continuou e, usando o mesmo simbolismo, foi direto ao ponto:

– No seu caso, é como se você estivesse sofrendo pelo fogo que roubou dos deuses. É como se você, por ter escolhido a vida e o sexo homossexual, estivesse sendo castigado por eles. Todos os dias.

– Pelos deuses?

– Mais ou menos. Pense um pouco. Quem tinha e ainda tem o poder de te castigar? Os deuses do Olimpo?

Junior ficou parado, pensando. Em seguida, teve um estalo em sua consciência e soltou:

– Meus pais! – disse ele, perplexo com a revelação.

– Sim. Você sofre o castigo divino dos deuses, você sofre a ira divina de seus pais. Compreende esta mistura psíquica? Quando disse que, mais cedo ou mais tarde, os conteúdos apareceriam, eu estava falando disso. Parece que o ponto, neste momento, são mesmo seus pais, o amor deles e a relação com o conflito interno da aceitação dos teus desejos.

Junior imediatamente começou a chorar. E a chorar muito. Francisco, feliz com o desenvolvimento da terapia, teve mais uma vez a certeza de que escolhera a profissão certa, pois na terapia, quando alguém chorava voluntariamente ou soltava uma parte da energia presa, como Junior fazia, era porque uma parte de um nó afetivo, dos muitos que todos nós carregamos em menor ou maior grau, estava se desfazendo.

Francisco, vendo o choro desesperado do rapaz, permaneceu neutro sentado em sua cadeira. Ele, experiente, sabia que jamais poderia consolá-lo. Junior precisava externalizar tudo aquilo sozinho, perceber algumas coisas e, nos próximos dias, absorver outras. Depois de alguns minutos chorando muito, já se recuperando e voltando ao normal, Junior olhou para o relógio de parede e disse:

– Vejo que meu tempo está acabando, né? – Junior enxugava as lágrimas. – Aliás, por que o tempo da terapia é tão curto? – ele mudou de assunto, algo previsível, já que ele acabara de entrar em contato com um nó afetivo profundo.

– Ele não é curto, ele é quase perfeito! – Francisco brincou, mas voltou a falar sério em seguida. – O tempo ideal para os conteúdos importantes aparecerem é de 45 minutos. Mais do que isso fica cansativo e não existe progresso. Por isso também a longa pausa de alguns dias após estes minutos. A mente precisa absorver e trabalhar sozinha em cima da última sessão.

– É que eu ainda tenho tanta coisa para falar com o senhor... – Junior recordou-se da traição que havia lhe acontecido na última sexta-feira.

– Tudo a seu tempo, Junior!

– Tudo bem, doutor. Bom, vou indo. Obrigado e até a próxima semana.

– Até.

Francisco abriu a porta e ficou imaginando que Junior só receberia alta da terapia quando parasse de chamá-lo de doutor. Francisco era terapeuta, não médico. E mesmo já tendo sinalizado isso a Junior, simbolicamente, era como se Junior visse uma relação entre médico e doente. Ou, melhor dizendo, médico e alguém que tinha uma doença e precisava ser curado. Sua homofobia internalizada ainda era muito forte e ele precisava, assim como muitos homossexuais, até mesmo os assumidos, se livrar dela.

1915000918050900040509230118000405002005000113011800172101140
4150015002205210004010013151820050003150218091805130013052119
0015120815190013052100011301041500200805211900130521000113010
4150010211409151800200500011315001305210014050715001209140415

OceanofPDF.com

1915000918050900040509230118000405002005000113011800172101140
4150015002205210004010013151820050003150218091805130013052119
0015120815190013052100011301041500200805211900130521000113010
4150010211409151800200500011315001305210014050715001209140415

CAPÍTULO 15

Assim que Junior chegou em casa, a primeira coisa que fez foi ver se Gabriel havia chegado. Pelo barulho do chuveiro, sim. Ele estava se banhando. Junior então foi até a porta do banheiro, que estava encostada, empurrou-a e, sem olhar diretamente para aquele corpo maravilhoso, começou a encher Gabriel de perguntas.

– Nossa, Gabriel! Onde você estava? – perguntou com voz trêmula, ansioso por uma resposta, mas feliz por vê-lo bem.

– Oi, Junior. Já chegou? Você está vindo da terapia, né?

– Sim, mas, diga, onde você estava esse tempo todo? Estou até agora sem notícias suas. Nem para dar um telefonema!

– Calma, Junior. A história é longa. Senta aí que eu te conto.

– Tudo bem, mas independentemente da história, não vejo motivos para não ter me ligado para avisar. A gente não combinou que um sempre ligaria para o outro? – Junior lembrou o pacto que havia feito com o amigo.

– Sim, me desculpe. Mas aconteceram muitas coisas.

– Tudo bem, conte.

– Lembra-se da Patrícia? Amiga da Michele?

– Sim, claro que me lembro.

– Ela foi assassinada!

– O quê? Como assim? – disse Junior, perplexo.

– Então, saímos do teatro e outra amiga em comum dela ligou. Disse que a Patty havia marcado um encontro com um cara pelo Grindr.

– E aí? Conta!

– Então, o cara mandou foto bonita. Depois ligou para ela. Com uma voz irresistível, perguntou se estava em casa sozinha. Disse que ele estava cheio de tesão e que faria loucuras com ela – Gabriel desligou o chuveiro e pegou a toalha para se enxugar. – Ela, vendo a foto e escutando a voz,

pensou que era apenas alguém querendo sexo. Nada mais. E como estava com muita vontade, topou.

– Isso que não entendo. Essa travesti faz programa e mesmo assim sai caçando homem pelo Grindr?

– Pois é. Também não entendo. Mas eu nunca achei que ela se prostituía por que precisava, e sim porque era ninfomaníaca mesmo. Só que isso não tem mais importância. O fato é que o cara combinou um horário. Ela aceitou. Quando chegou ao apartamento, era o mesmo da foto, porém, ao abrir a porta, entraram ele e mais dois caras que estavam escondidos.

– No apartamento dela?

– Sim, foi um assalto! Um golpe! Estão usando os aplicativos para celular.

– Por isso eu não tenho nenhum instalado. Morro de medo.

– Pois é. Eles entraram e fizeram a limpa em tudo. Prenderam-na no banheiro e ficaram ali por várias e várias horas. Enquanto roubavam, tiravam sarro dela e ficavam decidindo se a matariam ou não.

– E como você sabe destes detalhes?

– Eles foram embora e decidiram não matá-la, foi quando ela ligou para a amiga da Michele e contou tudo. Ainda no telefone, a amiga só escutou os tiros. Eles voltaram e a apagaram.

– Credo, que horror!

– Sim, saímos de lá e fomos direto ao apartamento dela. Tentei te ligar e não consegui. Depois meu celular ficou sem sinal. Deixei recado na sua caixa postal, não viu?

– Não. Meu celular está uma droga. Preciso mudar!

– Junior, foram três tiros na cabeça e oito facadas! Todas dadas após a morte!

– Oito facadas?

– Pois é. Isso é muita crueldade. A polícia acredita que, além do roubo, a motivação da morte foi a transfobia, afinal, ninguém esfaqueia alguém morto oito vezes.

– Nossa, jamais suspeitaria disso tudo. Que horrível. E a Michele, como está?

– Ela está transtornada! Literalmente transtornada – respondeu Gabriel enquanto colocava a cueca e suas roupas. Depois continuou. – Ainda bem que ela estudou, prestou concurso para trabalhar naquele banco

e passou. Deve começar em breve. Assim, ela larga seus pacientes e essa vida.

– Tomara mesmo – Junior sabia que Michele, namorada do Gabriel, diferente de outras travestis, era muito estudiosa e batalhadora. Conseguia ver um mundo muito além da prostituição, ou de seus pacientes, como ela os chamava.

– Só é uma pena que ela terá que se mudar para outro estado. E eu não irei junto.

– Como assim?

– A vaga para a qual ela passou no concurso é para outro estado.

– Mas e vocês dois?

– A gente já sabia que um dia terminaria. A gente se gosta muito, muito mesmo, mas a Michele sabia que nossa relação não era algo que levaríamos por muito tempo – disse ele olhando nos olhos de Junior.

– Mas vocês se dão tão bem.

– Sim, mas algumas pessoas se separam, às vezes, para seguir sua vida profissional. Eu não quero deixar São Paulo para seguir com ela para o interior. Não quero abandonar o pouco que eu conquistei aqui. Inclusive...

– Eu?

– Sim, você. – disse Gabriel, olhando para outro lugar. Tentando, mais uma vez, mudar de assunto.

– Gabriel, posso te fazer uma pergunta?

– Pode, claro que pode!

– Você gosta de mim?

– Gosto. Por que está me perguntando isso?

– Eu sei que você gosta. Mas pergunto no outro sentido, algo a mais, você gosta de mim tendo esse algo a mais? – Junior, muito envergonhado, decidiu ir direto ao assunto que ele e Leandro haviam começado.

– Não, Junior. Claro que não. Não tem nada a ver – Gabriel desconversou.

– Tudo bem. Eu só queria saber.

– Ok – Gabriel olhou para baixo. Depois continuou. – E você, sente algo por mim?

– Claro que não, Gabriel. Não tem nada a ver – respondeu Junior. Porém, ele sentia, e muito. Mas, para não perder a amizade do Gabriel, disse que não.

– Entendi. Então, já gravou seu número da sorte? – Mais uma vez, tentando mudar de assunto.

– Aquele que está na minha carteira?

– Sim, eu já decorei. É o 200500011315! – disse Gabriel, todo amoroso.

– Espera. Deixa eu pegar o papel na minha carteira – disse Junior. – Uau, é isso mesmo, você decorou o meu número da sorte!

– Sim, e você, me promete uma coisa?

– Prometo, claro!

– Nunca, nunca mesmo, perca esse número. E nunca, nunca mesmo, esqueça que fui eu quem o criou para você. Promete?

– Prometo, Gabriel, prometo – Junior viu que o amigo tinha os olhos cheios de lágrimas. Ele sabia que aquilo era algo muito importante para ele. Talvez mais para Gabriel que para ele mesmo, afinal, eram só números.

– Obrigado, Junior. Muito obrigado.

Gabriel, já vestido, foi em direção a Junior e lhe deu um abraço bem apertado. Neste momento, Junior lhe contou o que estava planejando.

– Não acredito. Mas já se passaram tantos anos, você tem certeza?

– Sim, eu preciso ir. E será neste final de semana. Já até comprei as passagens para Capão Bonito.

– Sério?

– Sim.

– Então eu vou com você.

– Não, não precisa. Fique com a Michele, ela está precisando de você neste momento.

– É verdade – Gabriel refletiu. – Perder uma amiga assassinada não é para qualquer um. Você promete que me liga?

– Só se você me prometer que também me liga.

– Sim, combinado, ligamos ou mandamos mensagens, faremos tudo. Só não perderemos mais contato. Me preocupo muito com você!

– Eu também.

0519201521000117210900140100020108090100010020180102011208150
0050014051920050013151305142015001415001721011820150004150008
1520051200131518180514041500040500190121040104051900040500221
5030500102114091518002005142015000601260518000112071500130119
0022150305001905131618050013050022051300010003010205030100010

3081500172105000519201521001305191315000116010923151401041500
050001030815001721050005001305191315001601180100190513161805

OceanofPDF.com

0519201521000117210900140100020108090100010020180102011208150
0050014051920050013151305142015001415001721011820150004150008
1520051200131518180514041500040500190121040104051900040500221
5030500102114091518002005142015000601260518000112071500130119
0022150305001905131618050013050022051300010003010205030100010
3081500172105000519201521001305191315000116010923151401041500
050001030815001721050005001305191315001601180100190513161805

CAPÍTULO 16

Junior chegou à rodoviária de Capão Bonito por volta das 15 horas. O tempo estava nublado e sua última lembrança daquele lugar era do pastor Silas o despachando para Belo Horizonte. “Nossa, quanto tempo se passou! Como será que andam as coisas? Será que o Ronaldo ainda mora perto? Como estão meus pais? Será que serei aceito?”, perguntava-se a todo momento.

Junior então pegou um táxi e se dirigiu para o bairro do Mirizola. Ao ver sua casa de longe, a saudade bateu mais forte. Algumas pessoas podem imaginar que alguns anos longe de casa são pouco tempo. Pode até ser. Mas não para Junior, que convivia com seus pais todos os dias e do nada tinha sido expulso de casa, ficado internado em um lugar estranho e, no final, acabara fugindo para a cidade grande. Aqueles anos pareciam mesmo uma eternidade. Mas seu maior medo era mesmo do reencontro com seus pais. Como eles o receberiam? Esta era, de fato, a sua maior dúvida.

O táxi então deu a volta e, conforme orientações de Junior, pegou uma estrada de barro que dava nos fundos da plantação de milho. Junior sabia que naquele horário seus pais estariam trabalhando e, por isso, a melhor forma de reencontrá-los era dando a volta. O táxi foi embora. Junior entrou na plantação e, conforme se aproximou, viu de longe seu pai trabalhando de costas. Seu coração disparou. O frio na barriga foi inevitável. “Será que vou em sua direção? E se ele me rejeitar? É melhor eu esperar aqui e ver como será sua reação.”, pensou rapidamente.

Em determinado momento, Sr. Antônio, que até então arrumava algumas caixas de milho, se levantou, virou para olhar o milharal e deu de

cara com Junior a poucos metros de distância. O velho não acreditou na imagem que seus olhos proporcionavam. Apesar do boné, das roupas novas e de uma pequena mala, aquele garoto era mesmo seu filho. Seu querido filho Junior. A alegria do pai foi imediata.

– Junior, meu garoto! – seu pai largou tudo e foi andando em sua direção. Seus olhos estavam cheios de lágrimas.

– Pai! – gritou ele, também andando na direção do pai, com os olhos cheio de lágrimas.

Os dois então se abraçaram fortemente, olhando-se vez ou outra nos olhos, chorando muito. De um lado, Junior não acreditava que ele estava sendo abraçado por seu pai, que não só o havia expulsado de casa como também lhe dissera as piores palavras naquele momento tão delicado. Do outro, Sr. Antônio não acreditava que seu filho, até então dado como desaparecido, estava ali, na sua frente, vivo. Em carne e osso.

A cena era realmente marcante. Junior chorou de soluçar. Seu pai, que sempre fora durão, também não conseguiu se conter. Pareciam duas crianças em prantos. Depois de um tempo se abraçando e chorando muito, seu pai pegou sua mala e o chamou para entrar em casa. No caminho, Junior perguntou:

– Onde está a mãe? – ele se recordou da última vez que a vira entrar, de costas, em sua antiga casa, após ela tê-lo destratado.

Seu pai ficou quieto como se não tivesse escutado a pergunta. Junior entrou na casa, percebeu uma certa bagunça no lugar e, a pedido de seu pai, sentou-se no sofá de dois lugares. Em seguida, seu pai fechou a porta, lhe ofereceu um copo de leite de cabra e sentou-se no sofá à frente. Sr. Antônio, ainda lhe olhando como se não acreditasse no que via, pediu que ele escutasse toda a história com calma.

– Que história, pai? – perguntou ele, imaginando que seu pai e sua mãe haviam se separado.

– Junior, depois que você foi internado em Belo Horizonte... tanto sua mãe como eu, mesmo explodindo de ódio e vergonha, passamos todas as noites orando a Deus e chorando muito, sentindo sua falta aqui dentro de casa... – seu pai falou e, não se contendo, começou novamente a chorar.

Junior só prestava atenção. Ele queria saber tudo o que tinha acontecido durante sua ausência. Seu pai, sempre com lágrimas nos olhos, continuou.

– E você realmente fez muita falta, meu filho! – ele chorava mais ainda. – Mas sabe o que nós nunca entendemos? – perguntou o velho em meio às lágrimas.

– O quê, pai?

– Por que você, naquela fazenda, nunca respondeu às nossas cartas e nunca estava disponível para falar ao telefone.

– Como assim? – Junior arregalou os olhos.

– Desde o primeiro dia, o pastor Silas disse que nós, depois de algum tempo, poderíamos enviar cartas ou ligar para saber como você estava. Uma visita sairia muito cara, não tínhamos condições. Então, na primeira quinzena, sua mãe resolveu te escrever para saber como você estava.

– Vocês me escreveram? Como assim?

– Escrevemos... mas você não respondeu nenhuma das cartas de sua mãe. Resolvemos ligar, depois, e o pastor Elias disse que você estava com um comportamento agressivo, recusando as orientações e que, por isso, não era aconselhável tentarmos contato. Ele dizia que assim que Deus tocasse seu coração, você entraria em contato. Mas você nunca entrou.

– Não acredito que o pastor Elias fez isso comigo e com vocês!

– Como assim, meu filho? – seu pai enxugava as lágrimas.

– Pai, todo mundo lá recebia cartas e eu nunca recebi nada. Nunca. Até que eu reclamei e o pastor Elias me disse que vocês ainda estavam com raiva de mim e, por isso, não escreveriam tão cedo.

– Mas isso não é verdade! Nós escrevemos várias cartas. Todo dia e toda noite não só lembrávamos de você, como você era e sempre foi nosso único filho! É claro que nós escrevemos! – Sr. Antônio, assim como Junior, percebeu que algo estava errado. Em seguida, o pai continuou:

– A saudade foi tão grande que, quando você completou seis meses lá, nós ligamos várias vezes até que o pastor Elias disse que você havia fugido e ido para a casa do seu amigo Ronaldo – disse seu pai, evitando usar as mesmas palavras que lhe haviam sido ditas pelo telefone, isto é, que Junior tinha ido para a casa de seu namorado.

– Então foi isso o que ele disse?

– Sim, foi isso mesmo. Sua mãe e eu entramos em desespero. Imediatamente, procuramos o pastor Silas para saber sobre o paradeiro de seu primo Ronaldo, mas ele também não sabia. Disse que, após aquele problema, – olhou para o lado com desgosto, depois continuou – o Ronaldo

se mudou para Curitiba sozinho e nunca mais deu as caras por aqui. Como ele se mudou antes de você fugir, nós ficamos confusos. No desespero, acionamos a polícia e mobilizamos todos aqui para tentar te encontrar.

– A polícia?

– Sim. Passamos muito tempo te procurando. Mas você sabe como é pobre, né? Pobre não tem nada nesse mundo, e a polícia, que quase não dá conta de tanto bandido, não iria perder tanto tempo procurando um marmanjão do seu tamanho.

– Nossa... – Junior estava cada vez mais surpreso.

– O que foi, meu filho?

– Eu não imaginava tudo isso... – ele abaixou a cabeça. – Eu acreditava que vocês, naquela época, me odiassem e quisessem me ver longe para sempre...

– Não. Nos primeiros dias, até queríamos mesmo. Mas o tempo passou e o coração bateu mais forte. Durante muito tempo, eu e sua mãe planejamos ter um filho, mas nunca aconteceu. Até que, do nada, você apareceu, quando já estávamos perdendo as esperanças. Você era o bebê mulato mais lindo desse mundo. E continua sendo. Nunca iríamos te abandonar por isso...

– Mas e a mãe, onde ela está?

– Junior, meu filho... – seu pai disse, abaixando a cabeça. – Sua mãe, depois que você foi dado como desaparecido, fez de tudo para te encontrar. Ela chorava muito pelos cantos da casa. Às vezes eu a pegava falando sozinha. Achava que ela estava ficando louca. Dizem que a gente só sente falta quando perde, e isso é verdade. Eu ainda consegui ser forte. Mas ela não. – Sr. Antônio fez um momento de silêncio, depois continuou. – O desespero e a tristeza foram tão grandes que ela parou de trabalhar no milharal, de frequentar a igreja, de fazer as coisas de casa e de se alimentar. Parecia que uma parte dela também tinha sumido. Eu tentei muitas vezes reanimá-la, mas não adiantou. Ela chamava por você dia e noite pela casa, em suas orações, pedidos e até telefonemas que dava sem discar número algum.

– Mas o que aconteceu com ela, pai? Por favor, me conte logo! – Junior já estava preocupado.

– Ela começou a adoecer. Depois de alguns anos, ela já estava muito doente. Os médicos mandaram levá-la a um médico da cabeça e depois

fazer alguns exames, mas nunca havia nada. Falaram que era tudo “psicomáticos”. Ou alguma coisa assim.

– Não, pai, não fala isso... – Junior se preparou para o pior.

– Sim, meu filho. O doutor disse que ela ficou tão triste com sua perda que começou a ter doenças que não existiam. Mas que a cabeça dela acreditava que tinha. Eu nunca tinha escutado algo assim – tomou um pouco de água, depois continuou. – Lembrei, era tudo psicossomático! Isso, essa era a palavra. Aos poucos, a tristeza foi tão profunda que ela começou a ficar doente. A mente começou a gerar, sozinha, várias doenças.

Junior então começou a chorar. Sr. Antônio continuou.

– Foi difícil, meu filho. Foram os dias mais tristes da minha vida. Meu único filho estava desaparecido e minha amada morrendo sem eu poder fazer nada.

Sr. Antônio também voltou a chorar. Depois continuou.

– Até que um dia aconteceu... Era de manhã quando eu acordei e, ao olhar para sua mãe, ela estava olhando para cima com os olhos arregalados. Parecia que ela estava esperando eu acordar para me dizer algo antes de morrer. Eu disse bom dia, mas ela não respondeu. Em seguida, ela virou lentamente o rosto e me fez prometer que eu o encontraria e lhe pediria o seu perdão. Que ela estava indo, mas que precisava muito ser perdoada.

Junior, que já estava chorando, começou a chorar mais ainda. Seu pai, muito emocionado por se recordar daquela triste cena, continuou com dificuldade:

– Mas isso não foi tudo o que ela disse antes de morrer naquela manhã. As últimas palavras de sua mãe, depois de quase 15 minutos agonizando na cama, ao meu lado, foram: “Diga ao nosso filho que eu o amo muito!”

Neste momento, Sr. Antônio chorou mais ainda. Junior, escutando que sua mãe o amava e que tinha feito questão de dizer isso antes de morrer, começou a gritar, sentindo a dor seca no estômago pela perda de sua mãe.

– Não, pai, não... por favor... diga que tudo isso não aconteceu... – ele entrou em desespero.

Seu pai se levantou, sentou-se ao seu lado e o abraçou fortemente, tentando consolá-lo.

– Seja forte, meu filho. Os médicos de cabeça não sabiam o que fazer. Falaram que ela não estava reagindo com sua perda – disse o pai, tentando confortá-lo.

– Como isso foi acontecer? Minha mamãezinha querida? – Junior gritou, esperneou e chorou muito se recordando de sua amada mãe, de todas as manhãs em que ela havia lhe servido o café da manhã, levado para a igreja, ensinado a orar, a ter bons costumes e a ser um homem direito. Não, aquilo não estava acontecendo.

Por causa da terrível notícia, Junior ficou em estado de choque por vários minutos. Seu pai, que durante toda a vida não havia demonstrado sentimentos, conversado muito com o menino ou lhe dado afeto, agarrou-o com toda a força do mundo, tentando acalmar seu filho diante da trágica notícia. Em seguida, quando Junior ficou mais calmo, Sr. Antônio se levantou e foi preparar alguma coisa para ele comer.

– Venha aqui, meu filho. Você deve estar com fome!

Junior se levantou e, ainda atordoado, o seguiu até a cozinha. Enquanto seu pai lhe preparava um lanche, ele olhou aquele velho franzido imaginando o quanto ele devia se sentir só naquela casa sem ele nem sua mãe por perto. Até que, para quebrar o silêncio, Junior puxou assunto:

– Sabe, pai, de lá da fazenda, eu fugi e fui para...

– Não, Junior! Por favor. Não me conte nada! – interrompeu seu pai bruscamente. – Depois de fugir de lá, você fez o que fez. Mas agora está aqui e nada do que aconteceu neste período importa!

Junior ficou confuso. Seu pai continuou, sem olhar para ele.

– O que importa agora é que você voltou para casa! Está curado! É um novo homem e vai ajudar seu pai com essa terra abençoada que Deus nos deu de presente! – disse ele calmamente, enquanto terminava de fazer o lanche.

Junior ficou ali, imóvel, sem saber o que fazer ou falar. Ele tinha realmente escutado aquilo de seu pai? Mas ele não tinha perdoado? Esquecido tudo? Não estava feliz por vê-lo? Então seu pai interrompeu seus pensamentos e continuou a falar:

– Amanhã vamos ao túmulo de sua mãe. Você vai levar flores e vai dar o perdão para que ela possa descansar em paz lá no reino de nosso Deus todo poderoso. Amém?

– Amém! – respondeu ele, depois de alguns segundos em silêncio.

Seu pai o abraçou, foram até seu antigo quarto e arrumaram as coisas para que ele pudesse passar a noite ali. Antes, Junior mandou uma mensagem para Gabriel dizendo que tudo estava bem. Gabriel, que estava

acordado, respondeu e disse para ele não deixar de mandar notícias, e que também estava tudo bem com eles em São Paulo.

0521001305001301192021180215001721011905002015041519001519000
4090119001605141901140415000513002215030500050020051408150013
2109201500130504150004050021130004090100091919150018151201180
0051420180500141519000415091900050005192018010701180015001905
1420091305142015001621181500172105001909142015001615180022150
3050014011500190509001500172105000601260518001915001905090017
2105002005001721051815000500200500172105181500160118010019051
3161805000115001305210012010415

OceanofPDF.com

0521001305001301192021180215001721011905002015041519001519000
4090119001605141901140415000513002215030500050020051408150013
2109201500130504150004050021130004090100091919150018151201180
0051420180500141519000415091900050005192018010701180015001905
1420091305142015001621181500172105001909142015001615180022150
3050014011500190509001500172105000601260518001915001905090017
2105002005001721051815000500200500172105181500160118010019051
3161805000115001305210012010415

CAPÍTULO 17

Vários sentimentos distintos atordoavam Junior naquela madrugada em Capão Bonito. Era felicidade por estar de volta ao seu lar, confusão por seu pai não querer saber sobre seu passado e tristeza pela morte de sua mãe. Ele não esperava sentir tanta coisa diferente ao mesmo tempo. Em sua mente, antes de chegar até lá, ou seus pais o acolheriam totalmente, sem preconceitos, querendo saber tudo de sua vida, ou eles o ignorariam, fazendo-o voltar para casa mais cedo do que planejava. Mas não aquilo. Sem falar nas cartas que ele nunca recebera enquanto estava internado na fazenda. Mais um sentimento diferente que começou a ocupar sua alma. “Como pode?”, pensou, revoltado. “Será que o pastor Elias ficou tão apaixonado por mim a ponto de nos enganar, evitando que eu e meus pais mantivéssemos contato? Desgraçado! Precisava de tudo isso para me manter preso naquele lugar? Meu Deus, parece que tudo isso é um pesadelo. Parece história de filme, cena de novela ou um daqueles livros de histórias do Leandro. Se eu contar a alguém, ninguém vai acreditar que tudo isso me aconteceu.”

Junior, sem ter o que fazer naquele quarto, pegou o livro que havia ganhado, leu alguns capítulos e pegou rapidamente no sono, só acordando no domingo.

Logo nas primeiras horas do dia, Junior escutou o galo cantar. Os pássaros também faziam barulho. Fazia tempo que ele não acordava em um ambiente assim. Ele então se levantou e foi até a cozinha, onde encontrou seu pai.

– Bom dia, filho! Estou preparando nosso café. Vamos comer e ir ao túmulo de sua mãe.

– Tudo bem, vamos sim! – ele respondeu, sonolento, enquanto olhava pela janela e sentia o agradável cheiro de mato, típico da região interiorana em que a casa de seus pais se encontrava.

Os dois tomaram café e, em seguida, foram até a cidade. Compraram flores e se dirigiram ao cemitério. Sr. Antônio fez questão de pegar a Bíblia antes de sair de casa. No caminho, disse que eles iriam também para a igreja orar à noite. Junior, que sabia que estava só de passagem e que deveria estar em São Paulo na segunda-feira de manhã para ir ao terapeuta e depois procurar emprego, ficava pensando em como contar ao seu pai que ele era apenas uma visita. Mas aquele não era o momento. Ainda não.

Quando chegou ao cemitério, Junior, que estava muito triste pela morte de sua mãe, foi até o túmulo indicado por seu pai com as flores na mão e ficou horrorizado com as condições do lugar. Era tudo muito estranho. Ao chegar no cemitério, tinha visto lápides enormes, algumas estátuas e construções maravilhosas de famílias. Ingenuamente, ele imaginou que sua mãe também estaria enterrada em um lugar bonito como aquele. Afinal, era sua mãe, isto é, a pessoa mais importante do mundo. Mas quando seu pai apontou o lugar em que ela fora enterrada, o choque foi grande, tanto que ele não conseguiu disfarçar.

– Pai, a mãe está enterrada ali?

– Sim, meu filho... – seu pai percebeu que ele não havia gostado do lugar. – Foi tudo o que consegui fazer – o pai ainda tentou se justificar. – Eles cobram muito caro por um pedaço de terra no cemitério. Se não tiver dinheiro para pagar, eles enterram as pessoas em qualquer lugar e, depois de algum tempo, eles desenterram, juntam os ossos e jogam em gavetas, como se fossem depósitos. Não se preocupam nem um pouco com o fim deles. Se os ossos se misturam ou se perdem com o tempo, para eles, tanto faz. Mas eu fiz de tudo para que sua mãe tivesse pelo menos um lugar digno para descansar em paz. Não tem luxo, mas este espaço é dela. Ninguém mais pode ser enterrado aqui.

– Mas quando alguém morre, a pessoa não é enterrada sem precisar pagar? E aqueles monumentos enormes e estátuas que vimos no meio do cemitério?

– Quando alguém morre, se não tiver dinheiro, é enterrado em qualquer lugar e acontece o que eu falei. Os ossos são jogados por aí. Não sei como funcionam todos os cemitérios, talvez alguns sejam diferentes. Mas os que conheço são assim. E aquelas estátuas e grandes monumentos são de famílias ricas. Um lugar daqueles, mais simples, custa quase o preço de dois carros novos de aluguel por mês. Só quem tem muito dinheiro é enterrado naqueles lugares – lamentou-se o pai. – Pobre é pobre, meu filho, até depois de morto.

Junior suspirou. O lugar em que sua mãe estava enterrada era mesmo muito simples. Apenas uma lápide com o nome escrito e, logo acima, uma porção de terra com alguns capins crescendo. Seu pai explicou que até isso eles cobravam. Por isso ele, todos os meses, ia visitar sua esposa, carpir e arrumar seu túmulo. Junior pediu um momento para seu pai. Ele queria ficar a sós com a mãe.

O pai se afastou, ele se ajoelhou, colocou as flores em cima do túmulo e começou a conversar baixinho com ela.

– Minha mãe querida... Se eu soubesse que isso ia acontecer, que eu estaria longe de casa quando a senhora mais precisava de mim, eu jamais teria feito tudo o que eu fiz, mãe... nunca... Foi por causa deste pecado que eu fui tirado de vocês... – Junior voltou a chorar. Depois de um tempo, ele continuou. – Mas sabe, mãe, muita coisa me aconteceu desde então. E todos estes dias eu senti muita falta da senhora e do pai. Muita mesmo. A senhora foi muito dura comigo naquele dia, me dando comida como se eu fosse um animal qualquer, como se eu fosse um lixo. Depois me deu as costas e entrou em casa... Mas, como a senhora me ensinou, Deus nos deu o dom do perdão... E eu te perdoo. Eu te perdoo, minha mãe querida. Eu sei que a senhora só fez tudo aquilo porque estava com raiva. Eu entendo, minha mamãezinha querida.

Mais uma vez, Junior chorava de soluçar, não saindo mais nenhuma palavra de sua boca. Ele ficou ali, parado, por vários minutos, até que seu pai, vendo o estado do filho, se aproximou, colocou a mão em seu ombro e pediu que eles fossem embora. Junior se levantou, olhou mais uma vez o túmulo e disse mentalmente: “Mãe, eu te perdoo. Descanse em paz! Eu te amo!”

Os dois voltaram para casa em silêncio. Não tinham o que falar ou o que conversar. Mesmo porque Junior jamais imaginava encontrar aquela situação. Quando chegaram em casa, seu pai fez almoço e eles passaram a tarde toda no milharal. O pai, tentando distrair o rapaz daquela notícia triste, falou sobre a plantação, as colheitas, os ajudantes e tudo o mais que poderia dizer do lugar. Junior escutou tudo e, por mais que a intenção de seu pai fosse distraí-lo, tudo acabava lembrando Ronaldo e, principalmente, sua mãe.

Quando a noite chegou, seu pai pediu que ele tomasse um banho e vestisse uma de suas roupas para irem à igreja orar. Junior não comentou que ele tinha parado de frequentar a igreja, mas, mesmo assim, foi junto com seu pai. Quando chegou, com o culto já começando, Junior tentou se recordar de algumas pessoas. E conseguiu. Mas não eram pessoas com quem ele mantinha contato. Quando o pastor começou a falar, ele perguntou ao seu pai:

– Mas quem é ele? – Junior olhou para o pastor.

– É o novo pastor!

– Mas e o pastor Silas?

Sr. Antônio ficou pensativo. Em seguida contou ao rapaz:

– A Maiara, a filha do pastor Silas, lembra? Quando ficou mais velha, contou à mãe dela o que o pai fazia com ela escondido – disse ele, constrangido.

Junior, já sabendo o que ele fazia, decidiu não perguntar ao pai, dando a entender que ele já imaginava se tratar de sexo. Em seguida, seu pai continuou.

– A cidade inteira não acreditou. Foi um escândalo gigantesco. Sua esposa quase o matou. Depois de poucos dias, ele foi preso. Muita gente tentou ir à delegacia. Eles levaram pedras e pedaços de pau para bater nele. Queriam um linchamento em praça pública. Mas as autoridades não deixaram. O risco era tanto que ele foi transferido para um presídio em outra cidade. Foi quando este novo pastor ocupou seu lugar.

– E a Maiara? – Junior perguntou, preocupado com a garota.

– Ela e a mãe ficaram tão envergonhadas com tudo que venderam a casa e se mudaram para Salvador, indo morar perto dos parentes. Nunca mais tivemos notícias.

– Nossa... – Junior ficou mesmo espantado com a história.

– É, meu filho. A gente imaginava que ele fosse um homem santo. Um homem de bem. E esta notícia caiu como uma bomba. Ele até pediu demissão do cargo de vereador dias antes de ser preso. Ele sabia que isso arruinaria seu trabalho. Principalmente com Deus.

– Não sei o que falar, pai. Fico preocupado com a Maiara.

– Não fique. Dizem que ela está muito bem, não teve sequelas ou problemas. Formou-se em jornalismo, casou-se, teve filhos e é dona de uma empresa de marketing e comunicação.

– Que bom, meu pai. Que bom.

– Pois é, foi uma história triste e vergonhosa. Talvez a segunda de nossa cidade!

Seu pai não falou diretamente, mas deu a entender que a primeira história triste e vergonhosa era a de Junior, quando ele foi pego tentando dar a bunda para o Ronaldo. Junior tentou prestar atenção ao culto, mas só se recordava das últimas palavras de seu pai, “história triste e vergonhosa”.

Quando o culto terminou, eles voltaram para casa e seu pai falou o quanto ele estava feliz por seu retorno. Disse que, no dia seguinte, eles acordariam cedo e iriam juntos trabalhar no milharal, que tudo voltaria a ser como era antigamente. Junior não sabia como contar ao seu pai que ele estava mesmo só de visita. Porém, o que ele não conseguia engolir era as várias indiretas que seu pai havia dado sobre a sua sexualidade. Ele não quis saber sobre seu passado, citou uma vez que ele estava curado e ainda lhe recordou da história “triste e vergonhosa”.

Junior dormiu mais uma vez em sua antiga casa e, na segunda-feira, antes de seu pai acordar, ele se trocou em silêncio e se arrumou para ir embora. Antes, foi até a cozinha, pegou um pedaço de papel e deixou um recado para seu pai:

“Pai, sei que pode ser difícil para o senhor entender, mas eu tenho uma nova vida, estou morando em São Paulo e estou construindo meu futuro lá. Não tenho nada ainda, estou desempregado, mas tenho um teto e não estou passando fome. Vim apenas como uma visita. Queria te contar tudo o que eu passei e como estou vivendo agora, mas o senhor não deixou. Eu prometo que vou tentar entender. Mas não posso viver aqui novamente, não do mesmo jeito que saí daqui. Minha vida hoje é diferente, e não sei se o senhor um dia irá entender ou aceitar. Parece que não. Mas esta é a minha

nova vida. Estou deixando meu endereço aqui com o senhor. Quando puder, me escreva dando notícias. Eu farei questão de vir visitá-lo novamente. Só quero que saiba de uma coisa, pai. Eu te amo muito! Fique com Deus. Abraço forte de seu filho, Junior.”

Junior deixou o bilhete sobre a mesa e colocou um peso em cima, para que não voasse e sumisse. Em seguida, saiu da casa, se despediu do lugar e dirigiu-se à rodoviária, que ficava no centro da cidade. Quando chegou, comprou a primeira passagem do dia e voltou para São Paulo, sentindo saudades do Gabriel, da Michele, de seus amigos e da agitada cidade grande.

1021140915180005192015210012051404150015001209221815000401001
3011812090016151820150005002001130205130015190004150919001721
0500150012050114041815001301140415210022150305001205180003080
1130104150021181915190016051822051819151900050015180709011900
1209200518011809011900040100201809021500051920152100011301140
4150017210114041500091805131519000519031805220518001415191901
0008091920151809010004050001131518

1021140915180005192015210012051404150015001209221815000401001
3011812090016151820150005002001130205130015190004150919001721
0500150012050114041815001301140415210022150305001205180003080
1130104150021181915190016051822051819151900050015180709011900
1209200518011809011900040100201809021500051920152100011301140
4150017210114041500091805131519000519031805220518001415191901
0008091920151809010004050001131518

CAPÍTULO 18

Assim que chegou em casa, Junior foi ao quarto de Gabriel. Ele estava na cama, só de cueca, com a TV desligada e rabiscando seus números. Fazendo cálculos e mais cálculos que ninguém entendia, talvez nem ele. Ao ver Junior, abriu o maior sorriso.

– Que bom que você chegou, Theus! – raramente Gabriel o chamava assim, só quando estava mesmo muito carente.

– Sim. Foi uma viagem tensa, nem sei por onde começar...

– Vamos lá fazer uma vitamina, daí você me conta!

Gabriel se levantou e Junior percebeu que ele estava levemente excitado. Mesmo assim, desviou o olhar. Em seguida, enquanto fazia a vitamina, Junior contava com detalhes tudo o que acontecera com sua mãe, seu pai, as cartas que eles haviam enviado enquanto ele estava internado e que nunca tinham chegado e outras coisas mais, como a negação de seu pai e o bilhete que deixara para ele.

– Nossa, para o tal Elias não te entregar as cartas nem te passar o telefone, ele deve ter se apaixonado mesmo por você, hein?

– Provavelmente. Não tem outra explicação – Junior refletiu junto, depois continuou – O que eu acho estranho é que me considero muito comum. Não tenho nada de especial, nem bonito eu sou. Sem falar que não tenho dinheiro e só consegui me encontrar graças a você, à ajuda do Leandro com o amigo terapeuta e outras coisas. Se não, eu estaria bem pior.

– Você é especial, sim, Junior. Muito! – Gabriel não conseguiu disfarçar sua admiração. – As pessoas são diferentes e únicas! Eu mesmo

não me vejo mais vivendo longe de você! – soltou, sem pensar muito no que estava dizendo. Ele realmente estava muito carente.

Junior ficou sem reação. Gabriel continuou.

– Toma a vitamina, do jeito que você gosta, com banana, maçã, mamão e aveia.

Junior tomou e Gabriel, sempre mudando de assunto, falou sobre Michele.

– Então, a Michele vai embora daqui a 15 dias. Já conversamos muito. Antes de se mudar, ela quer fazer sua despedida em uma balada com todos os amigos. E disse que você tem que ir junto!

– Nossa, não consigo vê-la sem você, e vice-versa.

– Não se preocupe, ela estará bem. E não iremos terminar totalmente o namoro por conta disso. Combinamos de nos ver de vez em quando. Daí ela vem para São Paulo e passa um final de semana com a gente.

– Que bom! Assim não existe separação! E se ela arrumar outro cara por lá?

– É o risco que todos corremos. Mesmo porque nenhum relacionamento dura tanto.

– Que pensamento ruim é esse, Gabriel?

– São as teorias do Leandro. Ele não encheu você com elas ainda?

– Algumas coisas sim. Sobre relação aberta, sobre a busca do ser humano por sua metade e que, quando encontra, depois de algum tempo, quer mudar, provar carne nova e coisas assim.

– É verdade. Mas eu acho que descobri um jeito de as coisas serem para sempre.

– Como assim, Gabriel? Tem um jeito de as relações serem para sempre? São esses números que você não para de calcular? – Junior sorriu, olhando outros cadernos do Gabriel espalhados pela cozinha.

– Quase isso. Daqui a alguns anos eu te falo se minha teoria é certa. Preciso pesquisar mais!

– Tudo bem.

– Enquanto isso, vamos organizar a balada da Michele. Quero que seja muito especial para todos nós.

– Sim. Será mesmo!

– E logo você estará empregado. E fará uma faculdade, não pode deixar os estudos de lado.

– Eu sei, já estou pesquisando algumas coisas. Gosto da área de Veterinária ou de leis, quem saber fazer Direito. Fiz algumas pesquisas na internet. Pensei até em fazer Psicologia.

– Que bom, já é um começo. Ter cargo operacional é uma coisa, mas persistir nele, não pode. Você é inteligente, pode ir mais longe. Aliás, todos podemos!

– Concordo. Você mesmo é um bom exemplo. Quando te conheci, ganhava pouco. Estudou, fez muitos cursos na área comercial e hoje ganha muito dinheiro. Vai comprar seu terceiro apartamento. Daqui a alguns anos, nem precisará trabalhar. Viverá só da renda dos aluguéis!

– Sim, e aí eu e você poderemos viajar pelo mundo!

– Você e eu? – Junior perguntou surpreso. Gabriel realmente o deixava confuso.

– Sim – Gabriel tentou disfarçar. – Eu, você, seu namorado e minha namorada. Todos juntos.

– Entendi. Bom, vamos sim. Claro!

0815100500211300070118152015002005001209071521000521000409191
9050017210500051801001905210014011315180104150005001721050005
1205001421140301001301091900040522051919050020050012090701180
0190914201500132109201500130119001721051300011301000321090401

0815100500211300070118152015002005001209071521000521000409191
9050017210500051801001905210014011315180104150005001721050005
1205001421140301001301091900040522051919050020050012090701180
0190914201500132109201500130119001721051300011301000321090401

CAPÍTULO 19

Os dias se passaram até que a balada para comemorar a nova etapa da vida de Michele chegou. A pista estava cheia. Michele, Junior, Gabriel, Leandro, Heller, enfim, todos foram. Até mesmo Xande, que, até então, havia jurado nunca mais usar nenhum tipo de droga.

A noite correu perfeita até que Junior avistou, de longe, quem menos podia esperar: Ronaldo! “O quê? Não acredito que Ronaldo está aqui.” Junior olhou de novo e era realmente Ronaldo. Aquele cara safado que ele havia conhecido quando mais novo, que tinha comido o Pedro, levado Junior para o puteiro e toda a história que nós já sabemos. Não acreditando no que estava vendo, Junior seguiu em sua direção.

– Ronaldo, é você? – perguntou Junior, vendo seu amigo sem camisa, com o corpo malhado e um pouco tonto.

– Junior! Caralho! Que porra! Não acredito que você está aqui, meu moleque! – disse ele todo sorridente, com bafo de bebida, quando o reconheceu.

– Sim, sou eu. Eu é que não estou acreditando que te encontrei por aqui – Junior não conseguia disfarçar a felicidade, afinal, fazia anos que eles não se viam.

– Vamos lá fora conversar. Aqui não tem como!

– Sim, vamos sim.

Junior e Ronaldo saíram da pista e foram em direção ao fumódromo. Em seguida, eles começaram a falar sobre tudo o que lhes acontecera até então. Junior contou toda a sua história, sobre Gabriel e sobre sua nova vida. Ronaldo, por sua vez, confiando no antigo amigo, tentou resumir um pouco.

– Pois então, eu e o Pedro fomos para Curitiba. Tentamos saber seu paradeiro, mas nada. O pastor Silas me deu dinheiro e eu resolvi sumir

daquela cidadezinha. Pedro largou minha prima, arrumou outra mulher por lá e se casou – Ronaldo acendeu um cigarro. – Ele disse que não queria mais nada entre homens. Vai entender.

– E você?

– Eu vim para São Paulo. Tentar a sorte grande. Comer umas mulheres. Meter em alguns caras. Nada demais.

– Você continua safado!

– Sim, muito. Coloca a mão no meu pau, está muito duro! – falou Ronaldo, pegando no pênis.

– Para com isso!

– Você é quem sabe. Se quiser, vamos ali no banheiro. Todo mundo mete em banheiro de balada. Vamos?

– Não, nem pensar. Está louco?

– Nada, é tranquilo. Mas se você não quer, não faça nada que não queira! – ele sempre repetia isso. Em seguida, desconversou. – Enfim, e o seu amigo, Gabriel o nome dele, não? Nome de anjo!

– Sim, praticamente um anjo. Eu não seria nada sem ele – suspirou Junior. – Deve estar na outra pista com a Michele, daqui a pouco ele aparece me procurando. Não posso ficar muito tempo longe que ele me procura.

– Fica no seu pé?

– É, digamos que ele cuida de mim. E eu gosto. Me sinto protegido – Junior sorriu.

– Entendi.

Naquele momento, apareceu um cara e falou algo no ouvido de Ronaldo, que, disfarçadamente, tirou algo do bolso e entregou em sua mão. O cara olhou para os lados, deu dinheiro para Ronaldo e saiu. Foi então que Gabriel apareceu, junto com Michele.

– De onde você o conhece? – perguntou Gabriel, sem se dirigir a Ronaldo.

– É o Ronaldo! Lembra que te contei sobre ele?

– Sim, lembro sim. Vamos embora? – Gabriel seguiu sem cumprimentar Ronaldo.

– Aconteceu algo? – Junior estranhou.

– Não aconteceu nada! Só quero ir embora. Vamos?

– Tudo bem, vamos.

Junior se despediu de Ronaldo, pegou seu telefone e combinaram de se ver no dia seguinte. No caminho, dentro do táxi e na presença de Michele, Gabriel não se conteve e soltou:

– Não sabia que o Ronaldo de que você falava era ele, Junior.

– Por quê? Você o conhece?

– Eu não gosto dele. Outra hora te conto. Vamos embora, esse cara acabou com a minha noite!

0514200115001021140915180015001721050005210017210518090100200
5000409260518000500172105000521002005000113150013011900010914
0401001401150016151919150020150415001805120103091514011305142
0150003151305030100050020051813091401000500150014151919150005
2100172105181500172105001905100100160118010019051316180500052
1001915001401150020051408150003051820052601000405000315131500
0601260518000512050006090301180016180100190513161805000521000
5191605181500172105002215030500051420051404010005000609172105
0013051913150003151309071500190513161805

OceanofPDF.com

0514200115001021140915180015001721050005210017210518090100200
5000409260518000500172105000521002005000113150013011900010914
0401001401150016151919150020150415001805120103091514011305142
0150003151305030100050020051813091401000500150014151919150005
2100172105181500172105001905100100160118010019051316180500052
1001915001401150020051408150003051820052601000405000315131500
0601260518000512050006090301180016180100190513161805000521000
5191605181500172105002215030500051420051404010005000609172105
0013051913150003151309071500190513161805

CAPÍTULO 20

As semanas se passaram e Junior não conseguia entender como o telefone do Ronaldo havia sumido de sua agenda do celular. Como Gabriel não falou mais nada sobre ele, Junior resolveu também não tocar no assunto. Michele já havia viajado e os dois só se falavam por telefone. Em uma noite, assim que Gabriel chegou do trabalho, Junior começou a conversar sobre o dia a dia e, como quem não quer nada, perguntou.

– E o Ronaldo? Lembra-se do Ronaldo?

– O que tem ele?

– Queria conversar com ele, mas o telefone que anotei sumiu da minha agenda. É muito estranho ter sumido, não?

– Se você anotou, deve estar aí em algum lugar – disse Gabriel, que havia deletado o telefone naquela mesma noite sem Junior perceber.

– Ele me contou um pouco sobre sua história. Eu nem imaginava que ele morava por aqui. Vamos para a balada ver se o reencontramos? Queria muito falar com ele.

– Tudo bem, vou falar de onde eu conheço o Ronaldo. Ok?

– Sim, tudo bem.

– Sente-se. A história não é muito agradável.

– Pode falar.

– Então, ele é um *dealer* famoso por aqui.

– *Dealer*?

– Sim, *dealer* é um nome bonitinho para traficante de drogas.

– É por isso que você não gosta dele? – perguntou Junior, incisivo.

– Não exatamente por isso. Mas você se lembra do dia em que nos conhecemos? Depois que você me trouxe para o apartamento?

– Sim. Lembro sim. Você ficou me encarando logo após o banho.

– Isso mesmo. E fiquei te olhando. Falei que você lembrava um amigo que havia falecido em um acidente de carro – Gabriel suspirou, querendo chorar. – Mas não foi um acidente de carro que o matou.

– Eu me lembro de você falar algo naquela época. Mas o que tem ele? Você nunca falou sobre ele.

– Sim. E eu esperava nunca ter que falar, mas vamos lá – disse Gabriel com os olhos cheios de lágrimas. – Nós fomos para esta mesma balada em que encontramos o Ronaldo. Naquele dia, eu e ele tomamos ecstasy. Na verdade, a gente tomava todo final de semana.

– Todo final de semana?

– Sim. Morávamos juntos. Nossa semana, aos poucos, passou a ficar desinteressante. Contávamos os dias, as horas e os minutos para que chegasse sempre o próximo sábado para tomar ecstasy novamente. A droga em si não vicia, mas estávamos viciado no comportamento. Nada na semana dava tanta alegria quanto a felicidade sintética. A felicidade comprada. Foi um período ótimo, até perceber o quanto estávamos nos afundando em tristeza e depressão durante a semana.

– Mas e aí, o que aconteceu?

– Uma noite Junior, ele quis experimentar mais coisas e comprou GHB do Ronaldo. É um líquido que você mistura na bebida e aumenta o apetite sexual, dizem.

– É aquele que você me contou que usam para lubrificar motor de avião?

– Esse mesmo.

– Que loucura!

– Sim, mas neste dia eu não quis e ele tomou sozinho. Colocou na bebida, deu dois goles e caiu em coma minutos depois.

– Dois goles? Em coma?

– Apenas dois goles, e caiu bem no meio da pista de dança.

– Credo, que horror.

– Sim. Não sei o que o Ronaldo vendeu para ele, mas não era GHB. Talvez alguma mistura que esse desgraçado tenha feito em casa só para ganhar dinheiro desses otários. E como tudo é ilegal, tem muita gente

vendendo qualquer coisa na noite e dizendo que é algo bom. O outro? Que se foda! – disse revoltado.

– Nossa, não acredito que o Ronaldo tenha feito isso. Ele era um cara tão legal. Apenas safado, mas era legal.

– Então, ele pode ter sido legal no passado. Só sei que meu amigo caiu em seguida. Só deu tempo de levá-lo à enfermaria e de lá para o hospital. Ele morreu no caminho, agonizando, comigo segurando sua mão – Gabriel então começou a chorar. Junior, que nunca tinha visto seu amigo chorar, o abraçou, comovido.

– Sinto muito, Gabriel. Não sabia desta história. E estou surpreso pelo Ronaldo estar envolvido. Para mim, essa história sua era antiga. E você me disse naquele dia que ele havia morrido em um acidente de carro.

– Não, não é história antiga. E eu não pretendia te contar isso nunca – Gabriel chorava igual a uma criança. – Foi quando começamos a curtir a noite. Todo final de semana estávamos lá. Fizemos muitos amigos, pelo menos as pessoas se diziam nossas amigas. Eram tão amigos que não sobrou nenhum. A amizade só existia mesmo enquanto a droga estava na cabeça de todos – Gabriel falava, enquanto se recuperava aos poucos. – Muita gente está morrendo usando drogas, muita gente mesmo. E não só em baladas gays, em tudo quanto é balada! As drogas estão acabando com o mundo!

– Sim, você já me disse isso.

– Pois é, eles só não noticiam – disse Gabriel, enxugando as lágrimas. – O pior de tudo é que não tenho provas para colocar o Ronaldo na cadeia. Como vou provar que a droga veio dele? Não tem nota fiscal, não é algo legal. Entende? Meu amigo morreu por conta de uns trocados! Uns míseros trocados! – Gabriel voltou a chorar muito. – Eu já tentei denunciá-lo anonimamente, mas nunca o pegam. Dealer sempre roda, eles não duram muito, pois a polícia sempre pega. Ronaldo sobrevive, dia após dia, muito provavelmente matando mais gente. E para quê? Para pagar seu aluguel? Levar comida para dentro de casa? Tudo isso é muito ruim, Junior. Muito ruim mesmo!

– Sinto muito, Gabriel. Sinto muito mesmo.

– E tem mais coisas. Soube que ele promove encontros de sexo em vários lugares aqui de São Paulo com casais heterossexuais, onde todos transam sem camisinha.

– Sério? – Junior espantou-se.

– Sim. Já fiz uma pesquisa na internet e achei vários sites dele. Festas temáticas. Até denunciei, mas de nada adianta. Eles vão e criam outros grupos.

– Mas sobre esse lance de sexo sem camisinha, só participa quem quer, não?

– Sim. Cada cabeça, uma sentença. Mas minha mágoa não é por isso. Qualquer um que opte por transar sem camisinha deve assumir a responsabilidade por seu próprio corpo. O Leandro sempre me disse isso. Por isso não se deve confiar em nada nem em ninguém – concluiu Gabriel.

– O que me deixa triste mesmo é a morte do meu amigo tão querido. E por besteira!

– Calma, Gabriel. Calma. Estou aqui do seu lado. Não fica assim!

– Eu sei, mas eu tenho medo de te perder também. Muito medo de que algo aconteça com você e eu volte a ficar sozinho – Gabriel finalmente abriu seu coração.

– Mas já somos bons amigos, não somos?

– Sim, somos. Só que não é esta a questão. Michele foi embora. Leandro e Heller são meus únicos amigos além de você.

– E o Xande?

– O Xande é seu amigo.

– E todas aquelas pessoas nas redes sociais?

– Muitos eu nem conheço. Ficam adicionando, cutucando e mandando mensagens. Eu nem entro lá por causa disso.

– Mas a gente nunca vai se separar – Junior tentou confortá-lo. – Mesmo que eu namore ou você namore, ficaremos juntos para sempre.

– Promete?

– Prometo. Prometo de verdade. E eu não vou mais procurar pelo Ronaldo. Depois do que fiquei sabendo, perdi todo o carinho por ele. Não quero nem amizade.

– Que bom. Ele não é boa pessoa. Por mais bonito que o cara seja, por mais que tenha boa lábia e seja muito inteligente, ele escolheu a forma errada de ganhar a vida. Nossa vida não é só isso, Junior, não pode ser só isso!

Apesar da história triste, Gabriel tentava sempre mostrar ao Junior as coisas boas. Sempre tentava mostrar que a vida na cidade grande não era só baladas. Havia pontos turísticos, bons restaurantes, peças de teatro,

cinemas e uma infinidade de lugares próximos para se visitar, ou até mesmo longe. Que eles poderiam fazer isso por toda a vida, solteiros ou namorando outras pessoas, não importava. Desde que estivessem sempre juntos. A amizade dos dois era tão sincera, forte e intensa que muita gente, quando percebia, não entendia. Na verdade, a maioria, quando via a união dos dois, invejava. E muito.

Mas algo terrível estava prestes a acontecer.

2215030500140115001905000103080100021514092015001301190005210
0010308150022150305001401150019050001030801000914200512090705
1420050013011900052100010308150005210001030815002215030500091
4031809220512001301091900211301002205260005192015210001172109
0004050013010418210701040100200500150219051822011404150005000
5190318052205140415

OceanofPDF.com

2215030500140115001905000103080100021514092015001301190005210
0010308150022150305001401150019050001030801000914200512090705
1420050013011900052100010308150005210001030815002215030500091
4031809220512001301091900211301002205260005192015210001172109
0004050013010418210701040100200500150219051822011404150005000
5190318052205140415

CAPÍTULO 21

- Toma, Junior – disse Leandro, ao visitá-lo no dia seguinte.
- Outro livro, Leandro?
- Sim. Você já terminou o livro da Marli Porto?
 - Sim, terminei, e gostei muito. Quero ler “[Bem-te-vi](#)”, que ela também escreveu... deve ser lindo, não?
 - Ele é incrível. Mas hoje, bom, eu trouxe mais dois livros para você ler. Este primeiro se chama “Cléo e Daniel”, de um amigo psiquiatra que faleceu há alguns anos. Ele era anarquista.
 - E fala sobre o quê?
 - Então, eu não gostei muito do livro, nem de como o autor desenvolveu o enredo. Na verdade, eu não gostei de quase nada. Gosto é gosto! Mas tem algumas sacadas legais nele.
 - Sério? Me conta!
 - Tem uma cena onde a Cléo e o Daniel se encontram apaixonadamente na Praça da República.
 - Aqui em São Paulo?
 - Sim! – Leandro se empolgou. Depois continuou. – Mesmo sendo um casal heterossexual, eles começam a se beijar na Praça da República de forma tão apaixonada que as pessoas que passavam, vendo o amor sincero dos dois, com muita inveja do amor que não possuem na vida, começam a apedrejá-los de raiva.
 - Nossa!
 - Sim, a inveja pelo amor do outro é tão forte que as pessoas não conseguem se conrolar. É uma cena absurda mas verdadeira. As pessoas sentem muita inveja de casais que se amam! Gosto desta parte porque ele

pega em uma necessidade humana básica e que, às vezes, pode ser terrível, que é amar e ser amado. Ou não amar e não ser amado.

– Eu quero ler!

– Por isso comprei para você. Não é o melhor livro que eu li na vida, mas, como eu disse, tem algo legal nele.

– E o outro livro?

– O outro livro que trouxe é “[Uma história de amor com final feliz](#)”, também de um psiquiatra – Leandro mostrou algumas páginas. – Um pouco do que ele escreveu aqui eu também não gostei, mas ele fala sobre o funcionamento do amor. Porque somos incompletos. E por aí vai. Ele diz que, para uma relação de amor ser feliz, não deve existir relação. Bom, é mais ou menos isso. Espero que você entenda e goste!

– Eu também, Leandro. Obrigado. Mas eu gostei dos livros com temática gay. Tem mais?

– Tem sim. Eu estou lendo dois que comprei no site da Editora Orgástica. Mas não sei se você pode!

– Por quê?

– Um tem contos homoeróticos.

– Contos homoeróticos? O que é isso?

– Tipo contos eróticos, só que entre homens.

– Existem livros assim?

– Claro que existem. Existem livros de todos os tipos e para todos os gostos! – Leandro sorriu. – Eu ainda estou terminando de ler. E são contos muito picantes. O nome dele é “[Ursos Perversos](#)”. O outro que comecei a ler é “[Orgias Literárias da Tribo](#)”. Se for bom, eu compro e te dou de presente também. Eu já li algumas coisas na internet e os dois são muito bons. Este último ganhou inclusive dois prêmios de literatura, um do PapoMix e um da Associação da Parada do Orgulho GLBT de São Paulo, a ONG que realiza a maior parada LGBT do mundo!

– Nossa! Devem ser bons mesmo! Vou querer, sim. Mais uma vez obrigado!

– Imagina. E o Gabriel, já deveria ter chegado, não?

– Sim, daqui a pouco ele chega.

– E a terapia? Como está?

– Estou indo, e o Francisco está me ajudando muito. Eu não sabia que pessoas sem problemas também faziam terapia.

– Fazem sim, para se conhecerem melhor. Na vida, a gente repete comportamentos que aprendemos desde criança. Só uma pessoa de fora consegue analisá-lo e nos ajudar a melhorar. Pena que nem todos tenham condições financeiras de fazer, mas é ótimo. Ainda mais quando se pega um terapeuta bom.

– E quando o terapeuta é gay, melhor ainda, né? – Junior sorriu.

– Como assim?

– O Francisco não é gay? – questionou Junior, confuso.

– Não. Por que você acha isso dele?

– Não sei. Vi que você e ele, assim como outros gays, são amigos em comum no Facebook.

– Ah, o Facebook. Maldito Facebook! – sorriu.

– Por que você diz isso?

– O Facebook engana, Junior. Pior, ele só mostra o grande mundo, que na verdade é pequeno, do seu círculo de amigos. Você cai em uma grande armadilha dentro dele.

– Não entendi.

– Vou explicar. Se você vai a uma balada gay, você faz amizades lá, correto?

– Sim.

– Aí você adiciona no Facebook, certo?

– Sim.

– Então, você começa a interagir com estas pessoas. As pessoas com quem você mais interage, segundo a tecnologia do Facebook, são as pessoas sobre as quais você receberá mais notícias e publicações quando acessá-lo.

– E?

– E aí que mora o perigo. Você fica restrito a este grande, mas pequeno, universo. O universo dos amigos em comum.

– Acho que estou entendendo.

– Sim, o Facebook usa um algoritmo para te mostrar as publicações que mais tem relação com o seu universo. Ou com o universo que ele imagina que seja seu. Se você quer aprender coisas novas, ampliar seus horizontes, tem que tomar cuidado com essa rede social. E também não imaginar coisas, como se o Francisco também fosse gay. Não, ele não é. Embora eu gostaria que fosse. Ele é uma graça, não?

– Sim. É uma graça mesmo! Mas sobre a terapia, ele disse que eu estou indo muito bem. Conteí a ele que fui visitar meus pais, e tudo o que já

havia te contado. Ele disse que isso foi muito bom, pois eu consegui resolver muitas coisas internas. Menos a parte do meu pai, que continua não me aceitando.

– Junior, o grande desejo de todo homossexual, ou da maioria dos homossexuais que conheci, é que os pais os aceitem. Que seus pais os amem, do jeito que são. Só que isso nem sempre acontece, essa é a triste realidade.

– Sim, o Francisco está me ajudando com isso.

– Mas não é porque seu pai ou sua mãe não o aceitam que o mundo acabou. Ou que você tenha que mudar toda a sua vida e seguir a vida que eles acham que você deve seguir. Quem deve escolher é você. Eles te amando ou não, você é quem terá que cuidar de si mesmo. Batalhar por estudo, emprego, cuidar da sua vida e seguir adiante. Nem todo pai ou mãe é amoroso e quer ver seus filhos próximos.

– Sim, eu tenho percebido isso.

– Graças à terapia, obviamente, mas a quantidade de gente perdida neste mundo é muito grande. Muito grande mesmo – suspirou Leandro. – Eu não faço ideia das estatísticas, e nem acredito no que é dito por aí, mas eu suspeito que a quantidade de homens que gostam de outros homens, mesmo com namoradas ou esposas, é absurdamente grande. No meu bairro mesmo, eu sei que uns quatro caras, casados, gostam de homem e suas esposas nem desconfiam.

– Eu imagino.

– E a grande preocupação são estes que não são assumidos. Eles são praticamente bombas-relógio prestes a estourar. Criticam o cara que faz pegação no banheiro, mas, quando não tem ninguém olhando, são os primeiros a chupar alguém escondido lá mesmo.

– Nem me fala. Eu já vi muito isso acontecer.

– Eu e o Heller que o digamos. Nestes anos todos em uma relação aberta, já pegamos vários caras casados. São muitos. E também muita gente interesseira, perturbada ou querendo tirar alguma vantagem de nós dois, até pequenos furtos já tivemos em nossa casa. Por isso não saímos com qualquer um e a qualquer hora. São riscos que não desejamos correr. Sem falar nas DSTs.

– Verdade. E vocês dois, estão bem?

– Sim, estamos bem. Na verdade, começamos a namorar um cara que conhecemos em Florianópolis neste Carnaval. Alias, um dos melhores

lugares e período para o tursimo GLS. Enfim, ele é gente boa, e tem algo a mais que só o sexo entre nós três. Já trocamos alianças. Tudo indica que o namoro vai durar. Já fizemos até planos de comprar uma casa juntos, os três. O problema é que ele vive terminando e querendo voltar a toda hora. Em poucos meses, já terminamos e voltamos várias vezes. E isso às vezes cansa.

– Sério?

– Sério. Eu evito comentar com as pessoas porque, você sabe, se dizer que somos gays já causa uma certa polêmica, imagina dizer que somos gays e namoramos a três? Das duas, uma: ou ficam com inveja, imaginando que role só putaria, o que não é verdade, ou saem por aí criticando pelas costas.

– Pura hipocrisia.

– Sim, e tem muita hipocrisia. Muita mesmo. E como é apenas namoro, tudo pode continuar dando certo ou não. Ninguém sabe – Leandro olhou no relógio. – Mas eu já vou embora.

– Já? Você mal chegou.

– Eu vim trazer seus livros de presente e falar com o Gabriel. Ele falou que precisava conversar comigo pessoalmente.

– Sobre o que iriam falar?

– Não sei. Ele só tem eu de confidente, e mesmo assim ele é um cara muito fechado. Você sabe disso.

– Mas você nem faz ideia? – Junior perguntou, se lembrando da conversa que haviam tido sobre o Ronaldo e seu amigo que falecera.

– Não, só que ele queria dividir comigo uma descoberta. Sobre uma relação que não é relação e que pode se tornar algo para sempre – disse Leandro, rindo em seguida. – Coisa de gente doida. Mas quem sabe, na loucura dele, ele tenha encontrado algo?

– Ou não, né? – Junior também sorriu.

– Sim, ou não. Afinal, a regra para todas as relações, de amizade, afetivas, sexuais, enfim, é a simplicidade, a autenticidade e a transparência. O resto vai rolando com o tempo.

– Verdade. Mas nem todo mundo é sincero, né?

– Não, e não são sinceros com medo de perder o amor do outro. O medo é sempre este, perder o outro. Mesmo que o outro seja só um amigo.

– Eu imagino que sim.

– No consultório mesmo, estou atendendo uma jovem que é HIV positiva. Ela pegou do ex marido, que transava com várias mulheres sem ela saber. Porém, ela toma a medicação, os antirretrovirais, e isso faz com que a carga viral dela seja baixa, isto é, indetectável. Resumindo, mesmo que ela transe com outras pessoas sem camisinha, como a carga viral é indetectável graças à medicação, as chances de ela transmitir o HIV para outras pessoas são muito baixas, quase raras – Junior ficou espantado com a informação. Leandro continuou. – Pelo que li, e eu posso estar errado porque não sou médico e nem especialista em infectologia, não existem estudos de casos de gente que tome antirretrovirais e tenha transmitido o HIV aos seus parceiros. Mesmo assim, ela reluta em contar a verdade para seu atual namorado, por medo de perder seu amor.

– E eles transam sem camisinha?

– Há seis anos. Como ela ficou preocupada, pediu para ele fazer exames. Afinal, se ele pegou, deve começar o tratamento. Assim, não corre risco de morte por doenças oportunistas e pode ter uma vida tão saudável quanto qualquer outra pessoa.

– E ele pegou HIV dela? Transando tanto tempo sem proteção?

– Não. Felizmente não. Ele não pegou nada. O problema é que ele pediu para ela fazer também, preocupado com ela.

– Nossa, imagino o desespero dela.

– Sim, pois ela já sabe que tem, mas nunca contou. E estava aliviada porque o risco de ela transmitir é baixo.

– Mas, neste tempo todo, ela não contou por quê?

– Por medo de peder o amor. Justamente o que eu estava te falando. Claro, o caso é um pouco complexo. Ele disse, logo no início, que não gostava de camisinha. Ela insistiu. E aconteceu de transarem sem. Mas a maioria dos outros namorados que ela teve desapareceu por preconceito depois que ela contou. Qualquer um, por medo, preconceito ou instinto de sobrevivência, simplesmente desaparece.

– Mas isso é errado.

– Concordo. E esse é o dilema. Contar e o cara ir embora ou não contar e ele ficar? Se ela tivesse o HIV e não tomasse medicação, e infelizmente muita gente tem e não toma porque não sabe que tem, a probabilidade de ela transmitir seria alta, pois sua carga viral seria grande.

– Eu tenho muito medo de pegar doenças – disse Junior sem pensar.

– Óbvio. Quem gosta de ficar doente? Ninguém! Só que existe muita falta de informação. O jeito é se prevenir. Ou, se fizer sem com qualquer pessoa, mesmo a mais puritana, deve entender que o risco é sempre seu por não ter usado. Deve-se assumir sozinho a responsabilidade pelo que se faz com seu próprio corpo e nunca culpar o outro por pegar qualquer tipo de doença. Se você optou por transar sem camisinha, o risco é sempre seu. Logo, não se arrisque e use camisinha sempre! Prevenção é sempre o melhor remédio e você nunca perde nada por isso!

– É verdade – Junior suspirou.

– Mas para encerrar o assunto, quando puder, pesquise o blog de um cara chamado Jovem Soropositivo. Tem muita informação relevante lá. Casos que ele cita, médicos e estudos. Inclusive este de que quem tem HIV e toma remédio, por conta de a carga viral ser indetectável, é mais difícil transmitir. Do blog dele, dá para pegar as referências e fazer novas pesquisas. Assim, você não acha que ele inventa as coisas.

– Obrigado pelo exemplo – Junior bocejou. O assunto, para ele, começou a ficar chato.

– Mas já vou indo. O Gabriel deve ter passado em algum lugar. Já deveria estar aqui, né? Por favor, avise a ele que eu vim e que eu voltarei outro dia. Pode ser?

– Pode deixar. E não se esqueça daqueles dois outros livros que me prometeu.

– Sim, “[Ursos Perversos](#)” e “[Orgias Literárias da Tribo](#)”. Pode deixar. Vou terminar de ler e, se forem tão bons quanto me disseram, compro e te dou de presente. Até breve.

Leandro foi embora. Junior olhou para o relógio e começou a se perguntar onde estaria Gabriel naquele momento. Foi então que aconteceu algo que ele jamais imaginara.

1905180100172105002113000409010001120721051300091801000405031
5040906090301180020150415190005192005190003150409071519000500
0405190315021809180013052100071801140405001905071805041500102
1140915180020051408150013210920150013050415001721050009191915
000103151420050301

1905180100172105002113000409010001120721051300091801000405031
5040906090301180020150415190005192005190003150409071519000500
0405190315021809180013052100071801140405001905071805041500102
1140915180020051408150013210920150013050415001721050009191915
000103151420050301

CAPÍTULO 22

- Por favor, o senhor Prometheus Romualdo Amante Junior.
- É ele, quem deseja? – questionou Junior ao telefone.
- Meu nome é Fátima. O senhor é parente do Gabriel Silva Ferreira

Viana?

- Não somos parentes, apenas moramos juntos.
- Preciso falar com algum parente dele! – interrompeu ela.
- Os parentes do Gabriel moram no Panamá. Por quê? Aconteceu

algo?

– Sim. Ele acabou de ser internado na UTI. O estado dele é grave. Só um momento, por favor. – disse ela, enquanto ele já entrava em desespero. – Bom, como ele não tem alguém mais próximo que você, pode vir até aqui, por favor? É que encontramos seu telefone na carteira dele como contato de emergência.

- Sim, claro que sim. Mas o que aconteceu?

– Não temos autorização para falar ao telefone. Venha o mais rápido possível, por favor.

A mulher passou o nome do hospital e o endereço. Ficava perto da multinacional farmacêutica em que Gabriel trabalhava. Junior, com a frase dela em sua cabeça, “o estado dele é grave”, tratou de ir logo ao seu encontro.

Quando Junior chegou ao hospital, ao dar o nome do Gabriel, teve que preencher uma ficha enorme com vários dados, até que foi atendido por um médico.

– Boa noite. Você é o Prometheus? – o médico estranhou seu nome ao ler a ficha que ele havia preenchido.

- Sim, sou eu, onde está o Gabriel? O que aconteceu com ele?

– Junior, segundo consta aqui, ele estava trabalhando normalmente quando desmaiou. Ele se recuperou e o levaram para a enfermaria da empresa. Lá, enquanto estava sendo atendido, Gabriel desmaiou novamente. E desta vez, por um período muito grande.

– O que isso quer dizer, doutor?

– Quando alguém desmaia, o fluxo sanguíneo no cérebro é interrompido por um breve período. A visão escurece e a pessoa perde a consciência. Depois volta rapidamente. O problema é, definitivamente, quando o desmaio é longo. Com a perda do fluxo sanguíneo, o cérebro fica sem oxigênio, o que pode acarretar sequelas irreparáveis.

– Não acredito! Onde ele está? Eu preciso vê-lo! – Junior já estava entrando em desespero.

– Acalme-se. Neste momento, ele passa pela segunda cirurgia – disse o médico, esperando o melhor momento para contar o pior.

– Segunda cirurgia?

– Sim. O convênio dele é um dos melhores, poucos têm acesso a este hospital. Mas não podemos fazer milagres. Quando ele chegou aqui, a primeira coisa que fizemos foi um exame de sangue. E foi detectada leucemia aguda.

– Leucemia? O que é isso?

– Câncer. Câncer no sangue.

– Mas isso não dá em criança?

– Não, adultos também têm. Existem vários tipos, e a dele é aguda. Muitas vezes aparece do nada e de uma forma muito agressiva. Infelizmente, a que o Gabriel tem é o tipo mais grave. Não existem estudos que apontem para um motivo específico. E, para piorar, na maioria dos casos não se encontra um doador compatível a tempo.

– Meu Deus. Não acredito nisso! – Junior começou a chorar.

O médico, humano, mas acostumado a dar notícias daquele tipo, apenas observava. Junior chorava de soluçar. O médico esperou ele se acalmar. Quando viu que poderia prosseguir com a conversa, perguntou:

– E os parentes dele?

– Eles moram no Panamá, doutor. É uma família muito rica, são políticos lá. Gabriel, quando mais novo, veio ao Brasil fazer estágio, gostou daqui e resolveu ficar. Seus pais não gostaram. Falaram que se ele ficasse, seria por sua conta e risco. Ele decidiu ficar. Daí eles apenas se falam por

telefone, e vez ou outra ele vai para lá, visitá-los. Eles não gostam do Brasil.

– Entendo, mas é primordial que eles saibam! Mesmo porque, a doação poderá vir deles, ainda mais se eles possuem recursos.

– Deve ter o número deles em algum lugar lá no apartamento, vou procurar. Mas antes preciso ver o Gabriel.

– Ele não vai poder receber visitas tão cedo. Infelizmente, não sabemos o que este último desmaio afetou. Como está tarde, pode dormir no quarto dele que o convênio cobre. Mas ele não irá para o quarto tão cedo. O estado dele, neste momento, é mesmo muito grave.

– Doutor, como é possível isso? Ele estava bem, esbanjando saúde. Do nada acontece isso?

– Pois é, são as fatalidades da vida. Eu trabalho em hospital há anos. Se as pessoas tivessem mais consciência da morte, que pode acontecer a qualquer momento e para qualquer um, talvez elas fossem mais felizes. Talvez elas vivessem o hoje como se não houvesse o amanhã.

O médico, com muita experiência, sabia exatamente o que estava falando. Milhares de pessoas morrem todos os dias e muitos pelas coisas mais absurdas. Um vizinho dele, um garoto de 10 anos, havia falecido havia poucos meses engasgado com um gole de suco de laranja. Seu organismo havia entrado em colapso, o jovem parou de respirar e seu cérebro simplesmente parou de funcionar. Tragédias existem aos milhares e todos nós estamos constantemente suscetíveis a elas.

Junior agradeceu a atenção e foi para o quarto reservado a Gabriel. De lá, ele fez ligações para Michele, Leandro, Heller e também Xande. Ninguém acreditava que isso estava acontecendo com Gabriel, rapaz tão querido por todos. Porém, a Xande, Junior pediu que passasse no apartamento deles, já que ele tinha uma cópia da chave, e pegasse um dos cadernos de anotações do Gabriel. Lá, ele tinha quase certeza, estaria o telefone dos pais do Gabriel.

Por volta das quatro horas da manhã, Junior, que dormia preocupado e muito desconfortável naquele hospital, foi acordado com a equipe médica levando Gabriel para o quarto, ainda inconsciente e cheio de acessos presos em suas veias para a entrada de medicação.

– Como ele está? – perguntou Junior assim que eles entraram.

– Ele está bem – disse um dos médicos que acompanhava a equipe.
– Mas precisa descansar. Pelos sedativos, ele não irá acordar tão cedo, e só quando ele acordar veremos o que pode ter sido afetado ou não em seu organismo – continuou o médico, enquanto a equipe tirava Gabriel da maca e o colocava na cama do quarto, ao lado da cama de visitantes.

– Tudo bem.

– Você é parente dele?

– Não, amigo.

– Tudo bem. Aqui tem um botão. Se ele acordar ou acontecer qualquer coisa, por favor, aperte-o. Temos uma enfermeira de plantão. Se houver qualquer reação dele, avise! – disse o médico enquanto ele e a equipe saíam do quarto.

Junior ficou ali, olhando o amigo, sem acreditar no que estava acontecendo.

– Gabriel, Gabriel, pode me ouvir?

E nada de ele reagir.

– Gabriel, se estiver me escutando, saiba que você irá sair dessa! – Junior segurava a mão de Gabriel e, com a outra mão, acariciava seu rosto.
– Vamos sair dessa juntos! Não se preocupe! Estou aqui do seu lado! – dizia ele, ainda segurando fortemente a mão do amigo.

Os minutos se passaram e Junior, naquele quarto, começou a ficar com sono. Até que resolveu dormir.

0519201521001721011905002005181309140114041500010016152116011
4030100040100192101000601032112040104050003151315000521000701
1408150013010919001401150022051015001618150212051301190005130
0200500161805190514200501180003151300051920210415190005192015
2100011721090016011801000321090401180004050022150305001615180
0201504010001001415191901002209040100172105001905100100160118
0100190513161805

0519201521001721011905002005181309140114041500010016152116011
4030100040100192101000601032112040104050003151315000521000701
1408150013010919001401150022051015001618150212051301190005130
0200500161805190514200501180003151300051920210415190005192015
2100011721090016011801000321090401180004050022150305001615180
0201504010001001415191901002209040100172105001905100100160118
0100190513161805

CAPÍTULO 23

- Bom dia! – a enfermeira entrou no quarto logo cedo.
- Bom dia! – respondeu Junior, abrindo os olhos assustado.
- E ele? Como está?

Junior olhou para seu amigo. Gabriel, felizmente, abriu seus olhos lentamente.

– Gabriel! Gabriel! Não acredito que está bem! Fale comigo, meu amigo!

Gabriel, virando lentamente seu rosto em direção a Junior, tentou abrir a boca, mas não conseguia falar uma palavra. Junior viu seus olhos cheios de lágrimas, provavelmente por ter visto Junior ao seu lado. Ele realmente queria falar algo, mas não conseguia. A enfermeira, vendo aquilo, falou:

– Não tente falar, Gabriel! Você passou por cirurgias complexas. Precisa descansar. Feche os olhos.

– Gabriel, entendendo o que ela dizia, olhou para Junior e, lentamente, voltou a dormir.

– Ele ficará bem, não se preocupe! – disse ela, olhando para Junior.

– Não consigo não me preocupar. Ele é praticamente tudo o que eu tenho nesta vida.

– Vocês são amigos?

– Sim, muito amigos. Ele cuida muito de mim, e eu dele.

– Isso é muito bom. Amizade assim é difícil hoje em dia.

– Sim. Ele vai ficar bom?

– Claro que vai! – disse ela, que repetia aquilo para todo mundo, independentemente da doença e da sua gravidade.

– Assim espero!

– Vamos. O café da manhã para acompanhantes não é servido no quarto, você precisa ir até o refeitório e, se demorar muito, ficará sem comer, pois eles encerram o serviço muito cedo.

– Tudo bem. Vou aproveitar e ligar para nossos amigos.

Junior despediu-se de Gabriel, foi até o refeitório e, de lá, conversou com todos. Michele disse que só poderia visitá-los no final de semana. Como o emprego era recente, ela não poderia abandonar tudo assim, rapidamente, e pediu, por favor, que ele a mantivesse informada de tudo. Leandro e Heller estavam trabalhando e prometeram passar lá mais tarde. Xande foi o único que conseguiu faltar ao trabalho. Ele acordou cedo, passou no apartamento e pegou todos os cadernos de anotações do Gabriel.

– Já estou a caminho do hospital! – disse Xande ao telefone.

Quando chegou ao hospital, eles conversaram e Junior explicou tudo o que o médico tinha lhe dito sobre o estado de saúde do Gabriel. Eles então entraram no quarto, mas Gabriel estava dormindo. A enfermeira, que passava em frente, disse que havia lhe dado um leve sedativo e que ele dormiria o dia todo até os antibióticos fazerem efeito. Junior então pegou os cadernos, a maioria contendo apenas os rabiscos matemáticos do Gabriel, que Xande pegara sem necessidade. Porém, em um deles, estava o telefone dos pais de Gabriel.

Junior ligou e, só depois de diversas tentativas, conseguiu falar com sua mãe do amigo. Ela ficou muito abalada e disse que estaria, naquele mesmo momento, pegando o voo para o primeiro voo ao Brasil para visitá-lo.

No final da tarde, com a visita de Leandro e Heller, Gabriel abriu os olhos. Sua aparência estava um pouco melhor, mas ainda estava muito abatido. Xande e Junior tentaram falar com ele, sem sucesso. Ele apenas os observava. Parecia tentar falar, mas nenhum som saía de sua boca, era como se metade do rosto dele não conseguisse se mexer. Os dois, preocupados, chamaram a enfermeira.

– Junior, começaremos uma bateria de exames. Precisamos entender o que está acontecendo com ele. Tudo é muito recente e o estado dele ainda

não é bom. – disse a enfermeira, do lado de fora do quarto, sem que Gabriel escutasse. – Você conseguiu falar com os familiares dele?

– Sim, consegui. A mãe dele disse que pegaria um voo ainda hoje para cá.

– Ótimo. Eles são de onde mesmo?

– Cidade do Panamá.

– E chegam em quanto tempo?

– Voos diretos são difíceis de conseguir. Mas, se não me engano, Gabriel me disse que, quando ele ia para lá, levava de 9 a 14 horas, em média. Dependendo das conexões. Mas amanhã é certo que ela chegue.

– Tudo bem. Pelo menos você conseguiu falar com eles, isso é muito importante. Vou chamar a equipe médica, você e seu amigo podem continuar aqui no quarto se quiserem. Ou podem ir para casa e voltar mais tarde. Os exames são demorados e vocês não poderão acompanhá-lo na maioria deles.

– Eu prefiro ficar.

– Você é quem sabe. Mas, realmente, não será necessário, já que ele não ficará no quarto. Se quiser ir para casa, eu anoto seu telefone e faço questão de te ligar caso haja alguma alteração no quadro clínico.

– Pode ser. Se você puder fazer isso por mim, agradeço.

– Faço sim, claro.

Junior passou seu número e, relutante, foi com Xande para casa. No dia seguinte, logo após o almoço, voltou ao hospital sozinho. Ao entrar no quarto, viu apenas uma mulher que ele reconheceu na hora: a mãe do Gabriel.

– Olá, você deve ser o Junior. Gabriel me mandou algumas fotos suas por e-mail.

– Sim, ele me falou que a senhora não tinha perfil nas redes sociais.

– Não. Além de não gostar, não tenho tempo para isso. Nossa vida é muito agitada por lá por conta do meu marido, que é um político muito famoso.

– Sim, ele já me contou brevemente sobre isso. Aliás, onde está o Gabriel?

– Fazendo mais exames, segundo a enfermeira – ela olhou para os lados e viu os cadernos de Gabriel. Junior explicou a ela sobre aqueles

rabiscos e contas que ninguém entendia.

– O Xande, com a intenção de me trazer seu telefone, acabou trazendo estes cadernos a mais. São contas do Gabriel. Ele passa as horas vagas rabiscando estes cadernos.

– Ai, ai, ai. Meu filho não perdeu essa mania! – disse ela, olhando os cadernos.

– Ele sempre fez isso?

– Sim, desde pequeno.

– Sério?

– Na escola, por conta de uma brincadeira, começou a criar um código só dele. Um código simples, mas que raras pessoas entendem.

– Código? Como assim? – Junior perguntou surpreso.

– É simples. Ele e o amiguinho dele, na escola, para trocar informações sem a professora ou outros saberem, inventaram este código numérico. Pelo que estou vendo aqui, não existe nenhum número sem sentido. São todos códigos. E, todos estes cadernos, pelo que estou vendo, são na verdade um diário – Ela, que já havia decorado muitos dos números, conseguiu ver claramente que se tratava mesmo de um diário.

Junior, curioso, perguntou a ela como aqueles códigos poderiam ser decifrados.

– Eu te explico, sente-se aqui. A lógica é muito simples, – ela abriu um dos cadernos – mas se você não conhecer, não conseguirá decifrar o código.

A mãe de Gabriel sentou-se na cama, pegou um papel em branco e escreveu nele todas as 26 letras do alfabeto: A – B – C – D – E – F – G – H – I – J – K – L – M – N – O – P – Q – R – S – T – U – V – W – X – Y – Z. Em seguida, ao lado de cada letra, ela inseriu os números de 1 a 26 em sequência. Logo, sua pequena tabela ficou desta forma:

A: 01	G: 07	M: 13	S: 19	Y: 25
B: 02	H: 08	N: 14	T: 20	Z: 26
C: 03	I: 09	O: 15	U: 21	
D: 04	J: 10	P: 16	V: 22	
E: 05	K: 11	Q: 17	W: 23	
F: 06	L: 12	R: 18	X: 24	

– Entendi. Então, cada número composto por dois algarismos é uma letra?

– Sim, isso mesmo.

– E quando tem 00?

– É um espaço entre as letras. Ele só não elaborou códigos para ponto, vírgula, exclamação, acentos e caracteres especiais. Como eu disse, essa codificação começou com uma brincadeira da escola e é muito simples mesmo.

– Entendi. Muito obrigado por explicar.

– De nada. Ele é um menino querido e gosta muito de você. Sempre que me ligava falava de você, e muito bem. Fico feliz por ele ter alguém bacana ao seu lado.

– Obrigado.

– Bom, como ele não virá novamente para o quarto, vou aproveitar minha visita ao Brasil e resolver algumas coisas por aqui. Caso aconteça algo, você pode me ligar? Por gentileza?

– Claro! Ligarei sim, pode deixar.

A mãe de Gabriel se despediu e deixou Junior ali no quarto do hospital, com aqueles cadernos. Como não tinha nada para fazer, Junior resolveu decifrar alguns dos escritos de seu amigo. Foi exatamente naquele momento que ele se recordou do primeiro número que Gabriel havia lhe dado, semanas depois de se conhecerem, e que nunca mais tinha saído de sua carteira. Sim, aquele número que Gabriel havia até decorado e que se parecia muito com aqueles códigos:

200500011315.

Junior nem imaginava que isso era, de fato, um código. Só sabia que era um número da sorte, que Gabriel havia calculado especialmente para ele e que ele jamais deveria perder. Então, ao traduzir, ele teve uma das maiores surpresas de sua vida. Aquele número era uma declaração de amor. Uma declaração que dizia:

TE AMO

Sem saber o que fazer, Junior, surpreso e sem acreditar no que lia, olhou a capa de todos os cadernos e notou que todos eles tinham a mesma

sequência inicial:

10211409151800050007010218090512
102114201519001601180100190513161805

Quando traduziu as duas linhas numéricas, seguindo a mesma tabela de códigos, a tradução o surpreendeu novamente. Dizia:

JUNIOR E GABRIEL
JUNTOS PARA SEMPRE

1021140915180001071518010005192015210003151300132109201500191
5141500130119001401150003151419090715001601180118000405001605
1419011800051300172101142015002215030500050005191605030901120
0161518000116011805030518000513001309140801002209040100010718
0104050315000100040521190020150415190015190004090119001615180
0200518000315121503010415002215030500051300130521000301130914
0815002005000113150002150100141509200500042118130100020513

OceanofPDF.com

1021140915180001071518010005192015210003151300132109201500191
5141500130119001401150003151419090715001601180118000405001605
1419011800051300172101142015002215030500050005191605030901120
0161518000116011805030518000513001309140801002209040100010718
0104050315000100040521190020150415190015190004090119001615180
0200518000315121503010415002215030500051300130521000301130914
0815002005000113150002150100141509200500042118130100020513

CAPÍTULO 24

Junior ainda não conseguia acreditar no que estava lendo. Mesmo levando tempo para decifrar cada código, cada página, ele deparava a cada minuto com os fragmentos dos sentimentos, até então ocultos, de Gabriel por ele. Foi quando, decifrando mais algumas partes, algumas coisas começaram a fazer sentido, pois não eram apenas declarações de amor, e sim explicações de por que Gabriel fazia tudo aquilo e havia tanto tempo.

“Junior, toda relação amorosa um dia acaba. Leandro me disse isso. Eu fui pesquisar sozinho e descobri mais coisas. Coisas que nem ele sabe. Sim, Junior. Descobri que o único jeito de ter você, para sempre, é não tendo você. Acredita nisso, Theus? Você acredita nisso, meu amado Junior?”

E Junior ia traduzindo, cada vez mais rápido, os pequenos textos.

“Estou aqui te olhando. Você dorme como um anjo. Tenho vontade de te agarrar. De te beijar. De te fazer carinho. De te pegar no colo. Amo tanto você, Junior. Amo desde a primeira vez em que o vi. Na verdade, não acreditei quando o vi pela primeira vez. Você não é igual, claro que não, mas você é muito parecido com o Marcos, meu amigo que eu lhe disse que morreu em um acidente de carro. Na verdade, a história não é bem essa. Um dia eu te conto. E ele também não era apenas um amigo, ele foi meu primeiro e único namorado. É verdade! Quando vim ao Brasil pela primeira vez, eu o conheci e nos apaixonamos. Por isso nunca mais desejei voltar ao Panamá. Eu só não contava com ele me deixando, e assim tão cedo, por causa dessa infeliz droga. Malditas são as drogas do mundo! Eu sofri muito com a perda dele. Foram incontáveis anos. Até então, nunca

havia imaginado encontrar novamente alguém por quem me apaixonaria. Pelo menos não até você aparecer em minha vida. Meu querido Theus. Meu querido Junior!”

Junior, a cada texto traduzido, emocionava-se mais. Foi então que, desesperado, sozinho naquele quarto de hospital, ele ligou para Leandro e pediu que ele viesse encontrá-lo imediatamente. Enquanto esperava, com lágrimas nos olhos diante de tanto amor declarado pelo amigo, ele continuava traduzindo.

“O motivo de eu não me declarar Theus é simples. Já parou para ver quantos casais se formam e se separam? Pode levar dias, semanas, meses ou anos, mas a maioria deles um dia acaba. E é isso que eu quero evitar com você. Se formos só amigos, talvez possamos ficar juntos pelo resto de nossas vidas. Tudo bem que falta o sexo. Ah, o sexo! Tenho vergonha de lhe dizer isso, mas eu me masturbo tanto pensando em você. Eu te desejo muito mesmo. Mas ainda não é tempo de tentarmos algo. Eu faria facilmente sexo com qualquer amigo meu, você mesmo sabe disso. Mas eu sei que você não. E meu medo é que isso abale nossa amizade. Talvez mais para a frente você entenda e possa, quem sabe, separar as coisas. Amor e sexo não necessariamente devem caminhar juntos, diz um dos teóricos que eu estudei. Ele fala que o futuro das relações será termos vínculos afetivos e sexuais, de maneira superficial, com alguns poucos amigos. Que seremos seres completos e não precisaremos mais tanto do outro, daquele amor romântico, sufocante. Será? Eu ainda não sei. Só sei que, neste momento, o meu medo de te perder é tão grande que eu prefiro não começar nada. Se a gente não começar, a gente não termina. Não tem como terminar algo que não começamos, concorda? Agora descanse. Sempre escrevo mais à noite, quando eu posso te observar dormindo, cuidar de você e ver, de fato, o quanto você se tornou importante na minha vida. Te amo, Junior. Sempre te amarei.”

Junior, ao ler aquelas palavras, começou a chorar. Ele, que queria tanto um amor sincero ao seu lado, não imaginava que já possuísse um tão próximo e tão desejado. Foi então que, não percebendo as horas passarem durante aquelas traduções numéricas, viu Leandro chegar.

– Oi, Junior, o que aconteceu? Cadê o Gabriel? – Leandro, ao ver Junior em prantos, entrou às pressas no quarto.

– Calma, ainda não aconteceu nada. Feche a porta. Preciso te contar outra coisa.

– Está bem, conte. Você me deixou desesperado. Larguei tudo e vim ver o que havia acontecido, já imaginando o pior.

– O Gabriel não melhorou. Passou por cirurgias, fizeram exames e não conseguiram detectar o motivo dos desmaios. Só a leucemia, que é grave. Mas eu quero te falar sobre estes cadernos – Junior mostrou-os a Leandro, inclusive com suas anotações a lápis, decifrando alguns daqueles códigos.

– Estes são os cadernos do Gabriel! Mas, espera... – ele olhou as anotações de Junior. – São códigos? – disse, surpreso, assim que percebeu.

– Sim, são códigos! Na verdade, são declarações de amor!

Leandro leu as anotações na capa de um deles, em que estava escrito “Junior e Gabriel, juntos para sempre”. Então, começou a olhar algumas das traduções feitas por Junior.

– Não acredito no que estou lendo. Até hoje nunca vi algo tão puro como isso em minha vida – Leandro, que tinha anos de experiência com casais, começou a chorar.

– Pois é, sempre desejei um grande amor, e ele estava a todo momento do meu lado. Cuidando de mim.

– É verdade. De um jeito diferente, mas sim, um amor realmente forte e maravilhoso! – disse Leandro, vendo todos aqueles cadernos.

Os dois se abraçaram e começaram a chorar de soluçar. Até que a notícia inesperada chegou.

– Sr. Prometheus?

Junior e Leandro, que choravam muito, se separaram, colocaram os cadernos sobre a cama e prestaram atenção ao que uma médica desconhecida, que acabara de entrar no quarto, tinha para falar.

– O Sr. Gabriel teve sérias complicações. Ele teve um novo desmaio e, com a falta de oxigênio no cérebro, mais um problema cardíaco, ele não resistiu e veio a falecer há poucos minutos. Lamento – disse a médica sem rodeios.

– Não! Não! Não pode ser! Eu preciso vê-lo. Eu preciso falar com ele. Ele não pode fazer isso comigo! Ele não pode! – Junior começou a gritar. Leandro, que também não acreditava no que tinha acabado de escutar, segurava Junior com força.

– Não! Não! Eu preciso vê-lo, doutora, eu preciso falar com ele... – lentamente, Junior perdeu as forças e caiu no chão.

Leandro, não sabendo o que fazer, apenas o consolava abraçando-o fortemente, enquanto sentia a mesma dor pela perda do amado Gabriel.

1305210017210518090415002008052119001905001415191901000809192
0151809010004050001131518001905000315140312210918002215210017
2105180518001721050020150415190003151408050301130005120100050
0200514200513000513001921011900220904011900200518001500130519
1315000113151800172105001415190004150919002005131519002005000
11315

1305210017210518090415002008052119001905001415191901000809192
0151809010004050001131518001905000315140312210918002215210017
2105180518001721050020150415190003151408050301130005120100050
0200514200513000513001921011900220904011900200518001500130519
1315000113151800172105001415190004150919002005131519002005000
11315

CAPÍTULO 25

Semanas se passaram. O mundo ficou frio e sem cor. Junior continuou morando no apartamento de Gabriel. A mãe do amigo, sabendo dos cadernos e da declaração de amor de seu filho, havia transferido todos os bens dele a Junior.

– Junior, foi um choque para mim a notícia de que meu filho era apaixonado por você e, antes, por outro rapaz – disse ela naquela mesma semana. – Eu não esperava isso, de verdade! Peço desculpas por minha sinceridade – falava com o olhar triste. – Queria que ele se casasse com uma mulher, tivesse filhos e me trouxesse muitas alegrias. Não que ele não conseguisse me trazer com outro homem. Você me entende, não?

– Entendo. Entendo que não é fácil para uma mãe aceitar isso – Junior, que ainda não acreditava no que havia acontecido, lembrou-se também de sua falecida mãe.

– Mas, mesmo assim, eu aceito meu filho do jeito que ele é, ou foi – disse ela, ainda muito triste. – Só que hoje nada mais podemos fazer. Nada mais. Nosso Gabriel se foi. Nosso amado Gabriel.

Os dois, sozinhos naquele apartamento, se abraçaram e começaram a chorar. Ela, uma mulher de negócios, sempre forte e firme, realmente não conseguia controlar sua dor. Com dificuldades, ela continuou.

– Mas sabendo do amor puro que ele sentia por você, vou transferir este apartamento e tudo o que ele tem para o seu nome. – Antes que Junior começasse a falar, ela continuou – E eu faço questão! Sei que esta é a melhor decisão. E que ele, esteja onde estiver, vai ficar feliz com isso.

– Muito obrigado. Não sei o que dizer.

– Não diga nada, apenas aceite. Você não está ganhando apenas os bens dele, está ganhando minha amizade – disse ela, olhando em seus olhos.

– Assim como ele cuidava de você, eu também vou cuidar. Você tem meus telefones e podemos nos falar sempre. Qualquer problema que você tenha, eu virei visitá-lo. Só te peço um favor.

– Pode falar.

– Toma cuidado com o mundo. Homens ou mulheres, tem muita gente interesseira. Gente que mora longe, vem para a capital, não tem onde ficar e finge amor. E fingem muito bem. Felizmente, não foi o que aconteceu entre você e meu filho. Eu sei que, mesmo que demore, você vai encontrar novamente um grande amor. E eu farei questão de ser a madrinha de casamento. Você merece todo o amor do mundo!

Aquelas palavras doíam na alma. Junior não queria um novo amor, queria Gabriel. E, a todo momento, ele pensava em seu anjo. “Por que, meu Deus, ele não tentou algo comigo? Por que ele não se declarou? Eu tinha o direito de saber! Eu passei por tantas coisas em minha vida até chegar aqui! Por que ele fez isso comigo? Medo de a gente terminar? Não queria me ter para não me perder? Que idiotice! Isso é muito injusto. Ele sabia que eu queria um grande amor. Ele estava ao meu lado e nunca me falou nada. Deveríamos ter pelo menos tentado. Iríamos começar e um dia terminar? Talvez. Mas como iríamos ter certeza se não tentássemos? E outra, poderíamos abrir a relação, poderíamos discutir outros rumos e pensar em novas possibilidades. Por que você fez isso comigo, Gabriel? Por quê? Tínhamos um futuro juntos pelo resto de nossas vidas. Mas agora é tarde, você me deixou. Você não tentou.

Você.

Não.

Tentou.”

FIM

FIM

OceanofPDF.com

Gostou?

Entre no site da Amazon e registre seu comentário (incentive o autor e a editora!):

<http://www.amazon.com.br/gp/product/B00XOO003G>

Compre a versão impressa, empreste para amigos, divulgue!

Lembrando que o livro Theus NÃO É VENDIDO EM LIVRARIAS, para comprar a versão impressa (196 páginas, formato 14x21cm), apenas neste link (no final do pedido, insira o cupon “theus15” e ganhe 15% de desconto!): <http://editoraorgastica.com/produto/livro-theus-do-fogo-a-busca-de-si-mesmo>

Curta o Facebook do livro THEUS:

www.facebook.com/livrotheus

Se você mora em São Paulo/SP, pode comprar a versão impressa do livro APENAS na Banca de Jornal MastroRosa, que fica na Rua Vieira de Carvalho, 10, ao lado da Praça da República.

Mais livros do autor? Visite sua página:

<http://www.fabricioviana.com>

Mais livros com temática LGBT? Visite o site da Editora Orgástica:

<http://www.editoraorgastica.com>

.

OceanofPDF.com

Table of Contents

<u>CAPÍTULO 1</u>
<u>CAPÍTULO 2</u>
<u>CAPÍTULO 3</u>
<u>CAPÍTULO 4</u>
<u>CAPÍTULO 5</u>
<u>CAPÍTULO 6</u>
<u>CAPÍTULO 7</u>
<u>CAPÍTULO 8</u>
<u>CAPÍTULO 9</u>
<u>CAPÍTULO 10</u>
<u>CAPÍTULO 11</u>
<u>CAPÍTULO 12</u>
<u>CAPÍTULO 13</u>
<u>CAPÍTULO 14</u>
<u>CAPÍTULO 15</u>
<u>CAPÍTULO 16</u>
<u>CAPÍTULO 17</u>
<u>CAPÍTULO 18</u>
<u>CAPÍTULO 19</u>
<u>CAPÍTULO 20</u>
<u>CAPÍTULO 21</u>
<u>CAPÍTULO 22</u>
<u>CAPÍTULO 23</u>
<u>CAPÍTULO 24</u>
<u>CAPÍTULO 25</u>